

JOAO FERREIRA DIAS



Um Agosto  
Português

HÁ VIDAS QUE DURAM  
UM MÊS INTEIRO

UM AGOSTO PORTUGUÊS

# UM AGOSTO PORTUGUÊS

HÁ VIDAS QUE DURAM UM MÊS INTEIRO.

JOÃO FERREIRA DIAS

# UM AGOSTO PORTUGUÊS

JOÃO FERREIRA DIAS

COPYRIGHT 2017 © JOÃO FERREIRA DIAS

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro poderá ser impressa ou reproduzida sem a autorização do autor. Direitos registrados em Copyrighted.com. Livro disponibilizado de forma gratuita por decisão do autor.

ISBN (provided by createspace): 978-1544020624

## O AUTOR

*João Ferreira Dias* é Investigador universitário nas áreas de Antropologia Religiosa e História Religiosa, enfocando temas de Religiões Africanas. *Um Agosto Português* é o seu romance de estreia.

Página pessoal: [www.joaoferreiradias.net](http://www.joaoferreiradias.net)

JOÃO FERREIRA DIAS

Para a minha família, pelo apoio e incentivo permanente.  
Este livro é tanto meu quanto vosso. Ninguém escreve sem amor.

Um obrigado ao Francisco Chaveiro Reis  
pela leitura e comentário ao longo da obra.

## NOTA

---

O presente romance é inspirado em factos e pessoas reais.  
A elas o meu agradecimento por viverem as suas vidas exatamente  
assim. De outra forma não seria possível esta narrativa.

Os lugares aqui constantes são fruto da imaginação de quem gosta de  
conjugiar lugares criando cenários pitorescos.

I  
2009

JAIME COMPLETARA dezoito anos na noite anterior. Celebrara noite dentro com os amigos de sempre, companheiros de brincadeiras infância fora, compinchas nas armadilhas de guerra tal qual Robin dos Bosques, e claro, camaradas nas imensas tardes de Primavera e Verão nas margens do rio Sereno. À medida em que ia crescendo faziam-se as tardes com atividades diversas que iam da pescaria com canas rudimentares e um novelo de fio de pesca trazido da garagem convertida em oficina do avô, até às partidas de futebol, que terminavam sempre com incontáveis picos nos pés e um sem fim de idas à água para ir apanhar a bola que sempre fugia do relvado improvisado beira-rio, que de estádio de futebol só tinha, na realidade, o tom verde das ervas sob os pés. A tudo isto sempre se justavam alguns cortes nas palmas dos pés e das mãos de descer as rochas, junto à margem, na captura da bola antes de a corrente do rio, sempre

descendo a vila rumo ao seu fim, a levar. De março a outubro as tardes repetiam-se, intensificando-se com os meses gordos e dias longos, quando as mochilas e os cadernos eram postos de lado e o que interessava era mesmo aproveitar as férias de Verão. Em setembro, já se sabia, anunciava-se sempre mais do mesmo: as primeiras chuvas, as chuvas mais fortes daí em diante, as mochilas, os cadernos novos, os livros novos, as aulas intermináveis, os testes, os nervos, as conquistas e fracassos. Os colegas, naturalmente, eram os mesmos. As pequenas localidades não tinham muito por onde captar rostos novos e se, por qualquer acaso, alguém novo surgisse era logo tomado como *the next big thing*.

Todavia, o tempo ia passando e se o futebol era uma constante, as outras brincadeiras, as aventuras e a magia que os lugares emanavam de si mesmos iam-se tornando, ano após ano, memórias da infância, doces recordações de tempos passados. Às brincadeiras junto à água e no coração do pinhal, à bicicleta e variados desafios, sucederam-se os primeiros amores, a descoberta das paixões arrebatadoras da adolescência, o coração batendo contra as paredes do peito a velocidade vertiginosa, o estômago enrolando de ansiedade, a comida que não descia, o sono que não vinha quando a almofada era inimiga e confidente. As músicas alegres no *walkman*, já antigo,



herança da juventude, deram lugar a canções melancólicas de amores e desamores, sofrimento, lágrimas e esperanças, encontros e desencontros. Depois das longas horas das noites tristes, voltavam as manhãs e a ansiedade dos olhares, do cruzar nas escadas da escola, nos corredores e intervalos das aulas (o velho recreio da infância). Nas conversas entre amigos a atitude machista sobressaía, afinal emoções é domínio feminino. No auge da exposição sentimental saía-lhes o “gosto dela”. No mais, regra geral, a coisa ficava-se pelo brejeiro, pelo calão.

E porque, na verdade, os rostos iam sendo os mesmos, ano após ano, quando dois jovens se apaixonavam e começavam a namorar já se sabia que as probabilidades de dali sair casamento eram elevadas. No fundo, as probabilidades de casamento acompanhavam as probabilidades do rapaz ingressar nos bombeiros, guarda florestal ou com sorte alguma função administrativa na junta de freguesia. A moça era mais certo que fosse sentar-se na máquina de costura da fábrica de camisas do Dr. Azevedo ou à secretária dos telefones da junta de freguesia. Em segredo os pais faziam os planos para o casal, nem sempre com entusiasmo exagerado, afinal eles bem sabiam que a doçura da juventude passava depressa e a vida no interior de Portugal pouco tinha para oferecer. A festa do casamento seria o ponto alto,

com a matança do porco, o vinho da colheita do ano anterior, e a vinda dos primos que estavam lá em Paris “da França” ou em Lisboa, a capital. Os mais jovens olhavam para toda essa psicologia rural com um misto de desdém, inevitabilidade e desespero. Sabiam que a realidade que viam pela televisão era bem diferente da sua, mesmo que já tivessem telemóveis, televisão por cabo e outras “modernices” como diziam os avós, ainda mais rurais que os seus pais, pessoas que haviam feito da enxada a muleta da sua existência. Pouco tinham dado pela ditadura. Toda a vida no campo, a lavoura, os legumes e cereais tinham sido as suas manhãs e tardes. As noites chegavam cedo, regadas a vinho, sopa, pão e a cansaço. Havia sido as festas da aldeia que serviram para uma vez por ano mudar a rotina dos dias, com a azáfama dos andores, da limpeza da igreja, a preparação das mesas, o ensaio da banda e do rancho folclórico, a organização da quermesse e dos fogos, e a colheita de dinheiro para contratar alguém que cantasse os êxitos da rádio que fazem do bailarico o momento alto das festividades.

Na verdade, ali, na aldeia de Pomares de Beira Sereno, as festas de Verão foram e são o ponto alto. Jaime lembra-se bem de ouvir o avô Joaquim contar histórias sobre as festas da aldeia, nos tempos “do antigamente”.

## II 1945

JOAQUIM ACORDOU CEDO. O rapaz mais popular da aldeia, campeão do jogo da malha e exímio bailarino sabia que esses títulos só lhe valiam durante o período de festas na aldeia, o resto do ano Joaquim trabalhava duramente na lavoura, numa terra agreste e rochosa, que felizmente tinha o Sereno para a amolecer, preparando-a para que a enxada pudesse cumprir a sua função. Durante os meses quentes, altura em que o caudal do rio baixava razoavelmente, Joaquim valia-se do sistema de rega implementado por seu pai, António José, que consistia num vasto conjunto de tubos pretos unidos entre si que, com a ajuda de um motor, puxava água do rio. Apesar de simples o mecanismo resultava na perfeição havia dez longos anos. A única manutenção que exigiam era a troca de braçadeiras de dois em dois anos, quando a ferrugem tomava conta das anteriores. Apesar de tudo Joaquim não tinha boas recordações do período em que andou a montar o sistema. Aliás, bem vistas as coisas, Joaquim não tinha boas

recordações de coisa alguma relacionada com a lavoura. Todavia, não parecia haver mais nenhuma ocupação por aquelas bandas. As notícias do mundo lá fora chegavam pela telefonia, e por mundo lá fora Joaquim tinha Lisboa e o Porto, mas particularmente a capital, para onde algumas moças prendadas da aldeia iam servir como criadas. Esse havia sido destino de Julieta, a moça loira da aldeia, filha bastarda de um inglês que por ali havia andando a construir a estrada nacional que ligava Pomares de Beira Sereno a Guimarães. Todos lhe chamavam “Yes”, devido à facilidade de pronunciar e ao uso abusivo que o dito fazia da mesma. Na verdade o senhor “Yes” dava pelo nome de Thomas Flanagan e era funcionário de uma empresa, a Smith & Lloyd Co., que havia feito um acordo com o Estado para a construção das estradas da região, um acordo na verdade muito bem desenhado pelo governo português segundo diziam os engenheiros portugueses aos capatazes das obras. Thomas Flanagan era um tipo bastante informal para inglês, pelo menos para a ideia que se tem vulgarmente de um inglês, o que equivale a dizer que era bastante afável, simples e com uma gargalhada potente. Era homem dos seus um metro e noventa, o que contrastava bastante face aos portugueses da época, louro e de barba bem desenhada. Era um misto de vitoriano com engenheiro civil, o que se refletia no seu cachimbo e galochas. Corria o

boato pela aldeia de que se havia amantizado com uma certa moça que trabalhava na lavoura. Os boatos e suspeitas vieram a confirmar-se, com absoluta certeza, nove meses depois, quando a criança deu os primeiros berros e o padre se recusou a fazer o batizado. Julieta, a criança, cresceu sempre na lavoura e mal fora à escola, afinal corria na aldeia a cusquice de que a pobre coitada tinha a marca do diabo: bonita e sem batismo. Ainda para mais nem havia conhecido o pai, já que Thomas tinha-se escapulado de volta a terras de sua majestade mal soube da gravidez, deixando a mãe de Julieta, Gertrudes, solteira, sem dinheiro, grávida, e desgraçada. Por isso não foi com estranheza que a aldeia a viu partir para Lisboa, para casa de um viúvo rico que havia estado por aquelas “bandas”, à compra da uva para o vinho. Sobre ele sabia-se pouco, a não ser o importante facto de que chegou de automóvel, coisa rara na aldeia de Pomares de Beira Sereno.

Joaquim, que tinha um espírito dado à contradição, deu para se enamorar de Julieta, mas as suas tentativas de aproximação não deram em nada, por um lado porque a jovem era demasiado desconfiada (desconfiança que a sua mãe alimentava, fruto da sua própria experiência pessoal, coisa que aliás não podemos levar a mal, bem vistas as coisas), e por outro porque o pai de Joaquim que não era tolo, bem via os olhares que este deitava à jovem, quando andava na

lavoura; afinal o terreno de António José era no cimo da encosta, e do de Gertrudes na base. Portanto, quando Julieta partiu, Joaquim foi à estação de camionetas, tirou o boné e levou-lhe uma rosa. Um sorriso foi o mais que conseguiu arrancar de Julieta. Nunca mais a tornou a ver. O desgosto entregou Joaquim à filha de um amigo de seu pai, que apareceu com a moça, um ano mais nova que Joaquim, e que fazia arranjos num canto da oficina de seu pai, o sapateiro de Vale de Cidreiras. Odete não era bonita nem feia, era o que era, uma moça tímida, trabalhadora e honesta, e isso era o quanto-baste em vidas sem grandes esperanças.

Odete apareceu na festa de Nossa Senhora de Pomares de Beira Sereno, com um vestido florido mas discreto, a mostrar os tornozelos e com mangas abaixo do cotovelo. Ia tímida ao lado do pai, pouco mais alto do que ela, embora mais curvado das horas perdidas no ofício. Manuel Simão, era o seu nome, havia feito amizade com António José na tropa, e o feliz reencontro entre ambos tornar-se-ia mais do que estes poderiam esperar.

António José conversava com os aldeões sobre coisas da terra, sobre a chuva, a seca, os jogos de cartas e os fogos-de-artifício que estariam para vir. Fora com grande surpresa que reencontrara Manuel Simão.

- Aquele que lá vem não é de cá...

Comentou Zeca Esteves, o taberneiro.

Todos se voltaram e foi com grande espanto que viram António José sair de braços abertos e sorriso largo em direção ao desconhecido.

- Manel!, o que te traz por estas paragens?
- Epah, bons olhos te vejam Tózé! Eu sempre te disse que haveria de vir à tua terra... bem, a vida atrasou-me os planos, mas cá estou finalmente.
- E que é esta moça que trazes contigo?

Perguntou António José, já calculando que se tratasse da filha do amigo – que na tropa estava noivo de uma moça da sua terra-, mais a jeito de conversa do que outra coisa.

- Esta é a minha Odete, a minha filha, faz vinte anos e eu prometi-lhe que a trazia às festas de Pomares de Beira Sereno.

Foi nestes entretantos que surgiu Joaquim, que vinha alegre como só ficava nas festas e bailaricos. Trazia a boina torta, a camisa desfraldada e um copo de vinho na mão.

- Viva pai!

Disse anunciando a sua presença, a jeito de curiosidade perante dois rostos desconhecidos.

- Ora ainda bem que cá me apareces, rapaz. Deixa-me apresentar-te o meu velho amigo Manel, que foi camarada da tropa e a sua bela filha.

Joaquim cumprimentou afavelmente o homem, e fez um gesto com a cabeça e atirou um “muito prazer” a Odete. Ficaram-se assim por uns segundos, que pareceram a Odete uma eternidade, até que António José deu a deixa a Joaquim:

- Então não convidas a moça para bailar? Que raio de anfitrião és tu? Olha que é o aniversário dela!
- Ah, nesse caso... tenho a honra?

Perguntou Joaquim oferecendo o seu braço, o seu sorriso e a sua cordialidade de autoconfiante.

Odete corou mas deixou-se conduzir. Joaquim era o tipo de rapaz que lhe agradava, que ela observava de longe mas que não tinha



coragem de dizer olá. Ademais, as boas moças não se metem com os rapazes. E ajeitava sempre a saia quando pensava nestas coisas, ainda que sozinha.

Joaquim não ficou impressionado com a sua beleza, mas a sua timidez agradou-lhe. Dançou bastante com ela, ao ponto de tal facto ser notado por todos na festa, inclusive ambos os pais e, bem assim, a mãe de Joaquim, já que a mãe de Odete tinha ficado em casa entregue às arrumações do lar.

Já exaustos da dança e quando a música se tornou demasiado “lamechas” para o gosto de Joaquim, foram até ao bar e Joaquim ofereceu a Odete uma Coca-Cola, a primeira que Odete tomava. Claro que Portugal nos anos de 1940 nada tinha a ver com os Estados-Unidos, e portanto Odete ao longo da vida poucas mais Coca-Colas bebeu a não ser já idosa, quando a gulosice da idade e o saudosismo lhe bateram à porta. Antes da noite acabar Manuel Simão levou a filha, não sem antes esta combinar com Joaquim um encontro para a noite seguinte, altura em que os fogos-de-artifício fechavam as celebrações de Nossa Senhora de Pomares de Beira Sereno. Na verdade Odete nunca apareceu, e ficou ponto assente que Joaquim teria de ir até ao pai desta para a poder ver.

Voltar a ver Odete era algo que estava longe dos planos de Joaquim, coisa que o seu próprio pai havia estranhado e tomara o facto como tema de conversa com sua esposa, a mãe de Joaquim, Hortense.

- Ó Hortense estranho aquele rapaz... “atão” não é que depois de ter dançado toda a noite com a filha de meu amigo Manel, nunca mais fez tensão de a ver?!
- Ó Tózé fala-lhe tu homem.
- Não, deixa-o andar que ele há-de cá vir.

A verdade é que os meses foram passando, primeiro o Outono, depois o Inverno. Esse Inverno havia sido chuvoso, bem mais do que o habitual, quero dizer. Toda a colheita havia sido destruída, sem dó nem piedade, e nem as promessas à Santa Padroeira lhes valiam. A continuar assim no ano seguinte nem festa rija quanto mais um belo andor haveria. Todo o infortúnio que se tinha abatido sobre a aldeia de Pomares à Beira Sereno, e com ela sobre o teto da família Roseiras, entenda-se Joaquim e seus pais, factos que fizeram dos amores de Joaquim um tema menor.

Joaquim não mais havia pensado em Odete. A dureza da terra, os socalcos que lhe haviam envelhecido as pernas, as dores à noite, o frio,

a chuva, os animais mais magros, tudo contribuía para que a cabeça de Joaquim se ocupasse de tudo menos de Odete, e se por qualquer raio de sol o seu coração se aquecia era por Julieta que o fazia, não por Odete. Na verdade, inconfessadamente, Joaquim alimentava a esperança de que Julieta voltasse numa tarde sol, com as árvores em flor, que lhe abriria o seu coração, e dançariam juntos e este, depois de vencer o torneio de malha, mais uma vez, a pediria em casamento, mesmo ali nas honras de Nossa Senhora de Pomares de Beira Sereno.

Mas, infelizmente, só em 1956 o poeta Gedeão escreveria que “o sonho comanda a vida”, por isso Joaquim não tinha onde se ancorar. Ademais, mesmo que o poema fosse de então, Joaquim não era um rapaz dado a leituras. A vida para ele era o jogo de cartas, o copo de vinho com os amigos, a malha e a festa da aldeia.

Inconfesso romântico, Joaquim decidiu abrir mão do coração e fazer de si um homem prático quando notícias corriam pela terra de que Julieta havia encontrado um pretendente bonito e rico lá pela capital, e que estava muito bem na vida, sim senhora. Sem ter como confirmar tais rumores, e sem levar em conta que “quem conta um conto aumenta um ponto”, e o conto já havia sido contado vezes sem conta, Joaquim deu consigo mesmo desfeito em lágrimas e raiva.

Atirando então o coração para uma gaveta sem uso, e quando se tornou claro que a lavoura precisava de mais braços e viu os seus amigos casarem, decidiu por fim que Odete era uma boa segunda escolha. Era uma tarde solarenga de Maio, cheia de flores, quando Joaquim decidiu chegar à beira de seu pai e falar-lhe de Odete.

- Pai?

Disse nervoso, remexendo na boina e ajeitando a camisa.

- Diz rapaz.

Falou António José sem largar a enxadinha que usava para ajeitar o canteiro de flores de Hortense. (Esta era a forma que o velho Tózé tinha de acarinhar a sua esposa – aprumando-lhe o canteiro).

- Estive a pensar e...

- Desembucha rapaz!

- Bem... mais um par de braços a modos que faz falta aqui na terra e...

- Sim?

- Bem, pensei em...

- Anda lá rapaz, tens uma alface presa à garganta?

- Ora bem...

Respirou fundo e ganhou coragem.

- Achei que se calhar a Odete é boa moça e não dava má nora.

António José riu a bandeira despregadas.

- Estava a ver que nunca mais!

Joaquim ficou atrapalhado com a situação, mas deu uma gargalhada para desanuviar o ar.

- Bem, vamos “atão” contar à tua mãe e depois de almoço vamos falar com o meu compadre Manel!

António José estava contente. Manuel Simão, “o bom Manel” como se lhe referia, tinha sido um bom camarada na dureza da tropa. Era sempre com saudade que recordava o amigo e o reencontro do ano passado havia sido particularmente feliz. E porque a vida é mesmo uma “caixinha de surpresas” como diz o povo, o velho camarada ia passar a fazer parte da família. O sorriso estava depositado nos lábios de António José – seria certamente bom fazerem a colheita, o vinho, o plantio, juntos, cada terra à vez, envelhecerem juntos com um copo e pão à mesa, em tardes de sol, lembrando a juventude, jogando cartas e a malha, criando netos e ensinando-lhes o aroma da terra. Para ele a

vida havia sido, ao menos, consideravelmente justa, apesar do ardor do trabalho da terra, coisa que ele bem sabia que dificilmente se escapava.

Joaquim suspirava em segredo. Dava-lhe alguma satisfação ver a alegria do seu pai e o contentamento de sua mãe, todavia, tal facto não chegava para que ele próprio se sentisse feliz. A bem dizer da verdade Joaquim também não sabia perfeitamente o que era a felicidade. O mais próximo que conhecia desse estado era o de ausência de tristeza, nos dias em que o sol de Outono aquecia a encosta e se sentava sob uma árvore a comer uma maçã, que descascava vagarosamente, ou o clima de euforia nas festas populares. Talvez fosse isso a felicidade, não um estado continuo mas antes um conjunto de momentos bons que faziam tudo valer a pena. Ora, como também bem sabia a vida de adulto não era melhor que a juventude, bem pelo contrário. As responsabilidades redobravam e casar era mais um estado de continuidade do que um momento de celebração da paixão. *Oh se tal seria, estivesse Julieta disposta.* Mas os queixumes de amores eram assunto seu, afinal a vida não se compraz com tais sentimentos. Os tempos e as gentes de pobreza são de *viveres* práticos: juntar terras e acrescentar braços para as lavrar, plantar e colher. Nada mais interessa. A vida é um caminho que se faz, com outras gentes, e a

família é um conjunto de pessoas que se querem bem e que trabalham para uma mesma causa. O amor é esse sentimento de união.

À medida que o tempo avançava e o casamento se tornava mais próximo, Joaquim ia visitando aos domingos Odete, acompanhando-a à missa e à preparação do casamento com o padre Matias. Todos andavam radiantes, e a felicidade dos outros era o principal alento de Joaquim. Todavia, ninguém notava a sua tristeza. O seu pai e o seu futuro sogro ocupavam-se a engordar o porco para a festança, enquanto a sua futura sogra tratava do enxoval da noiva – dizendo pela milésima vez à filha que não queria que a sua futura família disse “quando o enxoval não vai com a noiva, tarde ou nunca” – e a sua mãe ia limpando a melhor loiça, arranjando o seu melhor vestido, cozendo as meias do marido, deixando enfim tudo aprumado. Sim, porque o casamento não é coisa que se deixe pronto em meias cantigas.

Joaquim sentia-se um homem só. Apesar de não conhecer o termo “alpinista”, era como se encontrava o seu estado de espírito. A sua alma estava numa montanha imensa e aos seus pés desenrolava-se a vida sem a poder controlar. Ainda havia uma réstia, ínfima, de esperança de que tudo não passasse de um sonho mau, do qual iria acordar, e Julieta estaria na lavoura, desprezando-o, mas ainda com a possibilidade de lhe arrebatara o coração. Tudo estaria bem, ele nunca

tinha ido às festas da aldeia à custa de uma indigestão, e não conheceria Odete. Mas Joaquim sabia que por mais que engolissem em seco jamais acordaria, porque na verdade estava bem acordado. Casar parecia-lhe uma obrigação moral e social. Já era costume desde os tempos dos bisavós dos seus bisavós, ou pelo menos assim ele supunha ser. Portanto Joaquim casava porque assim mandava a tradição, da sua aldeia, do seu país presumia ele, que nunca havia botado os pés fora dos terrenos circundantes a Pomares de Beira Sereno. Se fosse hoje em dia, era homem para dizer “que cena pah”, mas isso são termos que na época não havia, e se fosse hoje ele também não era homem, mas um rapaz a embebedar-se com os amigos, a meter-se com miúdas, a “curtir” os últimos dias de solteiro. Mas então a vida era outra, outros tempos outros modos de ser. Em todo o caso Joaquim não tinha projeto de sair dali da aldeia, e nesses termos casar com Odete era um mal menor.

E enfim, lá chegou o “bem dito” dia. Era um domingo quente de Agosto. Odete mal havia dormido. Os nervos, as mesmas recomendações de sua mãe, pela milésima vez, os receios, a ansiedade do novo, a construção da família... Tudo pesava na alma de Odete, que juntava esperança e medo, sonho e receio. Vestiu-se com a ajuda da mãe e algumas amigas da aldeia, que entre risinhos de excitação



sonhavam com o seu dia, e outras que já haviam passado o mesmo suspiravam com saudades do momento ou com tristeza porque a vida não lhes havia sorrido.

Conhecer Joaquim havia sido uma surpresa. Quando pediu ao seu pai para lhe levar às festas vizinhas não era propriamente com o intuito de encontrar noivo. Longe disso. Não que no fundo não andasse com a ideia de encontrar marido, mas isso era um projeto a médio prazo. Se encontrasse melhor, senão queria tirar o máximo proveito da experiência de ver a festa, as gentes em euforia, a alegria, a cor dos vestidos, as danças, a música, a banda. E dançar, ah desejo secreto de dançar e ser arrebatada pela dança e pelo “seu” bailarino. Odete não poderia ter pedido desfecho melhor. Nesse capítulo a vida tinha-lhe dado o jackpot. Dançara, bebera Coca-Cola pela primeira vez e conhecera o seu noivo. Se tivesse mais alegria dentro de si Odete explodiria. O contraste com Joaquim não poderia ser mais claro e profundo. Longe estava ela de imaginar, de supor até, que Joaquim era a tristeza em pessoa.

Num outro quarto, aldeia vizinha, era Joaquim que se sentava na cama e passava a mão pelo cabelo. Já se havia barbeado e tomado um banho sereno. Esta semana era o segundo que tomava, mas a ocasião era singular. O fato preto - comprado a prestações ao Sr.

Cassiano, o alfaiate local, um dos homens mais respeitados de Pomares de Beira Sereno, dono do seu próprio negócio (!) – já estava vestido, faltava a gravata que ele segurava na mão esquerda, então a mão direita passava-a pelo cabelo, novamente. Todos sabemos o que o gesto significa, não é coisa de agora. O coração parecia querer saltar do peito a Joaquim. Não estava ansioso pela noite de núpcias, a coisa não era novidade para ele, que havia ido uma vez às festas de De La Romaneda e havia se dado bem com uma tal de Elsa. O que se passava com Joaquim era o medo de ser responsável por si e por uma esposa e, mais cedo ou mais tarde, por uma família.

Finalmente colocou a gravata e preparou-se para sair. “Rai’s parta a vida! Que lixe, vamos a isto!”. E foi assim, com esta determinação, como quem vai para a frente de batalha, que Joaquim se fez ao caminho e desceu as escadas, abandonando de vez o seu quarto em casa dos pais. No fundo daquelas a sua mãe aguardava-o com uma lágrima fugitiva, num misto de alegria e profunda tristeza, consciente de que este momento era um ponto de viragem, um rito de passagem. Bem, dizemos nós que esta era a sua consciência, mas há que reconhecer que a D.<sup>a</sup> Hortense não sabia mais do que assinar toscamente o seu nome, pelo que duvidamos que ela tenha se quer ouvido falar em Durkheim, quanto mais que soubesse conceitos

elementares de sociologia. Portanto, melhor será dizer que é uma coisa de mãe, que assim fica intemporal e se revela um sentimento em nada elitista. Para sentir basta ser. E assim Joaquim deu um beijo à mãe, deu-lhe o braço e saíram em direção à carroça. António José consultou o relógio – dez e um quarto da manhã. A cerimónia estava marcada daí a duas horas, era à justa, mas dava, até porque já se conta com o atraso da noiva, pois que noiva seria Odete se não se atrasa-se, ora bem – e deu uma palmada nas costas de incentivo e camaradagem ao filho. Com o casamento Joaquim adquiria um novo estatuto aos olhos do pai. Tornava-se definitivamente adulto, responsável e aí compreenderia ainda melhor o seu pai.

Como nem toda a família tinha carroça, aliás, como só António José possuía tal mordomia, no caminho iriam parar para apanhar os parentes: primos, tios, tias; e seguiriam todos à pinha, forçando os dois burros a redobrado esforço. “Ainda bem que se havia providenciado tudo com tempo”, pensou António José, que no dia anterior tinha feito o mesmo percurso para levar panelas, tachos e outros preparos para os “comes e bebes” do casamento.

Mais ou menos à hora marcada chegaram à casa da tia Maria de Fátima, irmã do pai, depois de uma viagem calma, embora o sol já começasse a esquentar. Joaquim já sentia as primeiras gotas de suor

escorrer-lhe por baixo da camisa que ficaria manchada. “Bem, ao menos o suor dos nervos fica disfarçado com o suor do calor”, pensava Joaquim, e tal facto, corriqueiro, ajudava-o a distrair-se.

Vieram os abraços dos homens, e os beijos molhados das tias, que misturavam o cheiro de alguns fritos acabados de fazer – mesmo depois das recomendações de que não os fizessem – e o perfume que herdado que só é usado em casamentos e batizados, porque nos funerais não convém ter mais destaque que o morto por uma questão de decoro. Depois disso seguiram aos solavancos até à aldeia de Odete, sempre com Joaquim sob os olhares aprovadores das tias e as palmadas de incentivo dos homens. “Isto é curioso. Todos se casam, como manda a regra da Igreja, mas depois todos me incentivam do mesmo modo que numa pega de touros, ora que raio”. Encolheu os ombros e sacudiu-se para afastar tais ideias.

- ‘Tás com frio, filho?

perguntou a tia Maria do Carmo.

- Han?

- Perguntei se ‘tavas com frio, rapaz, ‘tás para aí todo aos arrepios...

- Ah não tia, foi um danado de um bicho que me entrou pela camisa, mas já foi embora.
- Cuidado com isso rrrrrapaz que ninguém te quer fora do casamento!
- Este já não se safa!

disse um tio, entre gargalhadas, levando um pronto encontrão da irmã, Maria Antónia.

E assim se fez a viagem, chegando à hora marcada, que o senhor António José não é homem para não honrar compromissos ainda para mais este com o seu compadre Manel, ora pois. E desceram todos da carroça, ajeitando as roupas. As tias depois de se ajeitarem a si foram dar uns “retoques” no noivo e um apertão incentivador na bochecha, prendendo-a entre os dedos gordos até deixar marca. Coisas que todos temos o conhecimento prático (e não raras vezes doloroso).

Inspirou fundo e deixou o ar sair serenamente. O último ar exterior antes do casamento. A próxima vez que Joaquim pisasse a terra escura de Vale de Cidreiras estaria casado. Foi com este pensamento e este estado de espírito que Joaquim entrou na pequena Capela do Bom Jesus Redentor de Vale de Cidreiras. Um nome grande para uma capela tão pequena. Joaquim não se demorou a olhar a dita, não

apenas porque era uma capela típica do norte português (e de Portugal imaginava ele, que não sabia que no Alentejo as capelas eram caiadas de branco e com traça arquitectónica simplista e de herança árabe, em bons casos), em pedra bruta, simples mas profunda como a paisagem, com bancos corridos de um lado e do outro, ocupados pelos familiares do noivo e da noiva, respetivamente, e com um altar esse sim bem adornado, com alguns santos, e com Jesus Cristo no alto (salvo seja, uma imagem dele, a bem dizer), mas acima de tudo porque se trata de uma capela que Joaquim já conhece, por causa das reuniões de preparação para o casamento que o padre Matias insistiu em fazer, muito zeloso do futuro de Odete, que viu crescer (nascer não, que ele não se mete nesses domínios).

Seja como for, essas formalidades estavam já todas cumpridas. Era hora dos “sim”, que os filmes de hoje vêm cheios deles, mais em forma de “I do”, naturalmente, que o cinema é coisa de americanos. Mas Joaquim e Odete não são personagens de um filme americano, são bem portugueses, e a sua vida se ainda não é um filme, pouco faltará para o parecer. Adiante, que o padre já convoca Joaquim para os acertos finais, como um treinador a dar as últimas indicações antes de um jogador seu entrar em campo. Embora, em bom rigor, parecesse mais uma peça de teatro, pela disposição com que os figurantes iam

assumindo. Nervos, posicionamento estratégico na plateia, olhos postos no palco, todas as deixas já conhecidas e decoradas. Chega a noiva. Em especial favor ao pai da dita, dois membros da banda filarmónica tocaram uma marcha de entrada, o que fez do momento algo de grande comoção. Para seu próprio espanto Joaquim ficou emocionado com toda a envolvente e quem não lhe conhecesse o estado de alma diria que era o noivo mais feliz do mundo, passe o tradicional exagero que coisa tal é dita para todos os noivos, aqui e acolá.

Odete seguiu pela avenida sacra até ao altar, de rosto coberto, com uma lágrima de alegria que só ela via. Seja como for a sua mãe era uma fonte pelas duas, caso não estivesse Odete a carpir alegrias. Pela via das dúvidas, fazia a Sr.<sup>a</sup> Dona Amélia o favor de chorar em pranto. Amélia, pois, que já havíamos mencionado a senhora sem lhe dar o seu nome, coisa feia da nossa parte. O vestido que levava era o da avó, que a mãe também havia usado. Como a alta costura e as tendências eram coisa que não faziam parte do Portugal em 1945, o vestido estava, vamos dizer assim, no “pino da moda”, que é como quem diz, porque mais uma ou duas gerações e este ainda servia perfeitamente. O tecido era acetinado, de mangas compridas terminando com umas rendas elaboradas rematadas sobre as mãos. Do cotovelo para baixo a manga

era justa, cozida, junto ao ombro fazia uma espécie de balão pouco cheio (ou se preferirem um balão já em fim de vida, três dias depois da festa em que tenha sido utilizado). As rendas funcionavam como descontinuo no vestido todo ele igual: delimitando o tronco e as ancas, e arrematando todo o decote que se unia num ponto floral ao meio do peito. Na cabeça uma espécie de tiara em pano e renda do qual pendia o véu. E isto é o melhor que um narrador consegue fazer, porque certamente uma senhora descreveria bem melhor o dito cujo.

E pronto, lá Odete se juntou a Joaquim e este “chegou-se à frente”, como se costuma dizer, e tomou-a como esposa. Estava dado o nó que nem a morte desata, assim se diz.

Ora, é precisamente na comemoração do momento, do “sim” de parte a parte, que o momento cinematográfico tem lugar. Sem perturbar o andamento da festa, chega uma jovem com uma mala na mão. O seu rosto não é estranho a ninguém, mas vem com um ar sofrido, cansado, envelhecido, de quem num mero ano passou as tormentas de uma década. E não vem só. Traz dentro de si uma criança, rapaz ou rapariga é difícil de dizer até ao nascimento. Ocupa um lugar no final da plateia. Ouvira dizer que Joaquim se casava precisamente no dia em que regressava à aldeia. Parou ali. O carro que a levou vinha de Lisboa. Dali para Pomares de Beira Sereno precisaria



de seguir à boleia de uma carroça. Joaquim virou-se de braço dado para Odete. O que se seguiu ficou para sempre na memória deste, até ao fim dos seus dias. O choque foi tremendo e não teve repercussões graves porque Odete não conhecia quem acabara de entrar. Era Julieta. O coração de Joaquim disparou e quase lhe saltou à boca. Foi levado de arrasto por Odete e só se lembra de sentir o arroz cair-lhe em cima. A sua cabeça estava já bem longe dali. Passou e olhou Julieta, esta baixou o olhar para o chão.

O copo de água foi servido no terreno do pai da noiva, com comida à farta, matança do porco, tudo bem regado a vinho da sua própria adega. Manel e Tózé embebedaram-se juntos, duplamente felizes: agora eram parentes. Julieta foi convidada para a festa pela mãe de Joaquim, mas não olhou para este durante toda a cerimónia, permanecendo num canto, quase como uma proscrita. A festa prolongou-se até à noite e os parentes de Joaquim pernoitaram pelas casas da família de Odete. Os noivos dormiram no sótão da casa dos pais desta. A noite de núpcias nada teve a ver com um filme ou com uma noite de núpcias do século vinte e um.

A vida de Joaquim decorreu normal, foi tendo filhos, dois mais precisamente, Maria Odete e Manuel António, trabalhando no campo, fazendo a vindima, enfim, a vida do campo como ela é. Quanto a

Julieta, e o seu destino certamente a todos desperta curiosidade, nunca casou, amando Joaquim sem que este soubesse e criando sozinha, a duras penas, o seu filho, um rapaz, que apenas por piedade o padre João aceitou batizar. Chamaram-lhe José Maria, pedindo aos pais de Jesus que protegessem e apadrinhassem a criança fruto de uma noite de violência por parte do Doutor Álvaro de Teixeira Mendes, um viúvo de meia-idade que ficou de olhos arregalados com a beleza natural e simples de Julieta. Por arrependimento (ou receio das más-línguas) o Doutor enviou-a assim que a viu grávida de volta à sua terra, dando-lhe trinta tostões.

A noite em que José Maria foi concebido permaneceu viva na cabeça de Julieta, que em toda a vida não conheceu nem conheceria outro homem. Tinha sido uma noite igual às outras, de um Fevereiro frio, em que o Doutor Álvaro bebeu mais do que a conta, recordando a mulher, falecida do que hoje conhecemos por cancro da mama. Agarrado à foto desta, com as lágrimas a obstruírem-lhe a visão e o escocês de vinte anos a marinar-lhe no juízo, o Doutor levantou-se e cambaleou rumo ao quarto da criada. Julieta já dormia profundamente. Bem tapada por causa do frio, longe de imaginar que aquela noite não seria mais uma noite fria como as outras, nem mesmo seria como as noites quentes de Verão em que se destapava.

Esta era a noite da sua vida, infelizmente não era a noite de núpcias. Primeiro pensou que se tratasse de um sonho, ou antes de um pesadelo, para os devidos efeitos. O sereno Doutor Álvaro de Teixeira Mendes no seu quarto? Não poderia ser! Mas rapidamente o pesadelo a dormir se tornou num pesadelo acordada. O Doutor, apesar dos seus sessenta e cinco anos, estava em boa forma. Agarrou-a com força pelos braços beijou-a à força entre um murmúrio de “fazes-me tanta falta Rosa”, e deitou-a sobre os lençóis tomando-a pela força. Julieta chorava, gemia, debatia-se, mesmo sabendo que Doutor estava bêbado, pois ninguém tem o altruísmo tão aprimorado que se deixe violentar por pena do agressor. Na manhã seguinte o Doutor não recordava coisa alguma e Julieta serviu-o como sempre, embora com o olhar de quem já perdeu a alma. Por dentro Julieta estava praticamente morta. O Doutor estranhou mas achou que fossem saudades da terra, por isso deixou Julieta com os pensamentos dele. Somente quando a barriga de Julieta se começou a notar e os enjoos era frequentes é que o Doutor pensou “oh diabos, mas a moça está grávida?”. Aquilo intrigou o Doutor que bem sabia que Julieta nunca saía de casa senão para ir à missa... Estaria ela envolvida com o Padre ou ao invés de ir rezar deixava-se estar por outros encontros menos espirituais? Estas questões bailavam na cabeça do Doutor Álvaro de

Teixeira Mendes. Um dia confrontou-a em nome da decência da sua casa, ora bolas, que uma criada sua estivesse prenhe não era coisa que ficasse bem ao seu nome. Primeiro a medo depois em prantos Julieta revelou ao Doutor a verdade. As mãos deste tremiam e por instinto esbofeteou Julieta e serviu-se de uma bebida. Esta fugiu para o quarto. Na manhã seguinte o motorista, José Henrique, levou Julieta de volta à terra, como já sabemos. O que me havia esquecido de referir, por defeitos narrativos ou por mero esquecimento que isto de conhecer as vidas de todos dá para as baralhar quando não somos alcoviteiros, e esse não é de todo o meu caso (embora haja quem possa dizer que vos contar tais vidas seja um ato de alcoviteirice. Da minha parte acho que não) é que Julieta soube depois, por uma carta enviada por um tal de Doutor Amâncio Pereira de Azevedo, advogado como o seu ex-patrão, que o Doutor Álvaro de Teixeira Mendes se havia enforcado no meio da sala, com pompa e circunstância, deixando uma carta na qual declarava que todos os seus bens transitavam para Julieta e para a criança por nascer, desejando que Deus lhe perdoasse o mal que fez, sabendo que Julieta não o faria. Julieta recusou tudo e mandou que fossem os bens doados à Santa Casa da Misericórdia em nome de Rosa Conceição Mendes, que a falecida esposa do Doutor Álvaro de Teixeira Mendes consta-se que fora boa-samaritana. Há quem diga que Julieta

foi egoísta e orgulhosa, preferindo uma vida de sofrimento na lavoura, condenando o seu filho a tal destino, ao invés de fazer bom uso dos bens herdados. Aceito que o/a estimado/a leitor(a) possa pensar assim, é liberdade sua. Digo apenas que nisto dos sofrimentos cada qual decide em consciência. E quem somos nós para condenar Julieta pelo que for?

# III FRANÇA, 2009

VILLAGE DU PARIS DU SUD fica na região da Provença, e foi fundada em 1940, durante a Segunda Guerra Mundial, por parisienses em fuga, que ali procuraram reconstituir um pouco do estilo burguês da capital. A padaria, a leitaria, o quiosque dos jornais, algumas boutiques, uma *boîte de nuit* e um aglomerado de casas de classe média (mais na postura do que na carteira, pois não sei se é possível falar em classe média em tempo de guerra). Tudo recorda nostalgicamente a capital francesa. O quiosque dá pelo nome de *Le Matin Parisienne*, a *boîte de nuit* chama-se *La Nuite Parisienne*, a leitaria anuncia-se como *Lait de Paris*; como já se percebeu a lógica escuso-me de parecer ao leitor uma máquina de debitar nomes repetitivos e de gastar o nome da capital francesa, não vá o próprio governo local me cobrar uma taxa por desgaste da palavra.

Setenta anos depois a vila conserva os traços fundadores mas perdeu grande parte da ligação à capital francesa, sendo na verdade

uma típica vila da Provença, com as vinhas, as encostas e o roxo como cor da paisagem. De parisiense só mesmo a memória e o nome. A ruralidade está já bem instalada, pese embora estejamos a falar de uma vila com cinquenta mil pessoas, pelo que a ruralidade é ali um conceito de paisagem e alguns traços psicológicos. Seja como for, aqueles que ainda têm parentes em Paris sentem bem o choque cultural face aos que os visitam, e aqueles bem os chamam de Parisienses Saloios. Mas isso agora não interessa nada, não estamos nós, pois, aqui para falar dos portugueses?

A família Neves é natural de Pomares de Beira Sereno e chegou a França em 1980, depois da “Revolução dos Cravos” que pôs termo ao Estado Novo e a quarenta e um anos de ditadura em Portugal e instaurou a democracia, a 25 de Abril de 1974. Por aqueles anos Pomares de Beira Sereno continuava a só ter a agricultura para oferecer aos jovens. O duro trabalho da terra, as mãos calejadas, os problemas de coluna, as artroses do trabalho ao calor, frio, chuva, consecutivamente, a enxada, a terra dura, os socalcos, as rochas, a rega, o plantio, a colheita.

Artur Neves ainda experimentou essa vida, ao lado dos pais, principalmente aos fins-de-semana, não fosse ele um bom rapaz, cumpridor e amigo de todos. Porque o tempo por aquelas bandas não

passa depressa, ainda para mais naqueles tempos, Artur herdou do seu tio mais novo, Zeca, o pião e a fisga, brinquedos que sempre levava consigo: o pião na mochila com os cadernos dos deveres, e a fisga no bolso de trás, deixando a câmara-de-ar pender, que lhe ia batendo contra as pernas no andar para a escola, e desta para casa. Artur era também aplicado na escola e nunca deixou nenhum ano para trás. Cumpriu a escola primária com afinco e chegou a avançar para o antigo primeiro ano, o quinto ano de hoje. Teve de deixar a escola e fazer-se à vida. Andou a tomar conta de ovelhas, primeiramente. Tinha um rádio a pilhas onde ouvia o relato do Benfica, o clube do seu coração, e algumas canções que faziam furor na altura. Muitas vezes levava os cadernos da escola e relia tudo outra vez, para manter na cabeça todas as lições e acima de tudo para fingir, por instantes, que ainda ia para a escola, ainda estudava, e a vida de guardador de ovelhas era apenas uma ocupação de fim-de-semana que lhe dava uns dinheiros. Depois largou as ovelhas e começou a ser aprendiz de barbeiro, na barbearia do senhor Armelindo, mas ajeitava-se mal com a tesoura e com a lâmina e depois de ter ferido dois clientes recebeu o pagamento até à data (duas semanas) e foi para a lavoura com a família. Andou pelo plantio, pela fabricação de vinho e pela apanha da azeitona. Em 1978 Artur tinha dezoito anos e muito pouca satisfação



com a vida. Beber algumas cervejas com os amigos, jogar às cartas e pouco mais. Nem era homem dado a devoções. As festas da aldeia, isso sim, eram uma maravilha para ele, mas os andores só tinham interesse se por lá perto andasse alguma moça vistosa. Por isso só ia à missa quando ia acompanhar a mãe, como naquele domingo de Páscoa. Acordou por volta das sete e meia da manhã, tomou banho, barbeou-se (com o devido corte), vestiu-se e esperou pela mãe que colocava o lenço na cabeça, pegava na Bíblia e no terço (ambos bem juntos como se um não vivesse sem o outro) e saíram de braço-dado. O pai, já se sabe, foi para outras capelas – as do vinho, pois então. Lá seguiram Artur e D. Glória (guarde-a Deus, que é uma joia de senhora) em passo médio em direção à capela. O senhor padre Pontes lá estava como habitualmente à porta da igreja, com o seu ar sorridente e barriga proeminente, num espírito de desinibição pouco típica da conservador Igreja Católica ainda para mais no norte. Mas o padre Pontes havia andado por várias paragens no mundo, em particular por África e Brasil, e tinha trazido uns ventos tropicais na bagagem, que é como quem diz: trouxe novas formas de estar na religião, mais alegre e próximo. Muito boa gente comentava nas suas costas que um padre não podia se dar a tais intimidades, mas à frente todos o bajulavam... já

se sabe como são estas coisas e as beatas são mais papistas que o próprio Papa.

Ora, da mesma forma que Joaquim conheceu a sua esposa por coisas do acaso, o mesmo se sucedeu com Artur, o que nos deixa a pensar se de facto o acaso existe, com efeito.

A Igreja de Pomares de Beira Sereno, ou Pomares na linguagem corrente (sabemos bem que o cérebro gosta da lei do menor esforço), fica na margem norte do rio Sereno, junto ao cemitério, e onde a vila se encontra com a montanha verdejante, paisagem que hoje a rapaziada usa para o sobe e desce de bicicleta e mota. No então, em 1978 não era assim, e fora a procura de lanha para as lareiras nas noites quentes de Inverno, a montanha só era utilizada por alguns namorados às escondidas, embora para isso as fragas, isto é, as quedas de águas que ficavam a uns vinte e cinco minutos a pé, já fora da vila, no Lugar do Sol, fosse o lugar mais apetecível para tais aventuras. Mas adiante. Dizia eu que a Igreja se colava à montanha, conferindo um sentido de austeridade e calma ao lugar. Artur passou a soleira da porta com um gesto relutante, atrasado *quicá* pelo ato de retirar a boina da cabeça – não sendo muito crente não deixava de respeitar o lugar onde havia sido batizado, pela via das dúvidas, não fosse de facto o céu existir, ou pior, o inferno. Como a sua mãe tinha uma tendência

para a beatitude (não aquela das santas mas das que rondam a batina do padre), viu-se forçado a ir para uma das filas da frente. A sua mãe caminha confiante e orgulhosa, não fosse a companhia do seu filho algo que muito lhe agradava. Sentaram-se no corredor da esquerda, segunda fila. Artur sentou-se, respirando fundo, prevendo que seriam quarenta minutos (ou mais) a modos que chatos. Ao cabo de cinco minutos ocupado com os seus pensamentos, Artur passou a sala em revista até deixar cair o olhar na mesma fila mas no corredor oposto. Ajeitou-se imediatamente no seu lugar, como reação. “Ena pah” foi o seu pensamento. Nota-se bem que a poesia não é o forte de Artur, ou então a reação foi natural, instantânea, e não houve tempo para que a veia lusitana de Camões, Pessoa ou Quental lhe viesse à tona. Lá estava ela. Cabelo pelos ombros, preto, liso mas nem tanto, olhos cor de mel, pele branca como dizem que a neve é, e algumas (poucas) sardas habitando o rosto. Artur nunca a tinha visto. A jovem nem havia notado o novo admirador, concentrada que estava nas sagradas palavras do senhor padre. Tal devoção achava-a Artur comovente. Há, claro, uma certeza hipocrisia nessa comoção, pois Artur não a sentiria senão fosse a jovem de considerável beleza. Portanto, poderia esta ocupar-se de um gesto tão simples como o de assoar-se que Artur

ficaria embevecido com o quadro. Voltemos a Artur e deixemos as considerações puritanas de lado.

Artur olhou a roupa e os sapatos da jovem. Trazia um vestido de flores abaixo do joelho, de bom acabamento. Os sapatos envernizados de fivela vinha acompanhados de umas meias de renda branca. Não era, portanto, pobre, que é como quem diz não era da “laia” de Artur. Ocupou tanto do seu tempo nestes pensamentos que a sua santa mãezinha se viu forçada a dar-lhe uma cotovelada discreta em jeito de reprimenda, contraindo o lábio no canto direito. A missa passou, pela primeira vez, a correr para Artur. Vontade não lhe faltava de se abeirar do padre e lhe pedir para prolongar o ato mais um bocadinho, como um jogo que vai para prolongamento. Claro que a sua missa era outra, e no máximo poderia ele argumentar (deficientemente) que se deleitava com o sagrado feminino, coisa que o padre não levaria a bem, ainda assim, que o sagrado é masculino, perdoai-o Senhor. E pronto, viu-se obrigado a esperar pelo final da missa para saber o nome dela. Calculou que a sua mãezinha não soubesse quem era a moça. Quando esta se dirigiu ao padre, ainda no altar, para lhe tomar a bênção apostólica Artur ajoelhou-se para se benzer, deixando a sua mãe enervada e a pensar “este rapaz que pouco quer com Deus, Ele o perdoe, só se abeira do altar para coisas impróprias. O Senhor o *há-de*

castigar pois é pior a emenda que o soneto”. Seja como for, para os propósitos de Artur o estratagema resultou na perfeição. Bem ouviu ele chamar à jovem Catarina. E naquele instante Catarina tornou-se no seu nome favorito.

Colecionou Artur os dias em jeito de informação. Quero eu dizer, fez dos dias atividade de detetive privado em causa própria. Ficou a saber que Catarina era filha de um homem chamado Azevedo Aranha que havia feito alguma fortuna com a venda de cortiça no ano dos incêndios que, miraculosamente, deixou os seus terrenos de fora da chacina das labaredas. O facto do pai de Catarina ter enriquecido, ou melhor ter feito o negócio da sua vida, não demovia Artur. A beleza da moça mantinha o seu espírito alerta e Artur desejava que Azevedo Aranha fosse um homem justo, que desse valor ao trabalho árduo. Honra e trabalho era algo que Artur se orgulhava de possuir.

Com o tempo Artur tornou-se presença constante na Igreja aos domingos, e o padre tomou o ato como um encontro da fé e sorriu em nome de Jesus. Ao cabo de um mês Artur sentiu que a familiaridade já estava suficientemente bem instalada para poder se dirigir a Catarina sem que tal parecesse ousadia sua. “Boa tarde”, disse, tirando o boné que trazia. Catarina sorriu, fez um gesto com a cabeça e nada pronunciou. No entanto, só isso foi o quanto baste para Artur – o dia

estava ganho. No domingo seguinte, já Primavera, arriscou Artur levar umas flores colhidas no terreno onde fazia a lavoura e guardava rebanhos do vizinho.

D. Glória deu-se pelo cantarolar do filho e viu as flores. “Bandido, que me enganastes”, foi o pensamento que lhe emergiu à cabeça. Ora vejam bem que a pobre da D. Glória na sua inocência andava a modos que a pensar que o filho era um rapaz temente a Deus e o malandro no fundo fazia da missa um bom lugar para arrastar a asa a Catarina. Depois dos nervos do momento D. Glória não se conteve a sorrir, afinal não queria o filho para tio. Seria então Catarina a devoção do seu Artur?

E seguiram então juntos para a missa, cada qual com a sua devoção, bem vistas as coisas. Artur achou que o melhor seria esperar pelo fim da missa para entregar as flores a Catarina; ou melhor, sabemos nós bem que Artur precisava do tempo que a missa tem para ganhar a devida coragem. Passou-a em grande alvoroço interno, o qual transparecia apenas pelo frenesim das pernas e umas expirações mais violentas. Tão ocupado estava a ocupar o tempo que tinha que não ouviu o chamado do padre Pontes que o convocava para ler uma passagem da Bíblia. “Oh diabos! Logo eu?”, pensou Artur, levantando-

se e dirigindo-se ao altar, não sem antes receber um aperto carinhoso no braço, dado pela D. Glória, toda ela orgulhosa da façanha do filho.

Ao chegar ao palco, ajeitando a camisa pelo caminho, Artur foi tomado pelos nervos. Primeiro abriu a boca e não saiu som... depois gaguejou significativamente e por fim, à terceira tentativa (não fosse “três a conta que Deus fez”), conseguiu começar a leitura, a qual por fim saiu fluída e cativante. Parecia um dom escondido. Teria dado um bom padre, Artur, não estivesse ele inclinado para outros altares que ficam pelo recorte da camisa de Catarina.

No fim, talvez tenham sido os céus a sorrirem a Artur, afinal o momento deu-lhe a oportunidade ideal para conversar com Catarina. Aliás, foi iniciativa da jovem abeirar-se de Artur a pretexto da leitura bíblica. Artur presenteou-a com as flores e saíram juntos da igreja. Para Artur aqueles cinco minutos foram toda uma eternidade de afetos a desabrochar. Catarina não lhe fez perguntas sobre a camisa já algo gasta ou sobre os sapatos que embora brilhantes revelavam já alguma idade. Catarina quis saber sobre a leitura bíblica, como Artur via a passagem em que Jesus corou o cego:

- bem, eu... a modos que não sou entendido na Bíblia. Fiz apenas a escola que o Mestre-escola tinha para me ensinar - Artur

olhava para Catarina, como esta nada disse tomou o silêncio como incentivo e prosseguiu – bem... seja como for acho que a passagem significa outra coisa... como lhe chamam?... metáfora. É isso mesmo!, metáfora! O que quero dizer é que Jesus não curou a cegueira física do homem, ele não era cego que não pudesse enxergar as próprias mãos. A cegueira era outra, afinal “o maior cego não é aquele que não quer ver”, como se dizer por aí?

- Muito interessante, nunca tinha pensado nisso. És muito inteligente, Artur.

E a conversa morreu aí. A primeira grande batalha de Artur estava ganha, havida merecido toda a consideração de Catarina e esta nem tinha referido o episódio da gaguez inicial. Catarina ouviu a sua mãe chamá-la e as despedidas foram rápidas.

Bem, porque esta história que vos trago não é da Catarina e do Artur, mas dos que deles nasceram, vou relatar-vos em resumo, porque a minha teimosia em contar tudo não pode ser mais forte que a necessidade de contar o que é importante.

Os domingos tornaram-se em dias de semana. Não os dias propriamente ditos, entenda-se, mas antes os encontros entre



Catarina e Artur. Primeiro uma vez por semana, depois duas, depois três até os sete dias serem dedicados um ao outro. Azevedo Aranha não tinha grande conhecimento da situação, a sua esposa sabia esconder bem e além desse fator havia as horas que Azevedo passava fora de casa, a vender a sua madeira, a plantar novas árvores, enfim a ganhar o dinheiro de uma casa já com comodidades. Artur e Catarina não mencionavam o assunto, mas ambos sabiam que chegaria a hora de falarem com Azevedo Aranha, corresse a coisa bem ou mal.

E num domingo sem história fez-se a história da vida em conjunto de Artur e Catarina, os quais já se conheciam na perfeição, espírito e carne, depois de três meses de namoro o inevitável prazer da carne teve lugar, num final de tarde, sob um pomar dos muitos que dão nome à terra, numa encosta, bem tapados por um carro de bois e só com os insetos por testemunhas. Depois da missa seguiram os três, Artur, Catarina e D. Eugénia para casa da família Aranha.

Manuel Azevedo Aranha estava no sofá a dormir com os papéis das vendas em cima das pernas. Acordou com o entrar do trio e recebeu-os com um “saíram duas e voltaram três? Não me digam que o Padre agora envia acólitos por companhia!?”. Porque era domingo sabia-se que Azevedo Aranha estaria bem-disposto, sem o cansaço do dia-a-dia.

- Manel este é o Artur Neves...
- Neves? Muito bem, conheço a família. Gente de trabalho e honesta. Vens à procura de trabalho rapaz? Talvez se arranje qualquer coisa... mas não é o sítio certo para tratar desses assuntos, devias ter ido ter comigo ao pinhal...
- Na verdade... – começou Artur, tirando o chapéu, mas não concluiu...
- Mau, o que é afinal?
- Anda filha, vamos deixá-los sozinhos – disse D. Eugénia levando Catarina pelo braço.

O que se sucedeu não adianta ser descrito palavra por palavra, pelo simples facto de já ter acontecido vezes sem conta ao longo de inúmeras vidas. Claro que fosse Catarina filha de um doutor a cena teria sido mais grave, mas não tanto, afinal Azevedo Aranha tinha intenções de casar a filha com um jovem médico ou advogado e não com um “barra-botas” qualquer. Por isso Artur ouviu um redondo “NÃO” como resposta e um “põe-te andar”, seguido de um “CATARINA!!!!!!”. Choro, soluços, desespero, gritos, bater de portas.

Catarina foi proibida de ir à missa e Eugénia devotada ao desprezo do marido durante um mês. Para Eugénia o pior era mesmo a tristeza da filha. Não foi por isso de estranhar que tivesse assumido o papel de mensageira entre Romeu e Julieta, em várias cartas aos domingos. O que ela nunca pensou é que fosse a mensageira de uma trama imensa, que levaria Catarina e Artur para França. Com os diabos, Eugénia pensava apenas em cartas de amor!

Num dia qualquer, já não sei a data, Catarina fugiu do quarto a meio da noite e com Artur tomaram um burro do pai e fugiram pela serra, até Coimbra (onde casaram às escondidas tendo por testemunha uma jovem que por ali passava e que se apaixonou pela sua história narrada à pressa), aí compraram um bilhete de comboio para o Porto e dali para Lisboa. Em Lisboa, já sem muito dinheiro, Artur viu-se obrigado a cometer um crime, algo que nunca mais voltou a falar e guardou fundo em si – roubou uma carteira e com o dinheiro comprou um bilhete de comboio para os dois, rumo a Paris.

A viagem no expresso da noite foi feita em sobressalto. A toda a hora Artur aguardava o toque no ombro do polícia que o levaria para a esquadra por furto da carteira de alguém (de quem nem o rosto Artur havia visto), toque que em boa graça deles nunca chegou. A viagem foi conturbada, com mudanças aqui e acolá de estação. Artur e Catarina

fizeram-na toda ela em silêncio, cada qual entregue aos seus medos e pensamentos. Chegados a Paris tudo lhes era estranho. O frio e sol ténue não lhes permitia ver mais do que a estação. E porque a vida lhes parecia querer dar um empurrão, no momento em que pousaram as malas no chão e se preparavam para ir em busca de algo que nem eles sabiam, ouviram falar português.

Artur correu na direção das vozes. Chegou até elas ofegante, dobrando-se sobre os joelhos para recuperar. O homem olhava espantado para ele. Era um homem gordo, baixo, e de bigode farto, em qualquer parte seria reconhecido como português.

- boas tardes
- boa tarde rapaz... vens à procura de informações e quem sabe um trabalho não é? – dizia o homem enquanto mexia no bigode.
- Sim... como...
- Ótimo. Estás disposto a ir mais para sul e trabalhar na vindima?
- Sim, claro. Eu tenho trabalhado no campo nos últimos anos... vim com a minha mulher... somos recém-casados.
- Então chama-a e vamos embora.

Artur correu para Catarina que o aguardava sentada em cima das malas. Ofegante, debruçou-se sobre os joelhos para recuperar o fôlego.

- Amor, conheci um português que nos dá trabalho.
- Aqui??
- Sim, quer dizer, conheci-o além, mas vamos com ele para sul, para as vinhas.

O casal partiu numa camionete com outros imigrantes: um casal português e três homens do velho leste. A viagem foi penosa, por terriolas e vilas bonitas, o conforto da parte de trás de uma camionete de caixa-aberta não é idílico nem nada que se pareça. Em todo o caso, o comboio e agora a camioneta foi o mais parecido que Artur e Catarina tiveram de uma viagem de lua-de-mel.

A viagem fez-se inicialmente em silêncio, mas em pouco tempo estavam feitas as apresentações portuguesas – os três homens de leste, cujos nomes não sei, mantiveram-se em diálogo entre eles, e jogando às cartas e bebendo vodca –, diante de Artur e Catarina seguia um casal mais velho, que bem poderiam ser seus pais. Pedro e Maria da Graça, que graça não teve na vida nenhuma, fazia ela questão de

afirmar. Eram ambos de Cova da Assunção, para os lados de Coimbra, do lado de quem desce Portugal, não de quem vem da capital. Povoação com pouco mais de trezentas pessoas a oferta de vida é, e parece que sempre será, a terra. E porque ao pai de Pedro a terra lhe foi tomada, perdendo-a não se sabe bem porquê para o Sr. Simões da mercearia, Pedro e Maria da Graça – que repete monocordicamente que graça não teve na vida nenhuma – viram-se forçados a emigrar. Chegaram a França há duas décadas. Viveram nos subúrbios de Paris, no que chamam de “bidonville”, juntamente com umas dezenas de famílias portuguesas. Ali, onde pouco há para além da água e do arroz, fala-se português, fazem-se bailaricos quando dá, em tempos de festas na terra natal, e ajudam-se mutuamente. Pedro trabalhou na construção civil. O nome das ruas não saberá dizer, nunca precisou de decorar. Pedro acordava e saía sempre com o seu capataz, Sr. Jerónimo, um homem que “arranhava” bem o francês, e outros portugueses, pelo que lhe bastava segui-los em rebanho. Maria da Graça – já sabemos o resto – era costureira e fazia algumas limpezas em casas burguesas. Mas Pedro ficou sem emprego quando começou a perder as forças e agora decidiram rumar a sul, para terras mais serenas, e dedicarem-se à vindima, coisas que haviam aprendido na infância e juventude.

Depois das apresentações o silêncio voltou a instalar-se, só interrompido pelo barulho do motor, pelos solavancos e pela conversa dos homens de leste que apostavam os cigarros nas cartas para passar o tempo. Teriam os seus trinta anos, muito louros e de pele clara, vestindo camisas velhas e calças coçadas. Um deles tinha uma cicatriz profunda no rosto. Dir-se-ia que seriam parentes, mas sem certezas, talvez fosse apenas o facto de serem louros a motivar tal ideia. Pedro e Maria da Graça não haviam tido filhos e olhavam para Artur e Catarina com algum cuidado e nostalgia, afinal reviam-se no jovem casal, que seguia muito apaixonado colados um no outro, e receavam que a vida não lhes fosse sorridente.

Os dois casais foram colocados a viver na mesma casa, cabendo aos mais jovens a obrigação de ocuparem o chão da cozinha. Com o tempo foi-se estabelecendo uma relação quase parental entre os quatro, trabalhando todos juntos na vindima, Pedro passando ensinamentos e Artur dando a força física, Maria da Graça ensinando cozinhados a Catarina e esta esfregando o chão e os tachos. Os primeiros tempos foram difíceis.

*Bem sei, leitor, que me delongo na viagem ao passado, erro meu talvez, mas é sempre bom, penso, conhecer o antes que dá cor ao agora. Por isso, tenham paciência, que preciso contar mais um pouco*

*da história de Artur e Catarina para poderem entender o que se vai passar com os vindouros do seu amor.*

Mas com o tempo a vida foi ganhando mais regularidade. Pedro e Maria da Graça regressaram a Portugal para acabar os seus dias, numa casa herdada por aquela. Com a casa só para eles, Artur e Catarina foram-se instalando definitivamente em França. Com outros portugueses que iam chegando para a vindima, ocupação principal naquelas paragens, fundaram o Clube Recreativo Português de Village du Paris du Sud, com noites de fados aos sábados, jogos de malha, dominó, e com o tempo transmissão dos jogos de futebol quando chegaram os canais portugueses para emigrantes. O clube funciona ainda, desde o início, no café *Le Portugais*, café do Sr. José Cavalete, um homem gordo oriundo de Portalegre.

Ao cabo de dois anos Artur e Catarina começaram a planear ter filho, mas somente em 1987, seis longos após a chegada a França, nasceu Milène, e depois Pierre, dois anos depois. No mês quente de Portugal, o agosto, do ano de 1993, Artur e Catarina decidiram que era chegada a hora de apresentarem os filhos à terra, que é como quem diz que era tempo dos seus pais saberem ser avós.



Prepararam o carro para a viagem e encheram o peito de coragem lusitana com ares franceses. O carro, francês, tinha cinco anos de vida quando Artur o comprou. Era já experiente na estrada e cumpriu devidamente na viagem até Pomares de Beira Sereno, a qual levou três penosos dias. Viram-se forçados a incontáveis paragens. Artur precisou de dormir aqui e ali, fora as refeições que seguiam na bagageira e que foram servidas em piqueniques com direito a sesta, até porque em Espanha convinha não romper com os costumes locais. Cantorias, rádio, jogos ou curiosidade diante da paisagem, foram os passatempos principais.

Chegados ao destino, Artur e Catarina não sabiam bem o que fazer. Os acontecimentos sucederam-se em catadupa. O pai de Catarina havia falecido de desgosto, dois anos depois da fuga da filha. Por isso o casal encontrou a casa onde Catarina havia sido criada silenciosa, soturna. A sua mãe estendia a roupa, em silêncio fúnebre. Voltou-se para ver o carro chegar, tapando o sol sobre o olhar com a palma da mão. Quando Catarina saiu do carro Eugénia ficou branca como a cal. E mais branca ficou quando viu sair do carro duas crianças e Artur. Não teve, contudo, reação. Eugénia parecia a mulher de Ló transformada em estátua de sal. Inerte, apática, inamovível.

O tempo que mediou entre o momento em que o carro parou, em que os seus ocupantes saíram do mesmo, e se dirigiram até Eugénia foi visto por esta em câmara-lenta. Catarina ia a medo, sentindo-se novamente uma criança à espera do ralhete materno, ao mesmo tempo que o facto de ter sido mãe alterou a sua percepção da vida e, simultaneamente, o trauma da transformação da sua vida desde a noite da fuga até àquele instante a fez outra pessoa, erguendo uma barreira entre esta e a sua mãe.

- Mãe...

Eugénia desfez-se em lágrimas abraçando a filha. O tempo, ali, parou. Depois de uns segundos assim, como quem tenta conquistar a eternidade, Catarina disse:

- O pai?

- Entra filha.

Disse Eugénia fazendo um gesto na direção da casa. Muito havia para ser falado e absorvido antes de se passar à apresentação das crianças e a lidar com o ressentimento face a Artur. Por isso este deixou-se ficar no jardim a tomar conta das crianças que corriam por entre as flores alegremente.

O interior da casa estava praticamente na mesma, apenas mais envelhecido. Catarina viu a nostalgia apoderar-se de si mesma e um frio percorreu-lhe todo o corpo atingindo o clímax no topo da cabeça. Sentou-se na cozinha e Eugénia serviu dois copos de água com açúcar que a coisa não estava para menos.

- Filha... *Eugénia engoliu em seco, não sabendo por onde começar...* o teu pai... dois anos depois de ... bem podes dizê-lo... de desgosto pela tua fuga. Refugiou-se no álcool e por fim entregou-se somente a este. Deixou os negócios balançados e não fosse a ajuda do António Ribeiro hoje estaria pobre para não dizer na miséria. É ele quem cuida dos negócios para mim. Nada foi igual Catarina Maria... nada mesmo. E tu... foste logo fugir com aquele rapaz...

- Ó mãe...

E Catarina chorou. Ficaram assim longos minutos, cada qual absorvendo o momento e preparando-se para o futuro, que o passado, a contas estavam com ele, já estava enterrado, literalmente, e sobre isso nada a fazer.

Passados largos minutos Eugénia disse:

- Bem, e como bem vejo sou avó...

## UM AGOSTO PORTUGUÊS

- Sim – *disse Catarina sorrindo pela primeira vez ao cabo de tanto tempo que o rosto lhe doeu.*
- ó filha... *as lágrimas corriam pelo rosto de Eugénia...* e como se chamam as crianças?
- Pierre Manuel e Milène Eugénia.
- Os nossos nomes, meu e do teu pai... e esses estrangeirismos?
- Bem mãe, nós pensamos – eu e o Artur – que o melhor p’ra eles seria terem nomes franceses, por causa da escola e isso tudo...
- Percebo-te..., *disse Eugénia limpando as lágrimas com as mãos, limpando as mãos ao avental e levantando-se,* vamos lá conhece-los.
- Ah, filha, e Artur..?
- O que tem mãe?
- Como ele é para ti?
- Ótimo, mãe, muito bom marido e pai. Só tenho pena que o pai não lhe tivesse dado uma oportunidade... tudo teria sido diferente...
- Foi como Deus quis...
- Pois...terá sido.

Encaminharam-se, ambas, para o jardim, novamente. Lá fora o sol estava quente e as crianças transpiravam em correrias, enquanto Artur advertia e ria, num misto de paternidade e infantil memória. A chegada de Eugénia e Catarina terminou a brincadeira.

- mãe, tenho sede, *disse logo Pierre.*
- Já vamos... venham conhecer a vossa avó.

Artur instintivamente colocou as mãos sobre os ombros de cada um dos filhos e encaminhou-os rumo a Eugénia. A senhora, agora mais velha, sempre havia sido simpática para com ele e até o havia aceite naquela altura.

- Dona Eugénia...
- Artur...

O embaraço instalou-se, fruto de um tempo que roubou a parca proximidade.

- Deem um beijinho à vossa avó, vá.

As crianças aproximaram-se a medo. Um medo natural de quem é pequeno e nunca havia visto aquele rosto. Um parente em nada familiar.

Acabaram a instalar-se na velha casa onde Catarina se fez, no seu velho quarto. Catarina sentou-se na cama em silêncio. Artur deixou-a ficar-se assim, recuperando memórias, enquanto carregou as malas escadas acima. À noite o jantar foi pouco falador, cada qual entregue aos seus pensamentos, mágoas, recordações, enquanto as crianças brincavam à mesa fazendo o silêncio ser interrompido com gargalhadas e alguns ralhetes paternais. Recolheram-se ao quarto.

O regresso de Artur e Catarina foi segredo que durou pouco. A meio da tarde do dia seguinte toda a população de Pomares de Beira Sereno já o sabia e não se falava noutra coisa. Era “a pobre Dona Eugénia que parecia ter visto um fantasma, em nome de Jesus” e até “o desgraçado do Artur Neves que desencaminhou a moça, o sem-vergonha”, entre outras que tais. Ao fim da tarde Artur ligou o carro, chamou a família, convidou Dona Eugénia, e seguiram para casa dos pais de Artur.

O casal Neves estava ocupado com os animais quando ouviu o carro chegar. Olharam um para o outro, sem nada dizer, dizendo então entre olhares “chegaram”. Artur sabia que iria ouvir o raspanete mais óbvio da parte do pai: “deixaste a tua mãe ralada contigo, seu malandro, ‘tava a ver que não cá vinhas”. Não terão sido estas exatas

palavras que Artur ouviu, mas também não terá andado muito longe disso. O reencontro não foi tão doloroso quanto o com Dona Eugénia, afinal Artur havia estado em contato com os pais, quer por carta quer por telefone (este menos). Por isso o jantar foi harmonioso, apesar de algum cerimonial que foi imposto na tentativa de quebrar a barreira social entre a família Neves e a senhora Dona Eugénia Aranha. Por isso foi utilizada a melhor loiça, bebido o vinho da melhor colheita, e o banho foi devidamente tomado. Dir-se-ia que o cerimonial de apresentação das famílias estava a ser cumprido num processo desalinhado, uma vez que Artur e Catarina eram já casados e com filhos. No fundo, do caos fazia-se o possível por reconstituir a ordem.

Os dias sucederam-se naquele Verão quente. O casal Neves foi reencontrando amigos, e uma noite ou outra lá voltava Artur com um copo ou dois a mais, sendo recebido com um acolhedor “vens bonito vens”, da parte da sua esposa. Felizmente Artur tem bom vinho, como se diz entre as gentes, o que significa que nunca o álcool lhe deu para a violência sobre os filhos ou Catarina. O mais agressivo que o vinho traz a Artur é a cantoria, coisa que infelizmente não lhe assenta bem, daí ser penoso quando bebe, mas convenhamos que do mal o menos.

Catarina reencontrou também algumas amigas, todas elas já casadas, umas melhor outras pior – também se diga que umas

merecendo mais um bom casamento do que as outras, que nisto da vida não são sempre os homens os maus da história -, com mais ou menos filhos, mas todas com uma certa inveja de Catarina, afinal rompendo com o código social levou a vida que quis levar, qual moça da cidade.

Aproveitando o facto de estarem de volta à terra fizeram a primeira-comunhão dos filhos, numa festa que celebra o catolicismo português exatamente à sua peculiar maneira: com música, vinho e dança. Parentes próximos e menos próximos, amigos e assim uma fatia significativa da vila, reuniram-se na casa de D. Eugénia. Para as crianças foi uma excelente oportunidade de fazerem amigos. Tendo aprendido português em casa - apesar do forte sotaque francês - rapidamente criaram laços com os mais novos de Pomares e o agosto foi ocupado com brincadeiras que só se interrompiam para comer, tomar banho e dormir.

O magnífico rio, cristalino, puro, fresco quase frio, aqui e ali ensombrado pelos pomares, e que se traja nas margens com um vestido de gala verde-puro, era o palco central das brincadeiras. Mergulhos mil, caça-ao-tesouro de um ouro rochoso, e outras brincadeiras, meninices que constroem memórias.



Aos domingos a família ia toda à missa, pela manhã, arrastando as crianças ensonadas e motivadas para correr prados a fora e muito pouco dispostas a ajeitar a roupa e seguir para as orações. À tarde, depois do “ámen” e da hóstia, seguia a família Neves juntamente com outras para o largo de Pomares, que o tempo bom serve para estas coisas, e por ali se comia, brindava e coisas tais. Durante a semana, Artur ocupava-se de arranjar algumas coisas pela casa dos pais ou pela casa da sogra, e ia ajudando a recolher lenha para o Inverno. Sem excessos, porque férias são férias, e por isso o café do Aníbal era capela diária que Artur não descuidava visitar. E foi por ali, entre os dedos das mãos e dos pés de conversas, que Artur “contratou” um grupo de homens para o acompanharem no regresso a França. “Contratou”, como quem diz, naturalmente, pois o sucesso da aventura de Artur fez crescer “água na boca” aos amigos, que prontamente se ofereceram para as trincheiras da vindima francesa. Uma semana antes do fim de agosto a família Neves regressou a França, na mala azeite suficiente para um ano inteiro, e no coração a leveza de quem já deitou por terras as barreiras da culpa.

Já em França, Artur apresentou os seus conterrâneos ao *monsieur* Le Tallec, que prontamente os contratou. Falar francês não era um requisito, até porque as uvas e a lavanda são políglotas. A comunidade

portuguesa foi-se constituindo, assim, à medida em que as esposas iam chegando e sendo incorporadas à atividade agrícola. As crianças foram entrando na escola, aprendendo francês, perdendo com o tempo a sua identidade portuguesa como primária, tornando-se em híbridos luso-franceses. Pior era o caso das que já nasciam em França, sendo portuguesas poucas horas em casa e três semanas em Agosto. Manifestamente pouco, portanto, para se chamar de “português” a alguém.

A vida nos campos franceses não era muito diferente da vida nos campos portugueses. Quer dizer, isto se olharmos somente ao volume e à natureza do trabalho, porque fora dessas fronteiras a diferença era abismal. E começava logo pelos salários. Numa semana cada família levava para casa o equivalente ao salário de um ou até dois meses em relação a Portugal. A escola pública era precisamente isso, e os livros emprestados representavam uma poupança extraordinária no orçamento familiar. Por isso a vida era boa para os portugueses em Village du Paris du Sud. Com o tempo o aprendizado do francês foi chegando, e qualquer coisa de português de fora foi-se instalando dentro deles. O dinheiro amealhado ia sendo usado na construção de casas *a la maison* com janelas *a la fenêtre* - assim descreviam a casa dos seus sonhos aos arquitetos responsáveis por “meter” o projeto à

câmara municipal. O mesmo acontecia com os emigrados na Suíça, que no Verão se dedicavam a construir casas com telhados prontos para os rigores dos nevões helvéticos, coisa que até ver não tem tido presença por terras de Pomares, mas tal questão não era para a estética chamada. Adiante.

Agosto foi e é, sempre, um mês querido para os emigrantes. A volta à terra, as festas locais, os andores, os odores da terra, os carros para mostrar, os carros de bois que já não se vão puxar, os amigos para rever, enfim, o voltar sempre.

Para os mais novos que vão crescendo em França, o regresso é antes uma viagem de férias que sempre fazem, onde revêm familiares. Enquanto os pais retornam, eles visitam os parentes e a terra dos pais, cada vez menos sua e mais deles. À medida em que a idade vai avançando muitos são os que viajam a custo; sempre à custa dos laços que se vão tecendo em terras francesas, das amizades aos amores adolescentes. Por isso já não vão, ou retornam, são sim arrastados até Pomares. Uns mais que outros, bem entendido, porque ir é também mostrar e mostrar-se – dos telemóveis topo de gama, à roupa, e a si mesmos(as).

IV  
2009

JAIME sentia-se diferente. Os dezoito anos são, compreende-se, uma barreira psicológica. A partir daquele momento tornava-se responsável por si mesmo e adquiria um estatuto novo entre os amigos e entre a população de Pomares. Já não era o Jaimito, era o Jaime.

A noite de festa foi rija. Jaime bebeu mais do que a conta, como se usa dizer, mas não se viu chamado a desbeber tudo. Dançou e pulou muito, muito mesmo, tirou dezenas de fotografias, muitas das quais iriam certamente para o placar na parede do bar “Sobre Águas”, onde se reviviam as memórias das festas boas, dos dias quentes, da música e da amizade. Aquele placar, que era uma cronologia dos rostos e momentos icónicos, fazia o papel do Facebook antes da popularização da plataforma.

O “Sobre Águas” fica localizado numa extremidade de Pomares, e apesar de muitos ali chegarem de carro ou de motorizada, a verdade é que se trata de uma caminhada curta, sendo que os carros – em particular estes – servem mais os que vêm de fora, nomeadamente de Vale de Cidreiras, ou a vaidade dos locais, sendo então o carro a afirmação da sua independência e masculinidade. O nome do bar advém, prevê-se, da localização do mesmo. Construído na margem do rio Sereno, o “Sobre Águas” é um bar em xisto, pedra belíssima, de dois andares, ocupando o andar de cima – onde está a entrada principal e que se liga à rampa de acesso à estrada, e vice-versa – com o serviço propriamente dito, onde se compram as bebidas e uma variedade de comida que vai do cachorro à tosta passando pelo hambúrguer. A variedade, admita-se, é somente esta. O andar de cima serve também para assistir a jogos de futebol nacionais e internacionais, num ecrã de dimensões consideráveis, maior do que o que se encontra no “Café Central”, por exemplo. Serve ainda para os jogos de cartas, marca intemporal da identidade portuguesa, mecanismo de interação e jogo de poder simbólico que não se compadece nem exclui idades. As mesas são de plástico por ali, diferenciando-se também nisso do andar de baixo, beira-água, onde mesas e cadeiras são de ferro, provavelmente para impedir quedas

fáceis quando passa o álcool a comandar a dança. Seja como for nem umas nem outras se destacam por qualquer particularidade. De norte a sul do país encontramos irmãs. O alpendre, mais comprido do que largo, serve bem de esplanada quando as tardes e as noites são a gosto. No andar de baixo, ficam as casas-de-banho, com portas de madeira e acabamentos banais, debaixo do alpendre funciona o bar de apoio, que em noites de festa brava se torna no bar principal. A identidade original do “Sobre Águas” não desapareceu, combinando nova vida com memória de uma forma equilibrada e harmoniosa; tal está patente na mó que permanece ativa, espichando água de quando em vez, e que dá uma sensação de imortalidade dos elementos em Pomares de Beira Sereno. No meio do rio fica uma ilha, acedida por uma ponte de madeira que todos os invernos se recolhe. A areia, cor de neve, é colocada sobre as rochas duras e frias, belas como a serenidade da paisagem; de uma água que corre suavemente, límpida, e que arrasta nas margens folhas de um verde gritante. Margens, feitas de areia e pedra, de silêncio e paz, de árvores densas e vegetação tranquila e de cor esmeralda. Rumo ao norte, de onde a água vem, as árvores fecham-se deixando passar apenas finos fios de luz que mal aquecem a gélida água. Há, ali, uma áurea de místico, de celta, de mágico que absorve a atenção e nos convida à quietude.

O aniversário de Jaime foi, digamos assim, a abertura do Verão no “Sobre Águas”. Longe vão os tempos em que o Verão era pensado em termos de jogos de malha e honras dos santos. O “Sobre Águas” era agora o altar favorito da geração de Jaime. Por ali tinham lugar os momentos altos do Verão. A vida acontecia ali, tudo o mais era interrupção involuntária. Mesmo os mergulhos.

A alegria dos festejos começa ainda longe do bar. A estrada que curva, sobe e desce não impede que vários jovens de Pomares se desloquem até lá a pé, em grande aparato de gargalhadas, empurrões contentes e piadas brejeiras. Os mais afortunados vão de carro, em grande velocidade, mal tocando as rodas no chão, e outros em motorizadas que mais incomodam do que andam. Ao longo do caminho, limpo durante o dia, começam gradualmente a acumular-se garrafas e copos, que ficarão para serem recolhidas pelo serviço de limpeza da Câmara Municipal. O trajeto é, portanto, uma procissão até à capela dos festejos.

- Jaime, maluco, parabéns pah! O que bebes?
- Dá-me aí uma jola – responde Jaime enquanto tira as moedas do bolso.
- Nem pensar, é oferta da casa!

- Obrigado companheiro!

As restantes cervejas, whiskies e toda a sorte de bebidas foram pagos por Jaime e amigos, na maioria estes últimos. A música enchia o ar, batia nas árvores, bailava com as folhas e mato rasteiro, beijava a água e partia em delírio rumo à vila. As festas, todavia, tendiam a ser celebradas entre rapazes. As parcas raparigas de Pomares ou estavam já comprometidas e não saiam dos seus grupos de amizade – que permaneciam na esplanada no andar de cima – ou não tinham permissão para cruzar a noite rumo ao “Sobre Águas”.

- Isto tá fraco de gajas – gritou Jaime para João.
- O que queres? Já conheces Pomares pah. A Rute lá anda com o André – apontou para a esplanada no andar de cima -, a Micaela o pai não da deixa sair, parece que a quer para ele, a Bia é gorda ninguém a quer, ahahaha... depois tens a Teresa, que já sabes, é a tarada de serviço que toda a gente já experimentou mas ninguém a quer, é a bicicleta do povo, raio da mulher que não tem juízo, com a idade dela... se não me engano é isto. Bem, o resto são crianças, não contam, ou mulheres casadas.
- Epah, pois. Olha, sempre temos Vale de Cidreiras!



- É verdade, é já histórico. Ahahaha.

Vale de Cidreiras, terra que já bem conhecemos, foi sempre um estranho caso de natalidade. Enquanto Pomares de Beira Sereno sempre deu à luz rapazes, Vale de Cidreiras foi terra que deu vida a moças casadoiras. Por isso os rapazes de Pomares sempre tiveram de recorrer às festividades das duas terras para conhecer raparigas, o que também sempre foi fator de discórdia e conflito entre a rapaziada das duas aldeias vizinhas, amigas e rivais. Assim, não eram poucos os relatos de desacatos em festas populares que em muito desonravam os santos padroeiros, nas festas do “Sobre Águas” e outras para os lados de Cidreiras, quando os rapazes locais lidavam mal com a conquista das moças pelos vizinhos de Pomares. Muito raramente a coisa acabava com feridos graves. Ficava tudo mais pelos empurrões, pelas ameaças, um ou outro soco e pontapé e por aí. As raparigas sentiam um misto de medo e orgulho por serem um troféu disputado. E, no fundo, estas eram tratadas e exibidas como tal, nas festas populares e nas noites quentes no “Sobre Águas”, quando a música do DJ enchia o ar, os corpos roçavam uns nos outros, e os solitários encontravam acalento na bebida.

Com o começo do Verão eram montadas as pontes de madeira que dão acesso às várias ilhas de pedra ao longo do Sereno. As pedras eram cobertas de areia, para que os chapéus de sol fossem devidamente enterrados e os banhistas devidamente acomodados. As margens verdes do rio eram devidamente aparadas. O bar-esplanada, que serve todo o tipo de bebidas, de manhã até madrugada, bem como cachorros, hambúrgueres, sopas, gelados, e outros que tais que se esperam de um bar de praia – mesmo que fluvial – devidamente montado e assente sobre o fundo do cristalino rio. Enfim, tudo o que devia ser devidamente preparado era devidamente preparado.

Para Jaime, amigos e conhecidos – bem, até determinada idade qualquer conhecido é amigo, qualquer amigo é irmão – o Verão era, claro, o auge da vida. O Inverno que, em certas vezes, isolava Pomares do resto do país depositava a vila num silêncio interrompido pelo toque da escola – ainda que ténue, uma vez que esta se localiza no extremo da terra –, por algum caminhão a passar na robusta ponte romana que corta a vila ao meio, e pouco mais. Em tudo o resto, Pomares parecia uma cidade fantasma, ou uma vila fantasma, melhor dizendo. Os mais novos quando não estavam na escola estavam em casa, entregues a brincadeiras, chocolate quente e bolos, ao calor das

lareiras e aos trabalhos de casa. Jaime e os da sua idade sempre se encontravam aos fins-de-semana no “Sobre Águas” para jogar às cartas, fumar, beber bebidas alcoólicas quentes e conversar. Durante a semana viviam exatamente igual às crianças, com exceção dos que já namoravam, que visitavam a casa das amadas sob grande tensão e nervosismo ou, com alguma sorte, conseguiam tirá-las de casa para apanharem uma constipação de amor enquanto entre beijos enfrentavam o frio.

Mas esse é o quotidiano do Inverno, do frio e das chuvas. Quando a Primavera começa a despontar e os dias a aquecer, as flores a desabrochar e o verde a romper, começam os primeiros mergulhos, ainda a medo, muitos a fazerem-se acompanhar das gripes primaveris, alguns ralhetes paternais e uns dias de cama. Quando a Primavera era, de facto, quente, havia por ali um prenúncio (ou seria esperança?) de um Verão em grande.

Jaime e os amigos combinavam sempre uns mergulhos ao final da tarde, depois das aulas, quando o Junho já deixava a mochila pesada e quente, os livros ainda mais desinteressantes, as salas de aula abafadas e sonolentas e os campos de futebol demasiado marcados pelas ondas de calor sobre o alcatrão. Anunciavam-se as férias de Verão. Claro que

alguns iriam ocupar as férias no parque de campismo e outros, com sorte, nos bares principais.

E lá vinham eles, em conversas brejeiras, empurrões e risos, de mochila às costas, toalha ao ombro, chinelos nos pés, óculos no rosto, e cabelo ao vento, em direção à praia. Seguiam pelo Parque das Amendoeiras, pela sombra, em contramão do trilho do rio, sob a copa das árvores. O Parque das Amendoeiras, todo ele verde, com grandes e folheadas árvores, com bancos e mesas de pedra que no Verão se enchiam de gente, com um velho coreto que alberga um bar nos dias em que o torneio de “futebol de cinco” anima a vila, com os gritos, os apupos, os incentivos, o som do apito do árbitro, o chiar dos ténis no campo, o som da bola na rede de proteção, e os festejos dos golos quando a bola desliza na rede branca de cordas grossas e a explosão de alegria preenche a felicidade do marcador. Do outro lado do parque fica um punhado de mesas de madeira e bancos corridos da mesma natureza, muitas delas gravadas com canivetes – frases de amor, ou simples “Briana was here” e tentativas similares de perpetuar um nome, um instante, uma memória, uma experiência – separados da estrada de pedra por uma longa cerca de madeira.

Seguem, então, a estrada de pedra, ao longo do rio, e das vivendas, de diferentes formatos (antigas, modernas, de dois andares ou térreas),

embora quase todas brancas, com vista para a cristalina água. O chão de pedra bem assentada, e de um cinzento claro, segue certo em direção à ponte romana sobre o Sereno, castanha do tempo, mas firme, com arcos fortes e bem enterrados no fundo do rio, afirmando o coração histórico da vila.

“Bora por ali” diz Jaime, apontando com a cabeça. Caminham, então, por baixo da ponte, e passam pelo “Tábuas”, o bar ainda a ser montado, e atravessam para a outra margem, pelo meio do rio, na ponte de madeira já colocada. Largam as mochilas sobre a relva húmida do sistema de rega, pouco interessados se a água irá manchar livros ou não, tiram as t-shirts, largam os chinelos e dirigem-se à ponta da margem, onde a laje termina e começa o rio. Inspiram fundo e atiram-se de cabeça para a água, em grande aparato e satisfação, sentindo o impacto da pureza da gélida água nos ossos. Repetem-se várias vezes até se darem por satisfeitos e o sol se preparar para se esconder por de trás das montanhas. Então sentam-se nas toalhas a secar, a rir, a conservar, e a jogar às cartas, e por fim pegam nos pertences e retornam a suas casas.

Jaime e os amigos não eram os únicos jovens de Pomares, bem se diga. O “Febras” – alcunha herdada do pai – chegava por ali sempre

sozinho, em calções de banho e tronco nu, com uma velha cana de pesca na mão. Tinha por hábito pescar fora do período de concessão, e a GNR já o havia chamado à atenção, embora brandamente, pois todos sabiam que o rapaz tinha um atraso derivado do parto. Em todo o caso era bastante popular pelos inconsequentes e arrojados mergulhos do cimo das árvores.

O Verão foi avançando e Jaime ocupou-se do bar do parque de campismo, o qual o prendia num ambiente mais quente do que beiramar, mas que lhe garantia algum dinheiro para gastar em bebidas no “Sobre Águas”.

\*\*

Haviam passado alguns anos desde a última vez que Pierre e Milène visitaram Pomares, na altura num Inverno chuvoso, pelo funeral da tia-avó. O desgosto afastou a família um pouco da terra natal. Pierre e Milène foram crescendo e habituaram-se a passar no Verão pelo sul de França, com os amigos, até às praias da *Côte d’Azur* ou mesmo por Paris du Sud. No entanto, eram agora arrastados pelos pais até a Portugal, com o qual sentiam cada vez menos afinidades. Por isso

eram praticamente uns estranhos em Pomares, e todos os demais o eram também para eles.

Os dias ocupavam-nos a descer até ao rio e mergulhar, ler e trocar mensagens pelo telemóvel para França. Na sexta-feira lá ficaram a saber, por conversas ouvidas no “Tábuas”, enquanto o pai bebia uma cerveja, que no “Sobre Águas” teria lugar a festa de branco. Pierre e Milène entreolharam-se e ficou ali decidido que iriam espreitar a festa dos *hillbilly*, os “saloios”. No entanto, para os jovens luso-franceses, não era apenas a água que era mais cristalina e pura do que recordavam, tudo na vila havia evoluído rápido, também à custa do encontro de carros antigos que tinha lugar na segunda semana de agosto, e que chamava à vila milhares de turistas pontuais.

Milène vestiu uma camisa justa, branca, botões brancos e folhos na costura, mangas arregaçadas e com botão a prender à camisa; uns calções curtos, brancos, não muito justos, com dobra na bainha; colocou um cinto azul-marinho, de torcidos, e calçou umas sandálias de sola de cortiça, com dezenas de tiras brancas, a arrematar numa presilha com um brilhante, onde prendeu o dedo proeminente do pé. Colocou o seu colar de torcidos em ouro branco, brincos e pulseiras a condizer. Deu uma volta em frente do espelho e achou-se bem. Milène já não era a criança que corria pela Provença. Tinha agora dezoito

anos, um metro e setenta e cinco, tez branca, sardas suaves, cabelo negro e um profundo olhar esmeralda, da cor da paisagem de Pomares de Beira Sereno. Tinha arrebatado alguns corações em França, entre os portugueses e outros imigrantes, e pelos franceses, em particular os filhos dos agricultores, já que por ali os emigrantes têm estatuto inferior.

No quarto ao lado o contraste era total. Da princesa passamos para o *rapper* emigrante. Sem perfumes, nem penteados, nem coisa alguma que denotasse alguma atitude coquete ou chique. Pierre era um verdadeiro “chunga”, como se diz em Portugal. Enquanto a música do gueto parisiense e do Bronx enchia o quarto, este colocou o boné, branco, com a pala para o lado e ligeiramente levantado, o colar de grossa corrente e com um animal predador símbolo de conhecida marca, uma t-shirt de renomeada equipa nova-iorquina de basebol, também branca, calças de ganga com largura suficiente para caberem duas pessoas lá dentro, eténis brancos suficientemente largos para dormir em pé. Pierre poderia passar por membro de um gangue com grande facilidade. Talvez fosse precisamente esse o objetivo, pois quantos dos emigrantes se dão com a classe média-alta ou alta do país onde assentam esperanças e família? Arranjados que estavam fizeram-se ao caminho a pé.



Jaime escolheu uns calções brancos, de sarja fina, e colocou uma camisa bem engomada, enfiada dentro dos calções, presos por um cinto azul de torcidos e calçou uns chinelos brancos de popular marca brasileira. Penteou-se com gel e colocou perfume. Estava impecável, na sua própria opinião. Vasco e Afonso encontraram-se à sua porta. “Epah, tás todo coisinho!”, gritou-lhe Afonso, ao ver Jaime sair de casa.

*Permitam-me a divagação. É extraordinário como a palavra “coiso” se tornou num adjetivo altamente elástico. Tudo é “coiso” e seus derivados. Quando Afonso disse a Jaime “estás todo coisinho”, era uma forma de dizer que ele estava aprumado. Curiosa a língua e as gentes que a usam.*

Já agora, deixem-me falar-vos de Afonso e Vasco. Este último é um rapaz de meia estatura, ligeiramente gordo, mas não muito, cabelo curto e ondulado, que adora videojogos, mergulhos no rio, matraquilhos, matemática e cachorros com muita mostarda. Teve durante um tempo uma paixoneta por uma jovem da sua escola, de outra turma, chamada Rebeca, mas num qualquer Verão passou-lhe o afeto para uma atriz de cinema norte-americana. Afonso, por seu turno, é louro e razoavelmente alto, com um certo quê de convencido,

que adora futebol, mergulhos como todos os rapazes de Pomares, e detesta a escola, com exceção das aulas de desporto e trabalhos manuais. Sempre com os jornais desportivos debaixo do braço, costuma copiar por Vasco, por isso nunca falhou um ano. Andou de namorico com a filha da presidente da Junta de Freguesia, mas largou-a por pensar que iria para Coimbra estudar, quando deu nas vistas num torneiro de futebol. Coimbra nem vê-la, e namorada adeus que já foi para outro. Não que isso o tivesse afetado, afinal cada novo Verão era cheio de possibilidades para Jaime, Afonso e Vasco, que sempre tentavam a sua sorte durante os meses quentes entre as turistas de Lisboa, Porto, Coimbra, e outras paragens.

Ora, para Jaime e estes três amigos, a festa de branco servia acima de tudo para ver que roupa “a malta” iria usar, quem quebraria o protocolo, e para conviver em torno do álcool. Jamais Jaime pensou que esta noite mudaria a sua vida. A chegada de Pierre e Milène foi acolhida com interesse, no “Sobre Águas”. O ar angelical desta e áurea de delinquente daquele contrastavam fortemente. Dirigiram-se ao bar e pediram dois rum-cola, num português estranho, de tal modo carregado de pronúncia francesa que Milène se viu obrigada a soletrar,

é que “rum-cola”, em acento francês suou a “rúcula” ao barman de serviço.

Os dois irmãos ficaram a conversar, dançaram juntos, tudo debaixo dos olhares atentos dos rapazes e raparigas presentes. O jeito “estrangeiro” de dançar dava ainda mais destaque a tão já destacadas personagens. O ar estava fresco, porque não há noites quentes em Pomares, e os dois irmãos deixaram-se ficar sentados em cadeiras a beber, a conversar e enviar mensagens escritas para França, repetindo o ciclo do dia, agora à noite.

- Tu não és a Milène? – perguntou uma jovem, que teria a mesma idade, de pele morena, cabelo negro como o de Milène, com uma t-shirt branca enrolada acima do umbigo e calções de ganga.
- Pardon?
- Milène?
- Oui, sim sou.
- Não te lembras de mim? Sou a Rebeca, brincámos juntas em criança...
- Oh, oui, sim, sim, claro! Senta-te.
- Obrigada! Ann... merci.

## UM AGOSTO PORTUGUÊS

- Não, eu compreendo o português, a pronúncia é que sai francesa, desculpa.
- Ah, não faz mal – e sorriu.
- Então, conta-me coisas... ah, desculpa, este é o meu irmão, Pierre, não sei se te lembras dele...

(um beijo em cada face)

- sim, claro.
- olá....
- Bem... crescer em Pomares não é ter muito para contar. Sabes como é... vais à escola, voltas para casa, no Inverno ‘tá frio, no Verão ainda tens a sorte de ter o rio... bem, sabes não sabes, mas podes imaginar.
- Sim imagino. O rio é... como dizer... apelativo, porque é a única coisa que existe para passar o tempo....
- Sim, isso e espiar os rapazes, ahaha.
- Ahaha... e há muitos por aqui?
- Bastantes, são mais do que nós até!
- E giros?
- Bem, isso são menos, e a maioria já está ocupada, digamos assim.
- Ocupada?

- Sim, já tem namorada.
- Ah! *Très bien*. Olha, vamos beber algo? Pierre vais lá buscar?
- Sim, trago mais dois runs-cola... e tu, que bebes?
- Oh... pode ser uma coca-cola... – e dizendo isto foi ao bolso buscar dinheiro.
- Não, eu pago. Mas só cola, sem álcool?
- Sim... não gosto muito de bebidas alcoólicas... confesso... (e um toque de vergonha fez-se notar; aquele desconforto de quem se sente algo deslocado, como um adepto na bancada do adversário).
- Tudo bem, *pas de problème*.
- O teu irmão...
- Não, não tem namorada... se queres saber fazia-lhe bem... é meio-doido... se queres conquistá-lo fá-lo aproveitar o lugar e faz-te difícil mas sexy.
- Ok obrigado... ah, lá vem ele.
- Aqui está, m'oiselle.
- Obrigada!
- Milène! Vamos dançar pah, *nous sommes venus ici pour faire la fête!*

- Vai andado que eu já lá vou ter, olha leva a Rebeca contigo, sê um *gentleman* que não te faz mal nenhum e aqui não tens os teus amigos *banlieusards* para necessitares de te armar em *MC Solaar*.
- Ok... *c'est la merde*... vamos Rebeca?
- Siiim...

O “casal” avançou para a o largo de chão de pedra, salpicado de água do rio e areia das margens. Nesse instante a música passou de uma batida ritmada com sabor a tropicalismo para um som com calor a África.

- não sei dançar isto, Pierre. Como nos mexemos?
- Anda cá.

O luso-francês, altamente aculturado pelos vários africanos viventes na sua vila, agarrou a jovem e puxou-a si, para uma umbigada a que chamam de kizomba. Bem agarrados durante toda a música, o sangue jovem ferveu-lhes no corpo (ADN humano contra moralidade social) e os beijos soltaram-se na noite fresca de Pomares de Beira Sereno, aquecendo corações. Na cabeça de Rebeca voaram todo o tipo

de sonhos ao reboque de um beijo. A fantasia do príncipe encantado tinha contornos modernos. Não veio a cavalo mas a roupa era branca, não tinha espada mas um colar enorme a pender do pescoço, mas uma coisa era certa: ele veio de longe.

Entretanto, Milène ficou sentada a observar o contraste das árvores com o céu da noite, o correr do rio, e de quando em vez espreitando Pierre e Rebeca, enquanto pensava “foram rápidos! Aquilo é que foi juntar vontades. Mon dieu!”. Respirando fundo retomou o espanto diante da paisagem, da quietude da natureza em contraste com a violência da música.

Jaime e os amigos ocuparam-se a dançar uns com os outros, misturando dança com empurrões e algumas cervejas. Era, claro, a típica noite. Eles já sabiam que dificilmente encontrariam raparigas do seu agrado que não tivessem já “ocupadas”, por isso basicamente não procuravam muito, a não ser que se cruzassem ou esbarrassem em algum momento. A brincadeira ia animada, tanto que entre empurrões e saltos nenhum se apercebeu que estavam já junto à mesa de Milène. Por obra do acaso, ou não, Jaime tropeçou na mesa da jovem luso-francesa, derrubando a sua bebida. Felizmente não a sujou.

## UM AGOSTO PORTUGUÊS

- as minhas desculpas.
- Não faz mal....
- Faz, claro que faz. O que estavas a beber?
- Rum-cola...
- Rum-cola? É para já.

Os amigos de Jaime ficaram a ver a corte deste à jovem, parados, sem dançar, sem conversar, mudos, quietos, só faltou as pipocas para que parecessem estar numa sala de cinema.

- hey, dá-me aí um rum-cola, se faz favor.
- Para ti??
- Não, pah, para a miúda misteriosa ali da mesa do fundo.
- Onde?
- Ali – apontou Jaime.
- Ah! A francesa! Ahaha, boa peça me sais-te, ó cromo. Boa sorte!
- Francesa?
- Sim, pah, é a neta do Aranha!
- É aquela? Xii... as coisas lá por França fazem-se bem feitas.
- Ahaha, pois. Nunca ouviste dizer que as emigrantes são portuguesas melhoradas?



- Não, mas tem graça. Bem deixa-me ir antes que o comboio passe.
- Força.

Jaime passou pela confusão tentando equilibrar o copo o melhor possível, não fosse o néctar perder-se no caminho e o triunfo desfazer-se em (des)ilusão.

- aqui está.
- Merci.
- Posso sentar-me?

A resposta obtida foi um gesto em forma de convite. “Boa”, pensou Jaime. Deixou Milène beber um gole e antes de perguntar:

- Como te chamas? Eu sou Jaime, prazer – disse-o tocando no seu próprio peito, com delicadeza.
- Milène.
- Francês, não é?
- Sim...
- Très bien... não falo francês a não ser as palavras básicas... sabes como é...
- Aha, sim, entendo. Então não ouves música em francês...

- Não, lamento. Já ouvi alguma coisa mas não entendo...
- Ah... há coisas bonitas, como Celine Dion... os Vaya Con Dios têm uma canção bonita em francês.
- Celine Dion? Não pensei que ouvisses...
- Bem... nem sempre... só nos momentos mais intimistas.
- Bem... eu conheço mal... sei quem é mas...
- Quem sabe... agora venhas a ouvir.
- Sim...

Depois desta conversa instalou-se um silêncio desconfortável, nado de um nervosismo que habita os primeiros encontros entre um rapaz maravilhado com a beleza da jovem, e uma jovem que acha que o rapaz tem o seu encanto.

O embaraço foi quebrado, oportunamente no caso, por Pierre e Rebeca... cansados dos pés e ardentes dos beijos. Entre risos de intimidade chegaram à mesa.

- Merde... tou cansado....
- Também estou de rastos, confesso.
- Vocês dançaram imenso... que ginástica com os pés e com boca, aha.

- Quem és tu?
- Chamo-me Jaime, tudo bem?
- Bien... Pierre.

A noite seguiu a um ritmo normal. Rebeca e Pierre ainda regressaram, uma vez mais, ao bambolear e roçar dos corpos, entre beijos e desejos. Jaime não largou mais Milène. A jovem foi o seu mundo, toda a sua noite, para além dela tudo o mais era circunstancial. Os amigos foram totalmente esquecidos, e se da água, da noite, das árvores se lembrou foi para delas falar a Milène. Talvez fosse naquele momento, naquela noite, que Jaime se apercebeu do quanto amava a sua terra, talvez porque o verde dos olhos de Milène combinasse tão bem com o verde das árvores e da água que corre sob a copa daquelas.

A noite avançou naturalmente. O cansaço foi vencendo vários dos festeiros que iam abandonando o “Sobre Águas” e regressando a casa. Muitos deles levavam menos dinheiro no bolso e bastante álcool no sangue. Como moças disponíveis não era coisa comum por aquelas bandas a maioria dos rapazes regressavam aos lençóis para sonhar com jovens bonitas ou fantasiar com alguma moça indisponível que viram na festa. Quiçá Milène. Os amigos de Jaime fizeram-lhe sinais e

piscaram o olho, incentivando-o na sua cruzada pelo coração da donzela francesa. O escândalo dos seus pais era coisa do passado e como os tempos eram outros tal facto não tinha qualquer relevo entre os mais jovens, pelo contrário, a história era até um conto de fadas local. Se gente há para quem a vida de Catarina e Artur constituía uma vergonha familiar serão, certamente, os mais velhos, apegados à memória de Manuel Azevedo Aranha e aos tempos de outrora, ou “da outra senhora”.

A noite foi abandonando Pomares de Beira Sereno e dando lugar ao dia. O negro foi aclarando e o frio que precede o sol tornou-se mais intenso. O relógio de Jaime, branco da marca *Swatch*, marcava cinco e trinta e oito minutos da manhã. Inalou o ar frio da noite para afastar o sono. Jaime e Milène seguiam calados, lado a lado, apreciando a companhia um do outro mas já sem nada a acrescentar, sem nada mais a dizer, porque o silêncio, não obstante o valor das palavras, sabemos bem que pode dizer muito mais, e que é a nota mais profunda do dizer. O cantar dos pássaros mais matutinos, os galos que acordam os restantes animais, e o som do rio que não cessa jamais de correr, era a banda-sonora do momento.

Pierre e Rebeca seguiram a estrada até ao fim, passando pela sequência de casas viradas para o rio, todas brancas, formando uma

espécie de bloco contínuo de dois andares, ao rés-do-chão ocupado por animais e palha.

Seguiram pela ponte, sem olhar o rio, ocupados entre abraços e beijos, e atravessaram a vila, passando pelo café “O Largo”, a pizzaria “O Italiano”, e chegaram ao fim de Pomares, onde os primeiros prédios já se faziam notar, assassinando a paisagem rural que se ergue em torno do rio. Rebeca estava entregue em casa. Rodou a chave na porta do prédio, acendeu a luz das escadas. Virou-se, beijou Pierre, disse “bonne nuit”, e subiu as escadas.

Pierre rodou sobre os calcanhares e seguiu confiante até casa, para dormir. A ida à praia ficaria, certamente, para o fim da tarde, ou outro dia. Pierre entrou em casa cambaleante de sono. Dirigiu-se ao quarto, atirou os ténis *Nike* para um canto, tirou a roupa e atirou-a para uma cadeira, fazendo o mesmo como o boné, e por fim mergulhou na cama.

No outro quarto Milène já dormia profundamente, enfiada nos lençóis perfeitamente arrumados, com a roupa perfeitamente colocada na cadeira, e de vestido de dormir de cetim, branco. Tudo estava perfeitamente equilibrado e arrumado por ali. A noite também havia sido quase perfeita, quase cinematográfica, gravitando entre o jeito adolescente e adulto de estar - não sei se há, entre as gentes dessa

idade, um termo próprio para se autodefinirem -, chamemos-lhe “pós-adolescência”.

Jaime acompanhou Milène a casa, em cerimonial silêncio. Dois beijos de despedida e um abraço não muito apertado, ou como dizem os ingleses *close enough* para sentir o seu coração acelerar. Inalou o perfume de Milène, suave e fresco, e naquele instante Jaime soube estar apaixonado.

Para Jaime o Verão começava agora, e prometia ser um agosto particularmente quente e intenso. Prometia e Jaime assim o desejava. Foi com este “estado de espírito”, como bem dizemos em Portugal, que Jaime regressou a casa. Seguiu de mãos nos bolsos, cansado, pensativo, satisfeito. Se tivesse de descrever os seus passos até casa não seria capaz; havia deixado os pés seguirem o caminho já trilhado desde a infância e fixou os pensamentos na reconstituição da sua noite, focando-se nos detalhes que mais importavam. Não tinha a certeza, admitia para si mesmo, que poderia estar, por ventura, a exagerar nas expectativas ou a “ler” de forma tendenciosa certos gestos de Milène. Foi com o embalo do seu perfume que seguiu até casa, hipnotizado. Passou a ponte, atravessou a vila até meio e na rotundo dos bombeiros subiu a encosta rumo a casa. Deitou-se ao comprido na cama, exausto e apaixonado, apaixonadamente exausto.

Adormeceu assim mesmo. Somente o cansaço lhe permitiu deixar o sono entrar, tamanho era o entusiasmo que lhe ocupava o corpo.

Acordou cansativamente. Olhou o telemóvel para ver as horas: meio-dia e um quarto. Duas mensagens escritas, ambas de França, uma do ex-namorado e outra da melhor amiga. Começou pela segunda.

*Então miúda, não dizes nada? O que é feito de ti? Conta coisas aí do teu Portugal. Ainda é tudo como recordavas? E os rapazes? Manda-me email com tudo... beijos.*

“Ok... vou ver onde há internet, mais logo, e escrevo-te um email longo”, pensou. A segunda mensagem era bem menos desejada e trazia Milène de volta à sua vida em França, ao Inverno anterior, às memórias do frio.

*Milène... princesa, tenho saudades tuas. Dá-me uma nova oportunidade. Teu Kazim.*

“Bah”, pensou, “não vou responder... bem, se calhar é melhor despachar este assunto já”.

*Kazim, já não temos nada a dizer um ao outro. Fica com a Stephanie e sê feliz. Não vale a pena mandares mais mensagens, não vou responder. E não vás ao aeroporto, o meu pai não gosta de ti, nunca gostou, e eu não te irei falar. Sê feliz e deixa-me ser.*

Com esta mensagem Milène sentiu que havia tirado um peso de cima dos ombros. Enterrava assim o seu passado, e partir dali, de onde a sua família havia partido para França, reconstruir a sua história pessoal.

Pousou o telemóvel, um *iphone* branco, e levantou-se. Já sabia que o seu pai diria “lindas horas” por isso resolveu adiar a ironia e dirigiu-se para o duche. Abriu a torneira, e deixou a água correr um pouco até estar morna. Tirou o vestido de dormir, e depositou-o num banco branco e pequeno ao lado da banheira. Abandonou os chinelos de praia que estava a usar, brancos também, e colocou os pés no tapete felpudo rosa e branco, florido, e entrou na banheira, branca, antiga, estalada aqui e ali, mas com estilo que chamamos de *vintage* que não desagrada facilmente.



Deixou escorrer a água pelo corpo, sentindo-a bater na cabeça e ensopar o cabelo. Pegou no sabonete verde e passou pelo corpo, suavemente pelas pernas e braços, e acariciou-se, algo que não fazia há algum tempo. Lavou o cabelo e saiu do duche, pegando numa toalha rosa e secando-se. Enrolou-a depois no cabelo enquanto procurava na gaveta do móvel, pequeno, junto ao lavatório, o secador. Secou o cabelo, penteando-o, vestiu o soutien e uma blusa branca, manga curta, com atilhos no peito (que deixou soltos) e rendas nas pontas das mangas e no remate do peito, e vestiu uns calções de ganga, curtos, simples, e calçou os chinelos de praia. Passou creme hidratante no corpo e foi até à cozinha, onde encontrou a mãe a preparar o almoço.

- bonjour maman – dando-lhe um beijo.
- Bonjour... boa tarde! Anda ajuda-me que hoje temos companhia para o almoço?
- Quem?
- Os tios teus, da parte do teu pai.
- A avó?
- Está na horta a escolher couves, cenouras e tomates para a salada.

## UM AGOSTO PORTUGUÊS

- Quem são esses tios?
- Bem, eles são teus do teu pai... já não se vêm há anos.
- Ok. O palerma do meu irmão?
- Não chames...
- Tou aqui...

Pierre vinha ensonado e despenteado. Com ar de quem teve uma noitada. Milène estava bem mais fresca do que ele.

- Pierre põe a mesa para dez pessoas.
- Dez? Fonix! Tanta malta! Ok, vai já.

Os familiares, verdadeiros desconhecidos de Pierre e Milène iam chegando, trazendo bem ensaiada a narrativa do “oh que grandes”, “oh que gira”, etc., etc., etc., cantigas de boca em boca tecidas em laços de sangue. Para os jovens aquele momento era um desfile de portugalidade, de ruralidade, com a qual pouco se identificavam. As mulheres quase todas de cabelo curto, escuro, com peso a mais, trajando umas batas floridas, todas elas azuis, armaduras de pano contras as nódoas, calçando sandálias ortopédicas pretas. Por baixo daquelas batas horrorosas – diga-se de passagem – estavam camisas de senhora de manga-curta e saias pretas e simples. Os homens, também eles quase todos iguais: estatura média-baixa, com

proeminente e festiva barriga, lembrando os barris de cerveja e vinho, de camisas de manga-curta aos xadrez ou riscas, de calças clássicas e sapatos domingueiros.

O contraste geracional não poderia ser mais gritante. Artur e Catarina nada tinham a ver com os parentes mais velhos. Artur trajava calções desportivos com o símbolo do Olympique de Marseille e chinelos de banho, e um polo laranja da francesa *Le Coq Sportif*. Catarina vestia um polo feminino, de tom rosa pálido, da *Lacoste*, e calças de ganga, com sandálias de uma qualquer marca brasileira, provavelmente Havainas.

Quando os familiares chegaram estava Artur no fogareiro a grelhar as carnes para o almoço. O calor deixava-o cheio de suor, mas isso não o incomodava. O importante era estar ali, de volta à terra, sem a pressão social de quem fugiu, mas abertamente, convivendo com a família, apresentando os filhos. Claro que tinha consciência de que os filhos não iriam ter qualquer empatia pelos tios, mas ainda assim era importante que os conhecessem.

- que 'tás a assar 'tur?
- Oh tio! Dê cá um abraço!
- Como 'tás rapaz?

- Já não sou um rapaz, tio... a vida foge...
- Foge? Corre! Eras tu catraio pah!
- Pois era... agora sou pai... Pierre! Traz aí uma cerveja para o tio Lourenço!

O almoço foi ruidoso, bem bebido e comido. Pierre e Milène levantaram-se cedo da mesa, assim que terminaram de comer, levando os seus pratos para a cozinha. A refeição ocuparam-na entre ouvir histórias da infância do pai e olharem para o telemóvel. Depois estenderam-se ao comprido nos sofás da sala. Ligaram a televisão num dos quatro canais abertos. Sem o cabo ou satélite a televisão era um aborrecimento, uma “seca”, para os irmãos. O filme que era transmitido no canal três já haviam visto várias vezes, e em nada agradava a Milène uma história repetitiva, exaustiva até, em torno de carros de corrida transformados, o *tunning*, mulheres bonitas e homens corajosos. Mesmo Pierre já havia visto o filme vezes suficientes. Noutro canal transmitiam as festas dos campinos, com os seus touros, fados, convidados a cantar música popular no largo de uma terriola qualquer, cujo nome desconheciam, bailarinas com roupa espalhafatosa e celulite a mais para a função, um ou outro cantor com peruca a disfarçar a idade, e um apresentador enérgico

empenhado em fazer de um espetáculo demasiado provinciano um grande evento cultural.

Num outro canal, onde se fixaram, passava um documentário sobre Lisboa, a capital, as ruas íngremes, as tascas do fado, o Largo Camões que serve de porta ao Bairro Alto onde a noite lisboeta acontece, o Terreiro do Paço e a sua impressionante luminosidade, os museus, as colinas, os Jerónimos.

- é impressionante a diferença entre aqui e Lisboa. Não parece o mesmo país.
- Sim... mas Paris também não parece a Provence.
- Tens razão, Mimi.

(Mimi era o nome de criança de Milène, e só em certos momentos Pierre o usava e lembrava).

Deixaram-se ficar ali, embalados pelo fado lisboeta, pela vista dos vários miradouros, pelas imagens da vida noturna do Bairro Alto, e no silêncio das imagens e sons deixaram-se dormir. Cá fora a família ia convivendo, relembrando coisas antigas, e subindo a voz bem embalados pelo vinho que acompanhava os queijos e enchidos (ou seria ao contrário?), distribuídos pela mesa em pequenos pratos e

minúsculas travessas floridas. O cheiro a queijos e enchidos enchia o ar, misturando-se com o aroma do vinho, o que seria um notável poema bacante. Os estômagos já iam a mais do que a conta, por isso já haviam cintos e botões desapertados, depois da feijoada-à-transmontana servida por Catarina e sua mãe.

Jaime pegou na toalha de praia, vestiu os calções e uma t-shirt, calçou os chinelos. Passou pelo quintal onde a mãe, viúva, tratava da horta.

- um mergulho antes do almoço, até já!
- Vai com cuidado, rapaz!

Não que Jaime não fosse um amante do rio e dos mergulhos, e não que os trinta e sete graus não tornassem a água gelada do Sereno apetecível, mas o que encaminhava Jaime ao rio era a expectativa de ver Milène. Fez o caminho com o coração aos pulos e um passo acelerado. Ia cumprimentando os mais velhos por quem passa, sentados aqui e ali às sombras, até que chegou ao rio. A relva estava ainda ligeiramente húmida, da noite e dos salpicos da fonte embutida na rocha cuja profundidade e largura tornavam-na numa espécie de

piscina para os mais pequenos. Olhou em volta, fingindo absorver a paisagem. A praia estava verdadeiramente lotada. Dezenas de pessoas estendidas na toalha, a água um pouco mais escura do que o normal, muito à custa dos bronzeadores e protetores solares, e com população acima do desejado. Crianças corriam na relva, na extremidade junto à ponte, onde um grupo de turistas jogava à bola com balizas feitas com chinelos de praia e toalhas. O ecrã gigante, sustentado por uma estrutura de ferro, transmitia o telejornal.

Indiferente a tudo isso, Jaime procurava, agora menos discretamente, Milène. Logo hoje, no seu dia de folga, Jaime não encontrava Milène. A partir de segunda-feira seria mais complicado. Com o seu horário, praia só ao final do dia. A esperança residiria no “Sobre Águas”, mas não era garantido que Milène fosse até lá fora do período de festas. A desilusão de Jaime era total, o que fez crescer ainda mais a ansiedade deste. Dirigiu-se para a zona dos balneários, onde uma plataforma de madeira servia de lugar para os rapazes e raparigas locais. Ali só se sentam eles. Cumprimentou todos os presentes, e largou a toalha e os chinelos. Dirigiu-se à ponta da rocha, agarrou na árvore solitária respirando fundo e avançou, mergulhando de cabeça com grande aparato. Nadou até à ponte, baixa, onde a água escorrega fazendo um lençol e a profundidade serve para molhar os

pés, e saiu do Sereno. Pegou na toalha e disse “vou bazar. Até logo.” Seguiu para casa onde a mãe o aguardava para almoçar. Sentados à mesa Jaime e a mãe deixaram-se ocupar pela comida e pelo silêncio. Não havia muitos temas entre ambos. A mãe falava sobretudo da horta, do tempo, da horta, das vizinhas, da horta. Tudo temas que não interessavam a Jaime. Depois do almoço lavou a loiça e foi-se deitar no sofá. Ficou a ver uma reportagem sobre Lisboa, exatamente a mesma que Milène – sobre quem pensava – estava a ver. Adormeceu durante uns minutos, levantou-se e foi até à praia, novamente, repetindo o cerimonial da manhã, passo a passo. Nos entretantos de tudo isto chegaram os seus amigos, com as suas toalhas e uma bola de futebol.

- Jaime! ‘Bora dar uns toques.

- Ya, passa.

E ficaram ali todos juntos, com os pés descalços na relva sentindo os picos a entrarem na pele, passando a bola uns para os outros, num quadrado reduzido, mais ou menos afastado das toalhas alheias. Jaime sempre ia deitando um olho em redor, à procura de Milène, o que lhe valeu várias vezes “o prémio” de ir “ao meio” no jogo chamado de “rabia” ou “meinho”. Para quem desconhece a “rabia”, trata-se de um



jogo em que um jogador é colocado no meio dos restantes, que formam um círculo passando a bola entre si, enquanto o jogar ao meio procura recuperar a mesma.

Jaime acabou por se dedicar exclusivamente ao jogo com os amigos, e em boa hora o fez porque Milène não pareceu na praia naquele dia. Nem ela, nem Pierre. Depois de uma hora a picarem os pés, a suarem, caírem e darem vários encontrões, Jaime e os amigos decidiram arrumar a bola entre as mochilas e toalhas, e seguir para os mergulhos.

V  
PROVENCE, 2009

KAZIM recebeu a mensagem e sentiu uma enorme cólera dentro de si. “Cabra”, foi a primeira palavra que lhe veio à cabeça, mesmo sabendo que o culpado de toda a separação era, exclusivamente, ele, que não havia conseguido resistir ao impulso sexual de possuir Stephanie. Releu a mensagem.

*Kazim, já não temos nada a dizer um ao outro. Fica com a Stephanie e sê feliz. Não vale a pena mandares mais mensagens, não vou responder. E não vás ao aeroporto, o meu pai não gosta de ti, nunca gostou, e eu não te irei falar. Sê feliz e deixa-me ser.*

“Ai é assim que queres? Ok, cabra.” A raiva dentro de Kazim é das que nascem quando o amor cessa. Os extremos tocam-se, diz o povo com razão. Quando Kazim encontrar novamente o amor, noutro

corpo, Milène não passará de uma memória, de uma sombra, no máximo de uma lição de amadurecimento. Para já, Milène é o amor-ódio que lhe ocupa o peito e faz fervilhar o sangue. Kazim, sabia, que dificilmente iria viver e construir uma vida e família em conjunto com a jovem luso-francesa, afinal Artur não nutria por si qualquer simpatia. Kazim não sabia bem porquê, se devido ao facto de ser muçulmano ou trabalhar das obras, pois exclui-se que a animosidade venha do facto de Kazim ser franco-argelino, afinal também Milène era filha de imigrantes na Provença.

Era domingo de manhã, por isso Kazim não trabalhava. Havia passado a noite na esperança de uma mensagem de Milène que só chegou com o novo dia, mas cujo conteúdo era o menos desejado. Sem poder matar o mensageiro, Kazim decidiu acatar o conselho de Milène e escreveu uma mensagem a Stephanie, uma jovem francesa de cabelo claro, um pouco magra demais, o que a deixava com pouco peito, mas com um olhar azul profundo e sedutor, com um andar provocador num jeito *banlieu* que se enquadrava com o universo de referências de Kazim, natural de Marselha. Além do mais morava perto, em *Pente du Soleil*, uma encosta antiga, com um punhado de casas velhas, de pedra rústica, janelas em madeira, verdes, gastas, queimadas do sol, com vista para a extensão roxa de lavanda.

*“Phany, queres ir dar uma volta de bicicleta?”*. A resposta não tardou, com um seco *“não obrigada”*. Como Kazim se remeteu ao silêncio, Stephanie, que não queria passar o Verão sozinha, deixou passar um largo quarto de hora, antes de enviar *“mas se quiseres podes vir cá ter e vemos a MTV no sofá da sala”*. Kazim sorriu, e respondeu *“tê já. Vinte minutos ‘tou aí”*. O jovem franco-argelino sabia perfeitamente que MTV e sofá era um código para sexo, mas iria entrar no jogo, não fosse, por estranho acaso, MTV e sofá significar MTV e sofá. Vestiu a camisola do Olympique de Marseille, uns calções largos de ganga escura, e uns ténis brancos de basquetebol, colocou o grosso colar com uma medalha ostentando um “k”, e apanhou a velha bicicleta que encontrou no lixo e na qual perdeu uma tarde a recuperar.

Subiu a ladeira até à casa de Stephanie, usando a velha estrada de terra, onde fardos de feno já se erguiam de ambos os lados. Abriu a pequena porta de madeira, cuja cor branca mal se percebia, vencida pelo tempo. Deixou a bicicleta encostada à parede da casa, e bateu à porta. Obteve um *“entra”* como resposta. Lá dentro Stephanie, vestida unicamente com uma t-shirt branca dizendo “I love NY”, onde o “love” se apresentava por um coração, estendia-se no sofá. Na televisão *rappers* afro-americanos sentavam-se em carros de desportivos, os

quais eram lavados, de um modo erótico, por mulheres afro-americanas com calções curtos e topes também eles curtos. O canal era, de facto, a MTV. “*Quem são?*”, perguntou Kazim. “*Não sei, uns manos quaisquer*”. Claro que não adiantava informar Stephanie que ela não é negra, e que a expressão “manos” não se adequa, afinal culturalmente aquela é do Bronx e não da Provence. Kazim sentou-se no sofá ao lado de Stephanie com um banal “então?”. “Nada”, foi a resposta que obteve. Ficaram em silêncio até que Stephanie apanhou Kazim a espiar-lhe as pernas. Abriu-as ligeiramente, em jeito de convite, e a Kazim não foi preciso dizer mais nada. Tirou a camisola do Marseille, atirando-a para longe, enquanto Stephanie lhe abria as calças. Kazim despiu Stephanie, com pressa, deixando-a nua, com os peitos virados para si, e tirou as *boxers*, já velhas, que trazia vestidas, ficando também ele nu diante de Stephanie, que o puxou para si. O sexo foi intenso e sôfrego, como quem bebe água de uma fonte depois de dias em desidratação. Não houve romance, amor, afeto. Tratou-se de um momento carnal, animal, feito de impulsos, desejos, uma possessão dinâmica, forte e ruidosa. Por fim, exaustos e marcados pelos contornos do sofá, deixaram-se ficar ali, transpirados. Kazim pegou no telemóvel e tirou uma foto de ambos deitados, nus, num velho sofá da Provença, e enviou para Milène, com a legenda

“cumprindo as tuas ordens”. Stephanie não viu nada porque já havia adormecido. Kazim pousou o telemóvel no chão e ficou a ver a MTV até adormecer.

Deveriam estar a dormir há pouco mais de uma hora quando ouviram um carro chegar. Stephanie acordou assustada e gritou “o meu pai! Veste-te, rápido! Anda idiota!”. Kazim vestiu as calças a correr, colocou os ténis, e pegou na t-shirt, saltando pela janela, no exato momento em que o pai de Stephanie entrava em casa. Esta ainda ajeitava a roupa. *Monsieur* Renaud olhou espantado e gritou “quem estava contigo?”. Não aguardou resposta, abrindo novamente a porta e vendo Kazim fugir pedalando a grande velocidade. “Preto de merda! Se eu te apanho...”, foram as palavras que gritou antes de fechar a porta e colocar a filha de castigo, depois de um sonoro estalo.

Enquanto pedalava rua abaixo Kazim percebeu que se Artur não o desejava para genro, o pai de Stephanie não tinha emoções diferentes. Ambos desejavam para as filhas alguém melhor do que um francês descendente de imigrantes argelinos. Não era negro, como Renaud lhe havia chamado, mas era bem mais escuro que aquele e Stephanie.

## VI A MENSAGEM

Milène recebeu a fotografia enviada por Kazim quando estava no carro com os pais, a caminho de casa dos avós paternos, e por isso ficou em silêncio, embora vermelha de raiva. Nunca imaginara que Kazim lhe pudesse fazer *aquilo*, com *aquela*. Não era o facto de a trair, porque já não havia nada entre eles, mas era o descaramento, a falta de dignidade que o levaram a enviar-lhe uma fotografia de ambos nus. “Monte de merda... sejam muito felizes!” foi o pensamento de Milène antes de apagar a fotografia.

## VII JAIME

JAIME detestava as segundas-feiras porque representavam o regresso ao trabalho, e aquela especialmente, porque não teria hipóteses de ver Milène e se esta não fosse até ao “Sobre Águas” à noite não a veria tão brevemente.

O parque de campismo, no cimo de uma das várias encostas de Pomares de Beira Sereno, é uma área arborizada, dividida em três patamares, cada qual com o seu rudimentar pavilhão de chuveiros e sanitários, tanques para lavar a roupa à mão, lavatórios para a loiça e tomadas para carregar os telemóveis e outros aparelhos. Em cada patamar um enorme assador, com vista para o rio, convida os campistas aos grelhados e assados, peixe e carne, enquanto o suor lhes escorre pelo rosto, peito e costas, colando as t-shirts (de alças ou não)



ao corpo, encarnando-lhes os rostos, enchendo-os de cheiro a fumo, carne e peixe.

Jaime passou pela cancela de segurança e estacionou a *scooter* no jardim anexo à recepção. Cumprimentou a chefe, que engomava a roupa dos filhos, embalada pela televisão e pelo som forte da ventoinha, e dirigiu-se ao bar, subindo as meio escondidas escadas de acesso. O bar, de médias dimensões, era uma casa de pedra, construída na sequência do muro divisório do parque, com telhas laranjas, com mesas e cadeiras de várias marcas de cerveja e sumos, e chapéus de sol. No interior uma televisão de grandes dimensões onde se transmitiam alguns jogos de futebol e as festas populares que passam nos canais nacionais. Mesas várias, de madeira, distribuídas pela sala, viradas para a televisão, e uma mesa de *snooker* de tecido vermelho, já gasto. O bar, de pequenas dimensões, com uma minúscula cozinha, de madeira, com todo o tipo de bebidas, e decoração de vários lugares de Portugal e da Europa, tem um toque britânico que contrasta com o restante espaço. Jaime já sabia que o dia seria mais ou menos ocupado. O agosto traz sempre um bom número de turistas a Pomares, sempre querendo cervejas “geladinhas”, gelados para os mais novos, cafés, copos de água, sumos, gelo... o que sempre era melhor do que os meses de julho e setembro, quando passava os

dias a jogar *snooker* com algum cliente, ou mesmo sozinho, a ver televisão, ou a ler um livro, vendo as horas arrastarem-se.

Tão ocupado Jaime esteve que não deu tempo de pensar em Milène, a não ser já na hora de saída. Largou o seu posto às dezoito horas e trinta minutos. Pegou na mochila já preparada, vestiu os calções de banho na cozinha e seguiu para a praia. Ainda ia a tempo de dar um mergulho e conversar com os amigos, mesmo sabendo que o sol começava a esconder-se por trás das montanhas. O rio manter-se-ia lá, convidando-o a relaxar nas suas geladas e cristalinas águas. Saiu com grande pressa, pois no fundo esperava encontrar Milène à beira-rio. Chegou à relva molhada e às margens do Sereno com o coração a saltar-lhe do peito, depois de descer a encosta íngreme em larga passada. Infelizmente foi muito esforço por nada. Milène não estava. Jogou um pouco à bola com os amigos, ou como usam dizer “deu uns toques”. Mergulhou com eles, riram-se, conversaram. As perguntas sobre Milène foram imensas, o que o deixou ainda mais nervoso. Jaime olhava a outra margem na esperança de a ver descer a colina. Nada. E assim o relógio cedo passou das dezoito horas e trinta para as vinte horas e catorze. Cada amigo despediu-me combinando as vinte e duas e trinta como hora de encontro no “Sobre Águas”. Jaime voltou ao parque de campismo para ir buscar a *scooter* que o levaria a casa,

para um banho quente, um prato de sopa, uma tosta mista, uma coca-cola, um beijo à mãe, chegada da fábrica de camisas de Vale de Loureiro.

Vestiu umas calças de ganga escuras, calçou uns ténis brancos, modelo clássico *Stan Smith*, vestiu uma camisola de capuz, verde, com bolsos a jeito para descansar as mãos. Pegou no capacete e seguiu, subiu para a *scooter* encostada ao muro da casa, e fez-se ao caminho para o “Sobre Águas”. Lá dentro os amigos jogavam às cartas, fumavam, bebiam cervejas e diziam palavrões. A música estava desligada, era cedo e não havia clientes para muita coisa. A televisão estava num canal de música, o que cumpria o efeito desejado. As famílias preferiam ir até ao “Serenata”, o bar-esplanada móvel, montado sobre o rio, de frente para o ecrã gigante, na praia principal. O ar livre e o ecrã sobre água tornavam-se mais apelativas, e por ali os miúdos comiam os gelados, os pais bebiam cervejas, cafés, e outras bebidas. Havia também quem não resistisse a uma sopa, a um cachorro ou a uma tosta. O “Serenata” tem sempre clientes. Facto que a Jaime não ocorreu. Enquanto jogava às cartas com os amigos, Milène e Pierre estavam no “Serenata” com os pais a sentir a brisa fluvial.

As horas iam passando e Jaime ia ficando cada vez mais taciturno. Pela meia-noite decidiu ir embora. Não havia população

suficiente para o “Sobre Águas” abrir como discoteca e por isso mais valia ir dormir que no dia seguinte o ciclo de trabalho se repetia. Decidiu passar pelo “Serenata” para dois dedos de conversa com o amigo Pete, um luso-inglês que nasceu em Pomares, filho de um casal *hippie* que “apareceu por ali de paraquedas”, como costumam dizer as gentes da terra.

- então Pete? *what's up?*
- Então, *man?* Sabes quem esteve aqui?
- Nop, quem?
- A francesa...
- ‘tás a gozar?
- Não, meu, lamento. Ainda esteve uma hora.
- Então me disseste nada?
- Como podes ver... - *abrindo os braços Pete mostrou a esplanada cheia.*
- Ok, tens desculpa... desta vez.
- Right.
- Vou p’ra casa... já vi que ‘tou lixado... quem sabe amanhã.
- Yes, mas amanhã passa aqui antes de ires para o “Sobre Águas”,  
é um conselho.

- Certo. Abração!

Jaime seguiu, por fim, para casa, para se entregar às fantasias em torno de Milène e dormir. O dia seguinte seria novamente uma repetição do anterior: acordar, tomar duche, comer, vestir, pegar na scooter, fazer o percurso até ao parque, estacionar, dizer “bom-dia” à chefe que deverá estar a engomar, ir para o bar e atender pessoas até à hora de sair, mergulhar no rio e estar com os amigos. Até às dezoito horas e trinta minutos será, uma vez mais, um autómato, até que o relógio o libertará.

## VIII AS FESTAS

SOMENTE ao terceiro dia Jaime, finalmente, encontrou Milène. Estava no “Serenata” com os pais e alguns amigos dos pais, que entretanto haviam chegado de França, e os filhos destes, ligeiramente mais novos que Milène, da geração de Pierre portanto. Enquanto os pais comunicavam entre si em português, os mais novos, luso-franceses, riam e conversavam na língua de Robespierre. A diferença linguística transmitia a distância que vai entre para quem Pomares é voltar e para quem Pomares é ir.

Jaime não se atreveu a aproximar-se de Milène. Ficou à conversa com Pete, ao balcão do bar-esplanada, bebendo uma coca-cola fresca, com gelo e limão, à espera de uma boa oportunidade para encontrar Milène. Sabia que ela já o havia visto, embora não lhe tivesse dado grande atenção. Um mero olhar. Aguardou. Ao fim de um bom período de tempo Milène foi até à casa-de-banho. Era o momento

ideal. Jaime levantou-se, pouco depois, e seguiu pelas traseiras do bar, sem dar nas vistas, e aguardou junto aos lavabos, à luz de um candeeiro de rua, luz camuflada pela vegetação. Fingiu lavar as mãos quando sentiu que Milène ia sair. Milène teve uma reação de surpresa ao encontra-lo ali.

- Bonne nuite, mademoiselle.
- Olá. Andas desaparecido.
- Eu? Bem, tenho estado a trabalhar, quando não trabalho vou até à praia. Tu é que não és vista há muito.
- Bem, domingo fiquei em casa, mas todas as noites venho até aqui. Olha tenho de ir. Estou com a família. Depois vemo-nos.
- Ah ok. Olha... posso ficar com o teu número de telemóvel?
- Hmmm... sim.
- Se não quiseres não fico.
- Não, ok, pode ser.
- Boa, depois combinamos alguma coisa.
- Ok.

Jaime registou no seu telemóvel o enorme número francês de Milène. Despediram-se atabalhoadamente, e Jaime regressou para

junto de Pete. Ao cabo de uma hora Milène seguiu para casa. Não olhou uma única vez para Jaime. Ao invés de ficar triste, Jaime associou tal facto à presença dos pais. Decidiu ir para casa, a noite estava ganha, de nada valia ir ao “Sobre Águas”. Além do mais, o resto da semana seria atribulada. Mais gente no parque, festas todas as noites e as festas populares durante o dia.

Pela vila a azáfama era grande. Faltavam poucos dias para a festa de Nossa Senhora de Pomares de Beira Sereno e a vida da vila era intensa por esta altura. Funcionários da câmara municipal colocavam inúmeras luzes decorativas pelas ruas, que formavam arcos floridos na maioria dos casos. O altar da igreja foi decorado com flores, e o coreto preparado para receber a banda filarmónica. No largo da Igreja e da torre do relógio foi instalado um palco para receber as bandas populares, conjuntos musicais que animam as festas da região, com música de bailarico, com acordeão, letras com segundo sentido e bailarinas no palco mostrando mais do que escondem. A música de bailarico, muito própria da estação, ou se aprecia ou se detesta, não há meio termo. Cartazes com o programa da festa foram afixados por toda a vila, com particular relevo para os cafés, lugares de paragem da população.



Chegou a quinta-feira, o primeiro-dia da festa. Foguetes interromperam qualquer silêncio que pudesse habitar o vale, fazendo eco nas montanhas, anunciando assim, como cornetas populares, o começo das festividades em honra de Nossa Senhora de Pomares de Beira Sereno. A primeira atividade do dia era o discurso do presidente da Câmara, António Simplório da Anunciação, ou como era chamado “o shôr presidente”. O discurso repetia-se, ano após ano, sendo uma mera formalidade, coisa que certamente os amáveis leitores já conhecem, daqui ou dacolá. Em seguida era dado o tiro de partida para a meia-maratona pela amizade, na qual o próprio presidente era concorrente. À hora de almoço já as senhoras da comissão festeira tinham as mesas prontas no Parque das Amendoeiras, à fresca dos fartos ramos das árvores. A participação na *almoçarada* tinha o custo de dois euros por pessoa, e servia o valor para ajuda aos bombeiros e para um fundo comunitário que visava o apoio aos idosos e outros necessitados.

O Parque das Amendoeiras estava envolto num turbilhão de aromas. De gigantes panelas vinha o cheiro a grão e enchidos, cheiro quente e forte, de uma comida bem portuguesa, que enche os estômagos e apela à sesta. De panelas não menores vinha o cheiro a bacalhau e a batatas cozidas, couves, cenouras e grelos, numa

alternativa gastronómica completa. E perfumando o ar o cheiro a leite creme devidamente queimado, apelando aos sentidos e fazendo crescer água na boca. A mesa era farta para o banquete da santa.

Grandes tábuas de madeira estendidas sobre estruturas de pedra e madeira ocupavam todo o parque, lembrando um salão medieval. Sobre a madeira lençóis brancos – que seriam tingidos de azeite, molho de grão, vinho, e outras nódoas mil – faziam de toalha. Os risos e as correrias das crianças compunham o imenso cenário festivo, já bem regado a abraços, beijos, palmadas das costas, alguns “parem quietos!”, e muita animação, e em tudo isto as conversas misturavam-se no ar.

Depois do almoço, com as barrigas atestadas, várias foram as famílias que se estenderam na relva a dormir, aguardando pela abertura oficial da quermesse, pelas dezassete horas. Escusado será dizer que pelo rio sobravam apenas uns parques turistas.

Enquanto isso, Jaime ocupava-se dos campistas que vinham beber o café depois do almoço, e das crianças que corriam aos gelados favoritos. Milène e Pierre haviam preferido ficar pelo rio. O almoço popular não fazia parte dos seus imaginários, já francófonos, mesmo convivendo com os amigos dos pais. Os restantes “franceses” da sua geração encontraram-nos no rio, enchendo a praia fluvial de um

intenso sotaque francês que se interrompia por um ou outro palavrão em português, quando a água se revelava fria ou como bordão linguístico entre os rapazes.

Catarina comprou uma série de rifas, tendo ganho um galo de Barcelos e um rádio a pilhas. Não achando graça aos prêmios entregou-os como ajuda à quermesse. O resto da tarde não teve qualquer atividade, e as famílias deixaram-se ficar por ali, à sombra das árvores, outras pelo rio, e outras regressaram a casa ou às suas lojas e postos das repartições públicas.

À noite o bailarico, conduzido por um conjunto musical que cantava sucessos populares, que falam de amores e desamores, partidas para longe e beijos atrás da igreja, teve grande afluência. O largo da igreja encheu-se e quando o relógio bateu as vinte e duas horas ouviu-se “som, som, experiência, som”. Estava anunciado que dentro de minutos a banda “Gato e Sapato” subiria ao palco. E assim começou o bailarico. Casais agarrados, mães e filhas, irmãs, toda a gente dançou. Milène, Pierre e os outros luso-franceses estavam encostados ao muro do posto de turismo, no lado oposto à igreja e ao palco, bem de frente para este, mas a distância suficiente para não incomodarem a dança (ou serem incomodados por esta). Mas se para a maioria dos locais e de vários emigrantes o bailarico era um momento

de pura alegria e convívio, um dos momentos mais marcantes das festividades religioso-populares, marcando o coabitação entre sagrado e profano, ao mesmo tempo que os retira de muitas amarguras dos restantes onze meses, para os mais novos, em particular os filhos de emigrantes, o quadro era visto com desdém e gozo, uma pintura do ridículo, sem qualquer ponte geracional ou cultural.

Jaime chegou pouco depois, acompanhado dos amigos. Viu Milène mas esta não o viu, ocupada a rir com o seu grupo. Por isso o apaixonado ficou por ali, a olhar a dança, até ser arrastado para dançar com os amigos, numa galhofa conflituante com quem levava a dança a sério. Tamanha foi a algazarra gerada por Jaime e seus companheiros que se tornaram no centro das atenções e no motivo de gozo dos luso-franceses. A estranha dança demorou pouco mais de dez minutos, findos os quais se foram encostar ao muro da igreja a conversar.

Como o tempo ia passando e a hora de ir para o “Sobre Águas” se aproximava, Jaime ganhou coragem e pegou no telemóvel. Escreveu e reescreveu a mensagem três vezes, inseguro sobre a melhor forma de iniciar a conversa, sem parecer muito interessado ou ansioso.

*Olá. Ça va? Não sei se sabes mas a partir de hoje há festa todas as noites no “Sobre Águas”. Vais até lá? Jaime.*

Milène sentiu o telemóvel vibrar. E pensou “espero que não seja o Kazim”. Viu que o número era português e leu a mensagem. Automaticamente procurou Jaime na multidão. Encontrou-o do outro lado do palco, à conversa com os amigos. Respondeu:

*Olá. Estou bem, obrigado. Et toi? Sim, a Rebeca disse ao meu irmão.*

*Vamos todos para lá, daqui a pouco. Vemo-nos lá, quiçá.*

Jaime recebeu a mensagem com satisfação. Sabia que não poderia esperar uma mensagem entusiástica nem uma declaração clara de ansiedade pelo reencontro. Além do mais Milène é mais francesa do que portuguesa, e bem sabe Jaime que as francesas têm um *quelque chose* de coquete, ainda para mais alguém com tamanha beleza natural.

O bailarico prolongar-se-ia durante mais um punhado de tempo. Eram já vinte e três horas e doze minutos. Jaime e os companheiros do costume decidiram que a diversão por ali era chão que já deu uvas. Por isso pegaram em si mesmos e foram para o “Sobre Águas”. Depois de passarem a ponte ainda música com sabor a Verão batia nas encostas, vinha nas águas e sacudida pelas árvores. Fizeram a pé, em tom de brincadeira, a travessia até ao bar. Sempre igual, subindo e descendo,

passando pelas cabras guardadas nas velhas casas ao longo do caminho, e descendo finalmente em direção ao “Sobre Águas”. Pelo caminho já haviam os copos e garrafas abandonados, deixados por quem não tem qualquer amor à Natureza. O protocolo dos cumprimentos foi cumprido. Jaime e os amigos entregaram-se às cervejas, bebida barata e fresca, e encostaram-se aos ferros da esplanada a conversar, vendo o “Sobre Águas” encher. Lá em baixo, no terraço convertido em pista de dança, o DJ punha a música. Ouviam-se os pneus a chiar, os carros e motos a estacionar, e um sem fim de gente a chegar.

Jaime viu Rebeca chegar. Vinha sozinha.

- Então? Sozinha?
- Olá. Não vos tinha visto. Sim... o Pierre diz que vem cá ter.
- Pois... junta-te a nós enquanto esperas, se quiseres.
- Obrigada. Então... tu e a Milène...?
- Não, não... acabámos de nos conhecer.
- Conheceram-se naquele dia, como eu e Pierre...
- Sim mas nunca mais nos vimos....
- Pois, estás sempre no parque, não é?

- Yap. Tenho ido à praia, mas nunca a encontro. Hoje espero que venha.
- Sim, vem. Mas olha, vou dar-te uma dica: ela acabou com o namorado há pouco tempo, ele tinha outra... tens de ir com calma.
- Obrigado.

Nestes entretantos de diálogo, misturados a piadas com os demais, conversas em que o tempo foge, Milène e a companhia francesa chegaram ao “Sobre Águas”. Rums-cola foram servidos abundantemente diretamente nas mesas. Pierre chamou Rebeca. A jovem já totalmente apaixonada, seguiu até ele como um animal amestrado. Pierre percebeu que era dono de Rebeca, e isso deu-lhe um sentimento de superioridade ainda maior. Apresentou a jovem ao seu grupo, que respondeu com uma amável “olá”, e retomou a conversa em francês, deixando Pierre ocupado com o seu brinquedo de Verão. Se em França ele é um imigrante, socialmente inferior aos franceses, ali, em Pomares de Beira Sereno, Pierre está acima na escala social. Ele é mais do que os habitantes de Pomares, ele é alguém que vem de *lá, da* França. Alguém que conhece mais do que Pomares,

alguém que transita entre países, culturas, *mundos*. Ali é um estrangeiro num sentido positivo, valorativo.

Os luso-franceses, os filhos dos emigrantes, os jovens já nascidos *lá*, e que fazem a ponte entre os dois países, não pertencendo a nenhum, verdadeiramente, permanecem sentados no sofá, conversando em francês, com um ar de desdém perante as gentes de uma terra que aos poucos vão aprendendo a amar mas que o temem assumir.

Jaime, encorajado pelos amigos, decide convidar Milène para dançar. Dirige ao grupo luso-francês, com uma passada decidida, que esconde os nervos e o comboio a todo o vapor que lhe habita o peito.

- *Bonsoir*. Olá Milène... queres dançar?

Silêncio. Sepulcral, absoluto. Ninguém respondeu. Todos a olhar fixamente para Jaime. Um português, desconhecido para a maioria, a convidar Milène para dançar.

- olá. Não sei... estou aqui com os meus amigos... não tens os teus amigos ali também?

- Sim... ok...



Quando Jaime se preparava para ir embora, virar costas derrotado, foi chamado.

- Attente... amm, espera! É que eu não danço com frequência, nem sou fã destas músicas.
- Ok, ok. Tudo bem.

Jaime virou-se novamente.

- Mas se conseguires que o DJ coloque uma música africana eu danço contigo. D'accord?
- D'accord.

Enquanto as amigas de Milène comentavam sobre o jovem português, Jaime saiu confiante em direção ao DJ. Sem qualquer pretensão a estrela da mesa de mistura, o DJ era apenas um rapaz que colocava a música nas férias da faculdade, e respondeu positivamente ao pedido de Jaime, dizendo-lhe apenas que aguardasse duas músicas. “Tá-se bem?”, foi nestes termos que se selou o acordo.

Ao cabo de não duas, mas três músicas, os primeiros acordes de um popular kizomba, começaram a ecoar pelas árvores, pela mó, pelas cadeiras, e pelas pedras do rio. Quando Milène olhou surpreendida para Jaime este sorriu e ergue o copo num brinde simbólico, que era

também uma prova de que a sua parte havia sido cumprida. Milène sorriu de volta e assentiu com a cabeça. Levantou-se e foi para a pista de dança, não sem antes ter de se desenvencilhar de um ou outro bêbado determinado a dançar com ela. Jaime foi ao seu encontro.

- Não esperavas que conseguisse, pois não?
- Bem, tinha uma certa curiosidade, *vraitment*.
- Ahaha. Há um problema, devo dizer-te.
- Então?
- Não sei dançar isto...
- *Alors...* eu faço de homem e tu de mulher... eu conduzo.
- *D'accord*.

A dança durou ainda um tempo. O DJ tendo entendido o propósito de Jaime ofereceu-lhe três canções. Apesar dos que observavam, para Jaime o mundo estava todo ali condensado, entre ele e Milène, e nada mais havia para além. As fronteiras dos seus corpos eram as fronteiras do mundo. Não existia o frio da noite, o barulho da água, o vento, as vozes, nem sequer a música. Jaime não sabia dançar kizomba, Milène conduzia como podia, sem grande sucesso, com uma gargalhada ou

outra, mas com muita feminilidade. No olhar esmeralda de Milène, Jaime encontrou o amor e perdeu-se definitivamente.

Não voltaram a dançar nessa noite. Jaime regressou para junto dos amigos e Milène para o grupo luso-francês. Em cada agremiação a conversa era a mesma. Milène desvalorizou ao máximo o momento: simplesmente havia dançado com um rapaz que conheceu uns dias antes, simpático por sinal, e pouco mais. No grupo de Jaime a conversa era mais masculina: o corpo da jovem e o espírito conquistador de Jaime. “Garanhão”, “és o maior”, “dá-lhe”, foram palavras usadas repetidas vezes.

Passado pouco tempo os luso-franceses partiram, de regresso a casa. Milène despediu-se com um acena de mão a Jaime, a que este retribuiu com a cabeça. Somente Pierre permaneceu com Rebeca, durante uma hora de beijos e calor dos abraços e outros que tais. Mas Rebeca tinha hora para voltar, por isso Pierre acompanhou-a a casa e combinaram ver-se na praia, no dia seguinte, à tarde, facto que melhor agendariam pelo telefone. Ou, nas suas palavras “eu mando-te uma mensagem, d’accord? Fica bem”.

Depois do pequeno-almoço, tomado em cuecas e blusa de alças, Artur saiu para o Parque das Amendoeiras, onde se reuniria com os

seus companheiros de emigração, vizinhos aqui e lá, para uma partida de jogo da malha. Quando Artur chegou já todos lá estavam. Levantou os braços pedindo desculpas, mesmo sabendo que nenhum deles iria recriminar o capataz, o homem que lhes arranhou trabalho *lá da* França. Embora ainda nem hora do almoço fosse, o vizinho tinto ia sendo distribuído nos copos, em basta quantidade, o qual era bebido ao ritmo de cada jogada. As conversas saltitavam da festa para o trabalho, dos filhos para o vinho, do calor para o jogo.

O almoço estava marcado para casa de Alfredo, um homem de farto bigode e não menos expressiva barriga. Montada na garagem, a mesa comprida alojava todos em grande aperto, facto que Alfredo fez questão de anunciar com um popular “mais vale comer apertado do que trabalhar à larga”, com uma descontextualizada “carolada” no filho mais novo.

Foram os presentes ocupando os lugares à mesa, com os mais novos a tomarem conta do canto, formando um grupo à parte, onde se fala exclusivamente o francês. O bacalhau à brás não veio se não depois das alheiras, chouriço preto, pão, azeitonas e azeite para demolhar. Os mil cheiros a comida entranharam-se nas paredes da garagem, forrada a azulejo verde e branco, com bicicletas poeirentas e teias de aranha, velhos calendários anunciando feriados de 1994, e

com uma decoração composta numa motorizada enferrujada e que não vê estrada à várias décadas, uma caixa de velhos sapatos, uma cobertura para o carro, vassouras sem cabo, cabos sem vassoura, um cachecol do Benfica na parede, algumas enxadas, bolas de futebol, chapéus de praia, bancos partidos, uma mesa de cabeceira sem uma perna.

Lurdes ia servindo a refeição aos presentes. De frente para o tacho ia servindo prato a prato. O avental azul tapava-lhe a roupa, mas não o decote da blusa vermelha, onde o *soutien* preto de renda espreitava, e para onde mirava Chico, o seu marido. Apesar de casados há quase dez anos, entre eles a chama estava ainda bem acesa. Lurdes era uma mulher que se cuidava, e com um decote sugestivo. Por isso, quando passou por Chico foi “premiada” com uma sonora palmada no rabo, sinal de afeto e pertença, a que retribuiu com um “tá quieto”.

Enquanto os mais novos seguiram para a praia, depois do almoço, os verdadeiramente portugueses ficaram por ali. As mulheres a lavar a loiça e a arrumar a garagem, os homens a jogar às cartas e dominó. Concluídas as tarefas femininas seguiram todos para o Parque da Ponte, no extremo leste da vila, onde se inaugurava a Feira Agrícola, com os seus *stands* com alfaias, mas também compotas de muitos frutos, em frascos de vários tamanhos, e até chapéus de

modelo vaqueiro norte-americano, o *cowboy*, muito popular entre os emigrantes, não fosse prova disso o facto de Chico ter adquirido logo um. Circularam então por ali, observando os *stands*, conversando avulsamente, até regressarem a suas casas.

O grupo de Milène, chamemos-lhe assim, ocupou uma área considerável debaixo de uma árvore, de frente para o rio. Alguns dos amigos de Jaime escreveram-lhe, imediatamente, uma mensagem: “Jaime, a tua francesa está aqui na praia. Já que não estás vou fazer-me a ela. Lol”. A resposta não demorou, redigida ao mesmo tempo que tirava um café na máquina, servindo um cliente habitual: “Vai à merda”. Mas Jaime sabia que os amigos pretendiam, simplesmente, incomodá-lo, nenhum se atreveria a tentar a sua sorte com Milène. Além do mais, o “vai à merda” de Jaime não tinha nada de ofensivo, afinal as ofensas entre rapazes têm o condão de serem cumprimentos de amizade.

Quando o sol se começou a deitar nas montanhas, e a temperatura fora d’água se encontrou com a de dentro d’água, a praia foi-se esvaziando de pessoas. As toalhas foram recolhidas, os brinquedos das crianças guardados, as t-shirts vestidas, os chinelos calçados. Quando Milène e restantes abandonaram a praia, passando a ponte rumo às suas casas, e o grupo de Jaime jogava os últimos lances

de uma partida de futebol cujas balizas foram formadas por chinelos, do parque de campismo vinha já o cheiro a febras, couratos e frango dos grelhadores. O fumo negro anunciava não um Papa mas uma santa refeição para os estômagos mais necessitados.

Repetidos os rituais das refeições em cada lar, as famílias *da* França foram até ao “Serenata” para ouvir cantar vozes boas, más e medianas, no *karaoke*. O palco, instalado onde habitualmente estão as mesas para as refeições, roubou espaço sentado, embora tenha atraído mais clientes, obrigando o serviço a ser mais rápido, mas não menos demorado. Foram cantadas musicas modernas, populares portuguesas, êxitos internacionais, canções antigas nacionais e vindas dos Estados-Unidos ou Inglaterra. Sucessos intemporais, coisas esquecidas. Vozes boas, muito boas, más, péssimas, medianas. Nervosas, empenhadas, espalhafatosas.

Milène, Pierre e os seus amigos, abandonaram os pais e seguiram para o “Sobre Águas”. Já se começava a ouvir a música, embora esta não se sobrepusesse ao *karaoke*. Era a “noite brasileira”, e a música com sotaque a açúcar e cacau namorava com o rio. O “Sobre Águas” encheu. Centenas de jovens de Pomares e de Cidreiras, disputando raparigas, a dançarem samba e axé music sem se preocuparem com os seus passos, totalmente descoordenados, em

nada relacionados com a música. O convívio e a alegria era quanto basta.

Pierre passou a noite ocupado nos amores com Rebeca. Depois de dançarem e beber agarrados, Pierre levou a jovem portuguesa através da ilha, pela ponte de madeira, até à outra margem do rio, onde as árvores fecham formando uma escuridão adequada. Os beijos aceleravam a respiração, e Pierre sentiu o entusiasmo da situação. Agarrou mais ardentemente Rebeca e começou a tocar-lhe por baixo da camisa que trazia. Rebeca estremeceu mas gostou de sentir as mãos de Pierre na sua barriga e costas. No entanto, quando Pierre chegou junto do seu pequeno peito, que palpitava de amores, Rebeca ficou desconfortável, e repeliu o toque. Pierre ficou surpreendido mas não desarmou, na esperança de lá voltar em nova oportunidade. Pegou em Rebeca e levou-a a dançar.

Entretanto, Jaime conversava com Milène, enquanto os amigos já interagiam com as jovens luso-francesas, entre um francês mal formulado, um português com sotaque da Provença, e um inglês como bengala ao diálogo. Milène e Jaime foram dançar, desta feita em pé de igualdade.

- Beca, espera aí. Vou buscar-nos bebidas.



- Para mim uma água, Pierre.
- Non, 'tás comigo vais beber à francesa.

Por vergonha Rebeca não foi capaz de contrariar Pierre. E logo ela, que nem champanhe bebia em ocasiões festivas. Bebeu com dificuldade e uma boa dose de coragem o rum-cola trazido por Pierre. Ali sozinhos, sob o escuro das árvores, Rebeca não queria ficar como uma campónia que não bebia como os “franceses” de Pomares. E Pierre!, o seu novo grande amor. Como lhe poderia dizer que não?! Por isso bebeu, um e outro copo. Com isso alheou-se da realidade, vivenciando a noite como um sonho. E porque os sonhos são apenas isso, não se perpetuam quando acordamos, Rebeca entregou-se a Pierre. *Comme dans un rêve*. Desta vez não impediu Pierre de lhe tocar o peito, nem tão pouco de subir a mão pela coxa, por baixo da saia, ao mesmo tempo que sentia o calor da respiração de Pierre no pescoço. O toque cada vez mais íntimo de Pierre despertou o desejo em Rebeca que desapertou o cinto de Pierre. No calor dos toques Pierre levantou Rebeca e ali, ao som do rio que corria fervorosamente em direção a Pomares, o jovem luso-francês encostou Rebeca a uma árvore, afastou-lhe o cabelo e encostou a cara ao seu pescoço, tomando-a e assim tirando-lhe o resquício físico da infância. Para casa

Rebeca voltaria uma mulher, não sem antes se lavar no rio gelado. “Amas-me?”, foi a única coisa que Rebeca pronunciou, no final do frenesim sexual. Pierre respondeu à altura da situação, de acordo com o protocolo, “oui, je t’aime”. Longe, porém, de ser verdade.

Regressaram à festa, para junto dos franceses, tendo porém Rebeca ido ao wc arrumar a roupa e o cabelo. O sexo (ou talvez a água gelada) tinha tido o condão de lhe cortar meio efeito do álcool. O outro meio, que traria a verdade, só passaria no dia seguinte.

Para Abigaïl, uma das jovens luso-francesas, a festa acabou mais cedo. Chico, que era um tio “porreiro”, como costumam os mais jovens dizer, foi chamado para levar a sobrinha, em quase coma alcoólico, para casa, sob a promessa de não contar aos pais desde que não voltasse a repetir a brincadeira. Abigaïl prometeu mas não cumpriu. No entanto, o estado da jovem foi o suficiente para estragar a festa aos demais. Milène despediu-se à pressa de Jaime, pedindo desculpa, “mas a situação é chata, tenho de ir para casa ver o que acontece”, foram as suas palavras.

Jaime e os amigos ficaram por ali, a conversar, e beber, até que as duas da manhã chamaram Jaime a casa. Mais um dia de trabalho se avizinhava.

Fim-de-semana. O sábado amanheceu com o som dos foguetes, assustando os animais da vila. Jaime já estava no parque, a servir os últimos cafés, antes do teatro das crianças, no palco no largo da igreja. A peça era algo religioso, ligado aos milagres da santa local, era o máximo que Jaime sabia dizer, e repetia a cada novo cliente.

À tarde o rancho folclórico faria uma exibição, seguido pela festa da espuma para os mais pequenos, no “campo da bola”, e jogos tradicionais, com apuramento dos primeiro classificados, sem esquecer a sempre-aberta quermesse. Antes do horário de jantar o grande concerto da banda “Zé Tó e Amigos”, com mais um bailarico.

À noite mais um espetáculo de karaoke no “Serenata”, onde um grupo de turistas da capital, cantavam uma famosa canção sobre os loucos da cidade de Lisboa. No “Sobre Águas” o DJ colocava música electrónica, vibrante, e cervejas corriam do balcão aos estômagos, sem cerimoniais, com prazer. A música e as gargalhadas, os gritos que acompanham a música, o inglês cantado sem sentido pelos entusiastas, abafaram as lágrimas de Rebeca, quando Pierre lhe respondeu “fizemo-lo, ali, naquela árvore”. Rebeca que sempre imaginara a primeira vez com algum *glamour* e romantismo, não estava preparada para saber que tinha sido daquela forma, sob o efeito do álcool, numa festa à noite, junto a uma árvore. Filme cru, sim,

realidade não. Apesar de sentir que fisicamente algo se havia passado, tinha ainda esperança que tudo não tivesse passado de um sonho, ou pelo menos parte. A dura parte. Rebeca não ficou na festa. Notificou verbalmente Pierre que precisava de ir para casa pensar, “não estou com cabeça para festas”. Sem mais rodou nos tornozelos e saiu.

Milène e Jaime conversavam, sentados na ponte, com a água a passar-lhes por baixo, e a música a envolve-los e a obriga-los a falarem uns decibéis acima do natural. Milène contava a Jaime da Provença, da sua paisagem, da sua história, do seu urbanismo, das plantações de lavanda, da forma como Moustiers Sainte Marie casa com a montanha, da beleza verdejante de Vallon de Mollières ou do assombro de Sisteron. Jaime falou-lhe de Pomares, do quanto gosta da terra, mas também das dificuldades de vida, da ausência de esperança num futuro longe da lavoura, dos estudos que ficam por completar, dos sonhos que morrem na praia, até que o silêncio se instalou entre deles. Um silêncio de fim das palavras, de nada mais a dizer, sem mais circunstâncias, sem mais rodeios, o silêncio que precede os beijos. Milène e Pierre olharam um para o outro, ao mesmo tempo, e desviaram novamente o olhar. “Queres dançar?”, perguntou ele, “não, não gosto desta música, ficamos aqui, pode ser?”. Jaime sorriu. O “ficamos” soou-lhe a uma nova familiaridade, por isso tomou a mão de

Milène, que olhou surpreendida, e beijou-a, primeiro com medo, ao de leve, depois com mais ardor ao receber o beijo de volta de Milène. O calor dos afetos, expressos em beijos, foi interrompido pelas palmas e assobios extridentes dos amigos de Jaime, fazendo o casal corar. Se queriam discrição já não a teriam. Decidiram então sair dali e desviar as atenções indo dançar. Jaime foi buscar um rum-cola para Milène, e recebeu um sorriso e um aperto de mão do barman. Jaime era o homem do momento.

Quando voltou para junto de Milène esta conversava com Pierre, e a conversa era séria. Os irmãos calaram-se quando Jaime chegou e entregou o copo a Milène. “Bem, vou deixar-vos conversar”, disse, e Milène respondeu apenas “merci, já falamos”.

- Tens noção da situação em que te meteste?
- Qual situação?
- Usaste proteção, ao menos?
- Não...
- Tás parvo?? E se a miúda fica grávida?
- Grávida?
- Sim grávida, tens educação sexual na escola, ou vais para lá dormir?

## UM AGOSTO PORTUGUÊS

- Não.
- Bem me parecia.
- Vais contar aos pais?
- Não Pierre, vou ser tua amiga de uma forma errada, vou te encobrir e esperar que a miúda não engravide. Mas vai para casa, por favor.
- Para casa? Os pais vão estranhar não irmos juntos.
- Os pais estão a dormir e mesmo que não estejam dizes que estás cansado, d'acord?
- Ok.... Merci Mimi.
- c'est la merde.

Jaime viu Pierre afastar-se. Deixou Milène respirar, agarrada aos ferros da velha casa requalificada em bar. Esperou um pouco e aproximou-se.

- este bar na França terias de pagar para entrar. C'est magnifique!
- hum... está tudo bem?
- Oui, non, oui... problemas familiares.
- Posso ajudar?
- Non... podes, vamos dançar.

- Ok.

E dançaram, dançaram, dançaram. Beijaram-se na mesma proporção, ou quase. O *coquetismo* de Milène não a deixou entregar-se. Ademais, a memória de Kazim estava ainda fresca. De Kazim e Stéphanie.

Vasco e Afonso, os amigos de Jaime, conversavam com Carla e Gisele, as jovens luso-francesas que restavam, depois de mais um excesso alcoólico de Abigaíl. Milène e Jaime juntaram-se-lhes e ficou combinado que no dia seguinte, dia em que Jaime não trabalharia, iriam levar as jovens até às fragas.

Domingo amanheceu exatamente como o dia anterior, com fogo de artifício, mas com mais clamor. O som profundo e metálico do vibrante sino anunciando a missa e a procissão. O dia-mor da festa havia chegado. Dos baús e armários antigos, saíram as camisas e os fatos, com intenso cheiro a naftalina – cheiro que nem o perfume antigo seria capaz de disfarçar. Sapatos foram engraxados. Barbas foram feitas. Banhos tomados. Cabelos enrolados em rolos de plástico azul, e secos ao secador em frente ao espelho da casa-de-banho.

De suas casas, a pé, saiu a população de Pomares. Dos mais velhos aos mais novos. Jaime e amigos. Milène e amigas. Enfim, toda a população em peso na igreja. A igreja onde Artur e Catarina se haviam conhecido, mas nunca haviam casado, mas onde esperavam casar Milène e Pierre num agosto como este. O sino chamava anunciando a missa das dez horas, que começa nestas ocasiões às dez e um quarto em respeito aos idosos que se deslocam mais devagar e em alguns casos de maiores distâncias.

Enquanto o coro abria a missa com cânticos louvativos a Deus, e a maioria acompanhava no folheto deixado pelos acólitos sobre os bancos, Jaime mirava Milène por cima da folha, e do mesmo jeito os seus amigos observavam as jovens luso-francesas, nas suas calças de ganga, socas, camisas e colares. Pierre mantinha o protocolo, com calças de ganga largas, blusa de alças e uma corrente enorme ao peito. Somente sob coação aceitou tirar o boné, estragando-lhe o guarda-roupa de delinquente tão em voga entre os seus amigos em França.

A missa não durou mais do que trinta minutos, sendo uma preparação para a procissão, momento alto das comemorações em honra da Senhora de Pomares de Beira Sereno.

À frente saíram as meninas, dos quatro aos dez anos, vestidas de puro branco, com as cabeças cobertas com rendas longas, com longos



terços brancos nas mãos, vestidos longos, brancos, de cetim, bordados a amarelo, e uma corda amarela na cintura. Não eram outra coisa que pequenos clones da Santa. Nas suas costas seguia o padre, uma mancha preta num imenso mar de branco, e os seus acólitos, rezando honras à Senhora de Pomares. Na fila imensa da procissão, seguiam os homens de fato e gravata, entre eles os emigrantes que pagavam promessas, com o andor sustentado nos ombros por barras de madeira pintada de branco. Sobre uma caixa de madeira ia um tecido branco bordado a dourado, e um sem fim de flores brancas, lírios, gladiólos, rosas. Bem misturado notavam-se notas de vários valores, desde cinco a cem euros. Em cima, olhando o horizonte, seguia a imagem da Santa.

Atrás do andor iam os populares, que saíam ordeira e religiosamente da igreja, não sem antes se ajoelharem e se benzerem. O povo devoto tentando acompanhar a ladainha, formava uma longa marcha. A procissão deu a volta à terra, durante duas horas, passando a ponte velha, seguindo pelo coração da vila, com o padre distribuindo bênçãos e água benta nos lugares-chave de Pomares. A procissão terminou com o regresso à igreja. Os populares seguiram para casa. A maioria foi buscar o carro, enchendo-o de familiares, seguindo depois para o “O Mira-Rio”, o restaurante mais conhecido de Pomares, onde

são os almoços de domingo, os copos d'água e batizados. Com uma decoração rural, simples, mesas de madeira escura, cadeiras de pernas altas, de madeira talhadas, com toalhas de papel, que ficariam tingidas de vinho, molho dos pudins, e tantos outros tons e odores. As paredes estavam decoradas a fotografias dos donos, do rio, das fragas, da ponte. Fotografias de agora e de antigamente. De Pomares e suas gentes.

O salão de festas estava fechado. A sala de refeições era grande o suficiente para todos e mesmo que não fosse havia sempre alguém disposto a esperar por mesa. Cá fora o parque de estacionamento, em terra, estava apinhado de carros com matrícula francesa e suíça, carros bons e outros melhores, muitos deles comprados para esta viagem, outros a aproveitarem a estrada depois de onze meses parados. Nos tabelies seguiam Senhoras de Fátima, nos espelhos retrovisores terços ou CDs, nas chapeleiras almofadas do Sport Lisboa e Benfica, Futebol Clube do Porto ou Sporting Clube de Portugal; noutros um cão abanando a cabeça ao ritmo da estrada. Os assentos do condutor raros não vinham trajados com um encosto em bolas de madeira.

Num espaço não ocupado por carros, para além do parque de estacionamento, debaixo de uma árvore, as crianças andavam de escorrega, enquanto os pais, homens de cabelo longo no pescoço e

curto em cima, de camisas abertas até abaixo do peito, com o botão bem assente no começo da barriga, com óculos espelhados e sapatos bicudos, bem salientes no fim de calças de ganga bem justas, jogavam à malha. O francês era a língua-franca por estes dias.

Empregados transpirados iam e vinham da cozinha, à porta chamar a próxima família, servir cafés, levar pedidos, a carta dos doces, “a conta paga-se na caixa, faxavor, obrigado, e bom domingo”.

Jaime e os amigos estavam sentados na ponte. Já haviam almoçado, em casa, e agora aguardavam Milène e companhia há quase meia-hora. Eram quinze horas e vinte e sete minutos, segundo o relógio de Vasco. O sol estava quente, mas debaixo das árvores, de frente para o rio, os jovens aguardavam sentados em bancos de jardim, pela fresca, ali, bem junto à fonte erigida há quase dois séculos. Bem vistas as coisas, pior seria ficarem as donzelas à espera dos cavalheiros, se é que uns e outros tal o são.

Passavam já quarenta e seis minutos da hora marcada quando o grupo luso-francês deu sinais de vida. Com as toalhas na mão, biquínis por baixo dos vestidos frescos e floridos, vinham as meninas. Pierre, calado, trazia calções com tema havaiano, em tronco nu, mas sempre com a sua corrente ao pescoço, e um boné de lado.

- Olá. Desculpem o atraso. Fomos almoçar ao restaurante lá de cima – disse Milène apontando – e tivemos de esperar mesa.
- Não faz mal, respondeu Jaime, nós também estávamos aqui a conversar e nem nos apercebemos da hora passar.  
(uma consciente mentira, de quem quer desvalorizar a importância do encontro).
- Bien. Então como vamos lá para esse sítio? A pé?
- A pé, até dá, mas está muito calor. Por isso, acho que cabem todos no carro do Afonso e tu se quiseres podes vir comigo de scooter.
- D'accord. Capacete tens?
- Levas o meu.

Milène colocou o capacete e sentou-se na scooter agarrada a Jaime. “Não vás muito depressa” foi o único pedido que fez. Jaime seguia confiante, sentido o peito da jovem subir e descer nas suas costas, sentindo-lhe o medo e a adrenalina. Num trajeto de dez minutos, pela montanha, numa estrada de alcatrão que passa pelo “Sobre Águas”, seguindo em curva e subidas e descidas, chegaram ao lugar que chamam de fragas. Pequena povoação com meia dúzia de casas de

xisto, algumas modernas, empilhadas no sopé da montanha, com um largo para estacionar quatro carros e onde se faz a festa do Santo António de Lisboa, dá pelo nome de Lugar do Sol, pois o astro bate de frente desde bem cedo. Todas as casas têm nomes de pessoas, como a *Vivenda Aurora* ou *O Filho da Celeste*. Uma placa aparafusada a uma pedra diz “Aqui se celebrou a primeira missa em 1992”.

Estacionaram e seguiram pelo meio das casas, entre o ladrar dos cães, por um caminho de terra que começa onde termina o alcatrão, uma fronteira entre o humano e o selvagem. O caminho até às fragas, onde a água cai abrupta e segue em lençol, é sinuoso, estreito, cheio de vegetação agressiva, uma verdadeira barreira armada, um exército natural contra eventuais humanos que estejam dispostos a invadir a pureza do lugar e deixar lixo como pegada. Os rapazes seguiam à frente, mais experientes no caminho, e iam desbravando com paus as ervas, afastando urtigas e outra vegetação, e alertando atempadamente para socalcos, pedras soltas, tudo o que fazia da travessia uma aventura, e que atentava contra o coquetismo francês. Ao cabo de quinze minutos de descida e várias insatisfações femininas, depara-se-lhes o deslumbrante cenário de rochas cinzentas, fortes, quentes, como gigantes diminuindo o ser humano; para um lado e para o outro água, infundável água, cristalina, pura, virgem, gélida, imaculada,

correndo de norte para sul, um lençol perfeito, que se amarrota numa queda imensa por rochas e flores, lembrando uma noiva de bouquet na mão. O fundo do rio, claramente visível, todo ele em milhões de pequenas pedras, de diferentes formas e cores, combinações mil pintadas pela Natureza. Sem margens, o Sereno segue ladeado de árvores de intenso verde, alimentadas pelo seu caudal, e de rochas enormes, tom de fogo, com seca vegetação, num misto entre floresta e deserto. E segue serenamente o Sereno, cruzando a montanha, serpenteando a vila, passando pelo “Sobre Águas”, pelo “Serenata”, e até pelos parques das Amendoeiras e da Ponte. O Sereno que nunca é o mesmo mas é sempiterno.

- C'est magnifique! – exclamou Milène.
- Incroyable! – rematou Abigail.
- Venham!, disse Jaime, ajudando as jovens a acederem às rochas sem caírem.

O sol deitava sobre a rocha os seus raios, tornando-a insuportável. Mochilas e todos os demais pertences foram colocados numa rocha debaixo de uma árvore, sombra suficiente para tais objetos,

insuficiente para albergar alguém. Seja como for, com bem os rapazes portugueses fizeram questão de informar, a água do Sereno é suficientemente gelada para aguentarem o calor abrasador que se fazia sentir, ao ponto, alertaram, de ser impossível estar longos momentos dentro do Sereno.

Jaime e os amigos aproveitaram para um pequeno momento de exibição. Crescidos em Pomares, as fragas do Lugar do Sol eram parte da sua própria identidade, eles são as fragas, as fragas são parte do seu sangue. Cada rocha estava marcada por memórias, histórias das suas vidas, guardadas em silêncio. Os primeiros saltos, o medo, a ansiedade, tudo estava ali guardado em silêncio. Por isso sem receios abeiraram-se da quina de uma rocha, a derradeira muralha seca, a dez metros de altura, e saltaram, um depois do outro, de cabeça, de costas, em voo acrobático. As jovens bateram palmas. Pierre aproximou-se da prancha imaginária mas ouviu um redondo “pas de tout” de Milène. Assim Pierre viu-se obrigado a descer as rochas, até ao rio, de onde pôde saltar. A água fria arrefeceu-lhes o corpo e entrou nos ossos. Um sensação de fresco quase excessivo, como quem bebe de um trago água com gelo a mais num dia de calor abrasador.

A tarde passou-se entre mergulhos artísticos, cada vez mais arrojados, bronzeados ao sol interrompidos por refrescantes visitas ao

Sereno, beijos e sedução. Os amigos de Jaime tinham a sedução bem encaminhada, muito graças à proximidade entre aquele e Milène, cuja intimidade estava cada vez mais latente. Jaime comportava-se como um verdadeiro cavalheiro, ajudando Milène a entrar e sair da água. Levou-a, ainda, a nado, até às rochas onde a cascata cai em forte chuteiro, obrigando-os a gritarem para se ouvirem minimamente. Jaime ajudou Milène a chegar junto da queda mais suave, oferecendo-lhe assim uma experiência de *spa* natural, cem por cento natural. A paisagem em tudo ajudava Jaime a proporcionar a Milène um agosto romântico. Oxalá não terminasse nunca.

O sol rapidamente se escondeu por trás das montanhas. Eram já dezoito horas e trinta minutos. Todos, já bem bronzeados, agarraram os seus pertences, sob promessa a si mesmos de que voltariam ali. Pelas via das dúvidas Pierre decidiu deixar a sua marca no lugar, escrevendo numa das rochas, com uma pedra afiada, “Pierre, o francês, agosto de 2009”.

Retomaram ao carro e à scooter, fazendo o caminho inverso, agora mais fresco, com vento nos cabelos de Milène, que mais confiante recusou o capacete. Sem o capacete Milène pôde então admirar a paisagem que lhe recordava quadros vistos em Paris, de pintores famosos.



O grupo luso-francês ficou onde foram recolhidos. Atravessando a ponte seguiram para as suas casas, para jantar, para depois irem ao encerramento das festividades em honra da Santa. A noite, invariavelmente, terminaria no “Sobre Águas”.

A abertura do baile foi feita pela presidente da comissão de festas. Na casa dos quarenta anos, Maria Isaura, era uma mulher baixa e rechonchuda, com uns corsários de ganga, um polo comemorativo das festividades e sandálias em couro. Agradeceu o empenho e apoio de todos os que estiveram envolvidos na organização de mais uma festa em honra da Senhora de Pomares, e passou a cena a Edmundo, um popular cantor “pimba”. E o bailarico de Verão seguiu, com um sem-fim de gente a dançar, casais, pais e filhos, irmãs, profissionais de bailes populares, amadores e “pés-de-chumbo”. Até Artur dançou com Catarina, antes de cada qual arrastar Milène e Pierre respetivamente para a dança. Chico, ou “ti Chico”, dançou com a mulher, varrendo o espaço de ponta à ponta, muito direitos, e ele malandramente com uma mão no seu traseiro. A experiência de Pierre e Milène durou pouco, e regressaram rapidamente para junto dos amigos onde foram recebidos com uma salva de gargalhadas.

Jaime e os amigos sabiam que não deveriam aproximar-se das jovens, abordando-as e mostrando intimidade na festa. Não tendo crescido juntos, apesar do século já se ir adiantando, tal comportamento poderia ser visto como inadequado, ainda para mais quando elas são as “francesas”. Melhor seria aguardar pelos segredos da noite, pelo escuro das árvores, onde tudo é possível “Sobre Margens”.

Pierre experienciava uma sensação de alívio com ansiedade, uma mistura confusa, um verdadeiro cocktail de emoções. Não via Rebeca há uns dias, aliás, desde “o dia após o sucedido”, como já se habitou a designar. Sentia no peito uma ansiedade por nada saber de Rebeca, uma ansiedade quase paixão com uma dose suave de culpa, tudo a marinar com um alívio de quem sacode a água da carapuça. Se Rebeca permanecer longe, a realidade estará lá junto dela.

O fogo-de-artifício rasgou o céu com inúmeras cores, num festival de explosões e chuva meteórica. Dos mais velhos aos mais novos o céu era olhado com devoção, espanto, deslumbramento. Um espetáculo que só tem lugar uma vez no ano e que encerra as comemorações religiosas com tudo o que de profano estas possuem. A quermesse

vende as últimas rifas, as roulottes as últimas farturas e churros, as luzes do palco apagam-se, famílias dispersam. É meia-noite e, embora agosto, o dia seguinte é de trabalho para muita daquela gente.

Adolescentes e já adultos não-casados dirigiram-se ao “Sobre Águas”, numa derradeira procissão particular. A pé, ou em carros apinhados, todos se dirigiam para aquela casa eterna, nas margens do Sereno. O agosto aproximava-se do fim, e para a maioria isso significava o fim do Verão, o regresso à escola, a procura de emprego, para alguns mais afortunados a ida para a universidade, mas para todos o fim das possibilidades próprias do agosto. O mês estival por excelência marca a interrupção da rotina, traz as festas, a romaria, os turistas, os emigrantes, as possibilidades de sonhos de amor em noites de Verão. Sonhos como os de Rebeca e Jaime. Porque o resto do ano deixava Pomares entregue a si mesmo, com estradas cortadas, ou pela chuva, ou pelas pedras desprendidas da montanha ou até por neve em especiais invernos. Onze eternos meses de vazio, de rotina.

Para Milène, Pierre, Abigaïl, Carla e Gisele, o agosto terminava sempre por volta do dia 20, altura em que as malas se voltavam a encher e os armários se esvaziavam de novo, os automóveis eram lavados e as bagageiras abastecidas, não apenas com as malas mas

com garrações de azeite, vinho, chouriços, queijos, presunto... um Portugal de cheiros e sabores na bagageira.

Enquanto as jovens namoravam, Pierre abandonou a cena, indo-se sentar junto à água, enfiando os pés no líquido transparente, força de vida, enterrando os dedos sob as pedras, e agarrando com as mãos a areia branca. “Fiz bem em usar chinelos em vez de ténis”, pensou. Uma distração mental do verdadeiro estado de espírito. Deixou-se ficar por ali, sem pensar em nada, esvaziando a mente, olhando as árvores vestidas de noite, e sentindo a água nos pés, agora sem os pequenos peixes a morderem qual agulhas.

- Posso?

A voz despertou-o de um sono profundo.

- Beca?

- Oui, não me reconheces?

- Claro, não estava é à espera...

- Posso sentar-me?

- Claro!

Rebeca sentou-se perto de Pierre, mas não demasiado, conservando uma distância simbólica, reflexo de uma distância do coração. Enfiou também os pés na água e ficou em silêncio. Viraram-se ambos para falar – nada disseram.

- sabes Pierre, eu nunca tinha estado com ninguém. Sempre imaginei que a primeira vez seria no meu quarto ou noutro lugar, mas algo extremamente romântico. Nunca imaginei que o fizesse bêbada, aqui e desta forma. Fui parva. Apaixonei-me por ti e achei que teria de beber para ser fixe como tu, para tu gostares de mim. E tu abusaste da minha confiança, da minha intimidade.

Como Pierre nada dizia, continuou:

- Não sei como são as coisas lá em França. Aqui em Pomares respeitam-se as raparigas. Não digo que fizesses sexo comigo só depois do casamento, ou que casasses comigo, longe disso, mas digo-te que não se embebeda ninguém para se aproveitar dela.

## UM AGOSTO PORTUGUÊS

- A minha intensão não era essa. Dei-te a bebida porque toda a gente em França bebe, e depois pensei que estavas a seguir o calor do momento... nunca me pediste para parar, não te forcei.
- Eu sei Pierre, por isso estou aqui a falar contigo. Eu queria mas não estava preparada. O álcool pôs-me pronta, mas eu só o bebi por ti. Para ti não será mais do que uma conquista, mas para mim... para mim foi a primeira vez, que só há uma. Entendes?
- Na verdade...
- Na verdade o quê?
- Na verdade foi também a minha primeira vez.
- A sério?
- Sim... ouvi os meus amigos em França dizerem que com álcool era mais fácil, só isso.
- Tu nunca...? Mesmo? Em França não é tudo mais *avant-garde*?
- Sim, mas este francês aqui é um português envergonhado, aha.

E com esta declaração surpreendente Pierre conquistou de novo Rebeca. Decidiram ficar por ali, ouvindo a música, com os pés dentro de água, e deitados na areia, vendo as estrelas, entre beijos. Decidiram que só voltariam a ter relações sexuais num ambiente mais romântico, mesmo que fosse numa noite assim, ali, sozinhos, com velas e

champanhe. Um sonho mais, um sonho de noite de Verão, um sonho imenso irrealizado.

A família Neves carregou o carro. Eram dez da manhã. Passavam trinta minutos da hora prevista de partida. Catarina baixou os estoures dos quartos, da cozinha, e foi entregar as chaves de casa ao jardineiro, o senhor Acácio. Dona Eugénia, desta vez, iria para França. Catarina não arriscava deixar a sua mãe tanto tempo só, tão longe, com a idade a avançar sobre o corpo. Suspirou pela última vez ao rodar a chaves.

Com o carro apinhado e o coração apertado, em silêncio, fizeram-se à estrada. Artur Neves rodou a chave e Catarina rezou um ave-maria. Com França no horizonte, pneus no alcatrão português, alcatrão mandado colocar por Thomas Flanagan, umas camadas abaixo.

Milène e Pierre iam entregues aos seus pensamentos, no mais profundo e melancólico silêncio. Cada qual a recordar as suas despedidas. As promessas, as juras de amor, os abraços, as lágrimas, os beijos molhados de choro, os tremores do frio do adeus, o receio do desconhecido, os “oh, um ano é tão tempo”, os “passa a correr, vais ver”, as promessas de mensagens e emails. O Sereno, como sempre, testemunha de tudo, calado, escutando sem opinar, sem oferecer

conforto ou alento. Toda a história de Pomares está ali registada, nas pedras do fundo do rio, nas margens, guardado a sete chaves a céu aberto. O Sereno sabe o passado, o presente e há quem diga que conhece o futuro de toda a população da vila.

As despedidas haviam sido feitas junto ao “Sobre Águas”. Milène e Jaime na ilha, Pierre e Rebeca na margem de sempre. A noite estava particularmente fria e silenciosa. O “Sobre Águas” estava fechado e toda a paisagem ao redor era apenas banhada pelo luar. Milène e Jaime estavam sentados na areia, de frente um para o outro, com as pernas entrelaçadas. Beijos e lamentos. Tantos. Imensos. Na margem Pierre e Rebeca, de pé, juntos pela cintura, olhavam um para o outro. Sem a música do bar era a Natureza que lhes oferecia um concerto entre pássaros e o correr do rio. As palavras faltavam-lhes, eram tantos desejos em formato de preces. O desconhecido e o inseguro. O Verão acabava ali. Com a internet e os telemóveis a distância suprime-se virtualmente, recordam, mas a verdade é que a ilusão da proximidade não satisfaz a necessidade dos físico, do real, do toque.

As recordações da noite anterior, das despedidas inevitáveis, foram interrompidas pela música no carro. Artur acabara de colocar a tocar um cd com o “Melhor da Música Portuguesa”, um verdadeiro



compacto de música de bailarico e romântica-popular. Procurando afastar a mágoa de deixar a sua terra, Artur seguiu assobiando uma após a outra. Milène e Pierre ligaram os iPods com música francesa e norte-americana, mais a seu gosto.

IX  
UM LONGO INVERNO

JAIME estava de volta ao seu quotidiano. O agosto findava-se e o setembro já lá vinha. O Inverno no parque de campismo não requeria o seu contributo, a não ser que estivesse disponível para apanhar folhas outonais estendidas pelo chão. O parque ia ficando vazio. Tendas eram desmontadas, roulettes abandonavam os lugares, e cada vez menos trabalho ocupava a cabeça de Jaime. Os cafés eram já poucos e os gelados menos.

Rebeca, por sua vez, preparava já a *rentrée*, o regresso ao liceu, agora como finalista. O ano de despedida, o ano da mudança, o ano da incerteza. O Inverno pós-Pierre. Um agosto que foi, com todos os *clichés*, um “querido mês de agosto”.

Jaime e Rebeca encontraram-se, ocasionalmente, entre o “Sobre Águas”, algum café da vila e supermercado. Um lugar pequeno tem o condão de aproximar todas as pessoas. Ademais, o setembro era ainda quente, e Jaime não evitou ir à praia com o Vasco e Afonso. O mesmo Rebeca.

Não evitavam, como se diz em português, “trocar dois dedos de conversa”, nada por demais profundo, mas com profunda cumplicidade. A cumplicidade de quem partilha uma história, de quem foi testemunha de um amor de Verão.

Em outubro Jaime arranhou emprego como estafeta na Câmara Municipal. O trabalho não era muito, o que lhe permitia conviver aqui e ali com os amigos, ou jogar às cartas com os funcionários do estaleiro municipal. Rebeca continuava a ir às aulas, sem alma, uma vã imagem de si mesma. O coração apertado e vazio, solitário e soturno.

As primeiras chuvas começaram a visitar Pomares de Beira Sereno regando a relva e misturando-se com a terra gerando lama. As folhas cobriam já o chão, castanhas e vermelhas, e os calções regressavam às gavetas. Jaime estava a almoçar no “Forno a Lenha”. Comia uma pizza de frutos tropicais com canela quando recebeu uma mensagem. Lambeu os dedos para tirar a gordura e pegou no

telemóvel. A esperança de uma mensagem de Milène fez disparar-lhe o coração. “Jaime. Preciso de falar contigo. Tás onde?”. Rebeca. Foi apanhado de surpresa. Respondeu “No Forno a Lenha”. Imediata resposta, “Ok, vou aí ter. Té já”.

Dez minutos depois Rebeca empurrou a porta de vidro. Vinha com cara de quem trazia más notícias.

- Olá.
- Olá. Queres alguma coisa?
- Não obrigado.
- Ok. Então... como estás?

Rebeca não conteve as lágrimas, deixando Jaime atrapalhado. “Queres ir apanhar ar?”, foi a única coisa que lhe ocorreu perguntar. A jovem assentiu, sem nada dizer. Algumas pessoas mais coscuvilheiras entreolharam-se e encolheram os ombros, concordando em silêncio que seria arrufo de namorados, embora não se soubesse de um namoro entre Jaime e Rebeca. Seguiram em silêncio até ao Parque das Amendoeiras, onde se sentaram numa mesa de madeira de frente para o Sereno, mais uma vez testemunha dos acontecimentos em Pomares.

- Então conta lá o que se passa.
- Oh Jaime... nem sei como dizer....
- Bem, só vejo uma forma: com palavras. Desembucha pah.
- Estou grávida...
- O quê??? Tens a certeza??
- Oh Jaime... claro que tenho!
- Presumo que...
- Obviamente! Quem me julgas?
- Não, desculpa, não foi nesse sentido. Ele... *já sabe?*
- Não...
- Vais contar-lhe?
- Não sei... não sei que fazer.
- E os teus pais?
- Não sabem de nada.
- Ui... tás lixada.
- Pois... obrigado por mo recordares.
- Que cena.... Precisas de alguma coisa?
- Não, nada. Obrigado. Preciso de ir para as aulas.
- Ok. Té logo.

Rebeca andava absorta. A escola que tanto lhe interessava e onde fazia sempre questão de ser empenhada e competente, alimentando o sonho de ser médica, já não lhe interessava. Sabia que mais meses menos meses a barriga começaria a notar-se. E se tivesse enjoos? O seu segredo seria assunto de Pomares mais tarde ou mais cedo.

E mais cedo do que tarde os enjoos começaram a habitar-lhe. Matinais, como mandam as regras, Rebeca pensou que os mantinha em segredo. Engano, puro engano. Numa manhã, por mero acaso, em que a sua mãe se atrasou para abrir a loja de ferragens da família, ouviu a filha vomitar. Foi até ao quarto desta e abriu as gavetas. “Um teste de gravidez??”. Os receios de Rebeca eram agora realidade. A mãe fechou a gaveta e saiu, não conseguindo lidar com a situação. O problema é que Dona Idalina não sabia esconder um segredo ou um problema que a apoquentasse. Por isso a forma distraída como atendeu os clientes ou os enganos nas prateleiras deixaram o seu marido, Augusto, com o “ninho atrás da orelha”. Aguardou pela hora de almoço, fechou a porta e já em casa, à mesa, perguntou:

- Oh mulher o que se passa contigo?
- Como assim o que se passa? Nada, o que havia de se passar?

- Não me queres contar não contes. Mas que se passa alguma coisa passa, que eu conheço-te Idalina.
- Não sejas palerma, Gusto.

Idalina ganhou assim tempo, varrendo a realidade para debaixo do tapete. O problema é que o pó está ali todo acumulado, e mais tarde ou mais cedo terá de ser removido.

Eram oito e um quarto da noite quando Idalina chamou Rebeca e Augusto para a mesa. Pataniscas de bacalhau com arroz de grelos. Comeram em silêncio, interrompendo para um momentâneo “queres mais?” ou “já cheira a Outono”. Rebeca mal comeu, argumentando que não tinha fome, e que estava cansada das aulas. Fechou-se no quarto.

Augusto estava ainda à mesa quando Idalina começou a lavar a loiça. Apesar do barulho dos pratos e talheres Augusto ouviu a esposa chorar baixinho. Pousou os talheres.

- Vais dizer-me o que tens ou não?
- Hein?
- Ouviste bem. O que se passa afinal?
- É a tua filha, Gusto...
- O que tem? Não tem fome não tem, deixa.

## UM AGOSTO PORTUGUÊS

- Não é isso...
- Então?
- É que...
- desembucha mulher!
- Está grávida!
- O quê?
- Eu via-a vomitar e encontrei o teste de gravidez numa gaveta do quarto dela.

O rosto de Augusto parecia um copo a ser enchido de vinho tinto. Agarrou a toalha com força e arrancou-a da mesa, espalhando a loiça, o vinho e a comida por toda a cozinha. Levantou-se e gritou “desgraçada!”. De nada adiantou a Idalina dizer-lhe “tem calma, Gusto”. A única coisa que conseguiu foi um encontrão.

Na cama Rebeca ouviu o grito do pai, e deu um salto na cama. Sabia o que se isso significava, não sabia era como haviam eles sabido. “O teste de gravidez!”, pensou, “merda, estúpida”. O pai entrou de rompante no quarto e levantando-a por um braço esbofeteou-a fazendo-a cair novamente na cama. “Desgraçada! Pêga! Não foi essa a educação que te demos”. Rebeca chorava agarrada à face rubra do



estalo. “Amanhã não te quero ver nesta casa! Já não és minha filha. Que vergonha!”.

Ouviu o pai bater com a porta de casa e horas mais tarde ouviu-o entrar, cambaleante. Sabia que estava bêbado. Pegou numa mala grande onde estavam guardadas as roupas de infância e esvaziou-a. Encheu-a com roupa atual, com pertences, e foi buscar todo o dinheiro guardado numa caixa de música. Foi à internet ver o horário do autocarro direto para Lisboa. “Uma vez por semana. Merda.” Viu que havia um às oito e dez da manhã para Coimbra. Dali seria mais fácil seguir para Lisboa e de Lisboa para França. O problema é que não sabia se teria dinheiro que chegasse, porque de Lisboa para a Provença seria uma longa viagem. Contou o dinheiro. Cento e sessenta euros e uns trocos. Teve uma ideia, apesar de arriscada. Poderia pedir boleia a alguém da terra que estivesse a voltar para Provença, algum dos vizinhos de Pierre. Mas afastou essa ideia, porque ninguém lhe daria boleia sem o consentimento dos pais. Por isso enviou uma mensagem para uma amiga. “Preciso que me emprestes o máximo de dinheiro possível”. Era meia-noite, não sabia se a amiga veria a mensagem a tempo. Dez minutos depois um toque com tom de mensagem. “O que se passa? Claro que te empresto. O que aconteceu?”. Suspirou e

respondeu: “Daqui a vinte minutos estou aí, abre a janela do teu quarto”.

Rebeca saiu sorrateiramente de casa. Desceu as escadas do prédio e saiu para a rua. Deserto absoluto. Pomares já dormia naquela terça-feira outonal. Passou pela escola e virou à direita, passou pelo Parque das Amendoeiras e seguiu até às vivendas em frente ao rio. Por fim virou à esquerda e entrou numa rua estreita e seguiu até ao largo da igreja e da torre do relógio. O pequeno portão da casa de Lara estava aberto. Viu o Piloto – o cão arraçado de Fox Terrier, branco com manchas castanhas e uma orelha partida – e chamou-o dando-lhe festas. Abeirou-se da janela do quarto da amiga, e subiu com a ajuda de um banco comprido ali colocado, de frente para o jardim. A amiga lutava contra o sono assistindo a uma série norte-americana sobre uma equipa da polícia técnica, com muito ADN, laboratório de topo e uns bandidos a serem presos.

- Tens o dinheiro?
- Sim tenho. Olá para ti. O que se passa?
- Para tua segurança não te posso dizer.
- Pareces uma criminosa a falar.

- Não é isso, é que se eu não te contar podes sempre negar sem estares a mentir.
- Oh, eu nego na mesma, conta-me vá. Se não contares não te empresto o dinheiro.
- Ok. Estou grávida.
- Tu o quê??
- Estou grávida. Queres que soletre?
- Mas... mas... pensei que fosses virgem.
- E era... mas... sabes... eu e o Pierre....
- Pierre? O francês? Neto do Aranha?
- Sim.
- Meu deus! E ele já sabe?
- Não.
- Não lhe vais dizer.
- Vou... pessoalmente.
- Ah, é para isso que precisas do dinheiro!
- Sim. Qual é o plano?
- Apanhar o autocarro de manhã até Coimbra e dali para Lisboa, talvez o comboio... e depois França, não sei bem como...
- Vou ajudar-te mas irei negar tudo, como deves calcular.
- Obrigada.

## UM AGOSTO PORTUGUÊS

- Ok, a minha ideia é a seguinte. Tenho um primo, o Luis, que vai para Lisboa mas só depois de amanhã. Ele é camionista. Eu peço-lhe que te leve, não te preocupes que é de confiança.
- Mesmo?
- Sim. Tens é de esperar uma noite...
- Onde?
- Em tua casa não?
- O meu pai pôs-me na rua...
- Ok, já sei. Dormes no “Sobre Águas”. Eu peço a chave ao Motas, é sem problema. Amanhã falo com o meu primo e mando-te uma mensagem.
- Obrigada!
- De nada. Agora acho que deves evitar dar nas vistas.
- Pois... como? Vou à escola?
- Sim, vai à escola amanhã. No final das aulas segue para o “Sobre Águas”. Levo-te lá o jantar. Bem... quanto ao dinheiro... só te arranjei duzentos euros. Terá de chegar.
- Perfeitamente! Prometo que te pago, com juros!
- Promete é que me vais dando notícias.
- Ok.

Rebeca saiu pela janela por onde entrou. Regressou a casa. Nessa noite mal dormiu. A sua infelicidade, o seu ponto de rotura, havia se tornado numa grande aventura. Medo e ansiedade faziam daquela noite de outubro uma noite de agosto quente.

Mais uma vez não foi capaz de manter a concentração nas aulas. Foi com satisfação e ansiedade que ouviu o toque de fim da última aula. Sabia que o pai ainda não estava em casa por isso foi buscar a sua mala ao quarto e deixou as chaves de casa na mesa da cozinha, com uma carta para os pais. Seguiu com a mala rua a fora, e quando perguntada respondia sempre a mesma coisa “vou dar os meus brinquedos à Sarita, filha da Susana”. Uma resposta convincente e conveniente. Ao chegar ao “Sobre Águas” usou a chave que Lara lhe havia dado na escola. Atirou a sua mala para um canto e passou para dentro do balcão, fingindo servir bebidas a clientes imaginários. Como não chovia, desceu até à ilha e sentou-se na areia, olhando a beleza do lugar, absorvendo em jeito de despedida, ao mesmo tempo que recordava o Verão tão recente. Nos entretantos chegou Lara.

- Vamos lá então jantar e ver televisão.
- Como conseguiste sair de casa?

- Disse aos meus pais que estaria aqui a fazer um trabalho para a escola, contigo e mais alguns colegas. Por isso trouxe jantar.
- Ótimo!

Refastelaram-se com as espetadas de vaca com batatas a murro e o leite creme para sobremesa. Ficaram um pouco a conversar e puseram música não muito alto, criando apenas ambiente, e fazendo uma pequena festa de despedida. Rebeca enviou uma mensagem a Jaime que apareceu para se despedir, servindo-se apenas de uma cerveja do stock do bar. Rebeca pediu a Jaime que nada dissesse a Milène, a que este respondeu que na verdade ainda não haviam voltado a falar. Rebeca ficou responsável de o ajudar a reconquistar Milène, ou de saber o que se passava. Rebeca prometeu ser preciosa ajuda.

Serviu-se dos lavabos do “Sobre Águas” e dormiu num saco-cama em cima de algumas mesas juntas, já que o chão não estava apetecível e lá fora estava frio demais para dormir na ilha. Pelas oito da manhã, como combinado, Luis bateu à porta e ajudou-a a levar o seu saco para o camião. Seriam quatro horas até Lisboa.

Rebeca nunca imaginou que as curvas da montanha fossem tão penosas num camião. Luis viu-se obrigado a parar três vezes para que

Rebeca vomitasse na berma da estrada. Ao longo da viagem pararam três vezes, em áreas de serviço, quer para almoçar quer para ir à casa-de-banho. Rebeca contou a sua história a Luis que se sentiu parte de uma grande trama amorosa, como uma personagem secundária de um romance que desempenha um pequeno mas vital papel. O jovem camionista comprometeu-se a ajudar Rebeca, procurando um companheiro que fosse para França. Rebeca agradeceu mas gostaria de chegar depressa. Não podendo viajar de avião sendo menor de idade, sem a autorização dos pais, o melhor seria ir de comboio, sendo que Luis se faria passar por tio. Novo problema. Rebeca não queria ir para Paris, mas para o sul, para a Provença.

- Isso não é um problema, é uma vantagem!
- Como assim?
- É o seguinte: um rapaz de Pomares veio viver para Lisboa há uns anos e trabalha num navio de cargas que vai todas as semanas a Marselha. Queres melhor? Vou ligar-lhe a ver se ele te mete lá dentro. Claro que depois terás de ser capaz de ir de Marselha para onde queres, mas aí é mais fácil.
- Que bom! Obrigada!
- Calma, vamos falar com ele primeiro.

O pai de Carlitos havia trabalhado para Manuel Aranha, por isso foi com gosto que aceitou a ajudar Rebeca. Ouviu a sua história e deixou-se tocar por esta, num jeito similar a Luis. O esquema era simples. Carlitos era responsável por levar os mantimentos para bordo, função que já desempenhava sem quaisquer problemas ou suspeitas à uma década. O trabalho era simples mas honesto e Carlitos cumpria-o eficazmente. Por isso, ninguém iria investigar o conteúdo do carregamento. Os mantimentos seguiriam para bordo com Rebeca dentro.

A primeira parte do plano foi cumprida sem problemas, apesar do receio de Rebeca quando ouviu uma voz dizer “então Carlitos, deixa lá ver o que trazes aí”. Claro que Carlitos já conhecia o temperamento de Gaspar e por isso respondeu com calma mas em tom de brincadeira “é bom mas não é para ti”. Gaspar contentou-se a imaginar um bife suculento com molho de pimenta, batatas fritas, ovos estrelado, arroz e salada. Já dentro do barco, Carlitos levou Rebeca para o seu quarto. Ela dormiria na sua cama enquanto ele iria jogar às cartas com os companheiros. Quando o barco atracasse, dentro de meio dia, Carlitos viria buscar Rebeca, dando-lhe um fato-macaco e um boné, e sairiam juntos como colegas. A partir daí começaria nova aventura, de



Marseille a Village du Paris du Sud. Mas em Marselha certamente encontraria um autocarro que fizesse o percurso.

Foi com o coração aos pulos, com medo de serem apanhados e Carlitos ficar sem emprego, que saiu vestida de fato-macaco, com um boné bem enterrado na cabeça. Mas como a tripulação já estava quase toda em terra, foi com naturalidade que saíram do barco. Rebeca estava, finalmente, em França. Despediu-se de Carlitos, agradecendo exaustivamente, e respirou fundo o ar francês. Estava um bom dia de sol em Marselha. Não muito longe viu um paragem de autocarros. Arrastando a sua mala seguiu para lá. A população, de uma variedade étnica notável, seguia indiferente à jovem portuguesa, com ar assustado, carregando uma mala mais pesada do que ela.

A paragem estava vazia. Olhou para os trajetos e procurou no mapa Village du Paris du Sud. Pela cor e pelo número conseguiu perceber que teria uma carreira daí a uma hora. Receando perder-se e sendo incapaz de carregar a mala pela cidade, decidiu esperar sentada em cima da mala, sem sequer imaginar que recordava, vista de longe, Catarina, a mãe de Pierre e Milène, à espera de Artur. Cinco minutos antes da hora prevista o autocarro parou. Não abriu as portas, contudo, senão à hora prevista. Rebeca atirou a mala para a bagageira do autocarro e subiu a bordo e pediu um bilhete para “Village du Paris

du Sud, s'il vous plait". Treze euros. Pagou e foi-se sentar. Fosse o cansaço, fosse o sol no vidro a aquecer o autocarro, fosse o embalo da viatura, ou fosse um pouco de tudo, a verdade é que Rebeca adormeceu, profundamente, não apreciando em nada a viagem de duas horas e meia até ao seu destino. Tão profundo era o sono de Rebeca que só acordou com o motorista a tocar-lhe no ombro e a sacudi-la, já assustado que a jovem tivesse morrido no seu turno. Quando acordou o motorista respirando de alívio despachou-a porta fora, que o autocarro tem horário a cumprir. Puxou a mala para fora da bagageira e deixou-a cair no chão, embatendo no passeio e abrindo-se. O autocarro arrancou e Rebeca ficou a apanhar a roupa do chão, fechando a mala com o seu peso em cima.

Arrastou-se e à mala até ao outro lado da estrada, onde ficava o *Le Portugais*, café do Sr. José Cavalete. Entrou a medo, àquela hora não estava particularmente cheio, mas ainda assim ouviam-se conversas em português misturado com francês, e um grupo de idosos que se viam ser portugueses jogavam às damas.

- Entra minha menina, entra. De onde vens?
- Eu?
- Sim.

- De Pomares... sou a Rebeca.

José Cavalete gritou para a cozinha:

- ó Lucinda, não são os Neves que são de Pomares?
- São pois, porquê?
- Porque está aqui uma menina de lá.

Lucinda veio da cozinha com um pano nas mãos. Era alta e magra, contrastando violentamente com José Cavalete, formando um casal de opostos. “Os opostos atraem-se”, pensou Rebeca, “que casal tão peculiar”.

- Já comeste algo, rapariga?
- Não, senhora.
- Então chega-te aqui ao balcão que já te trago uma sopa de peixe.  
Gostas não gostas? (uma pergunta que não pressupõe resposta).

Rebeca comeu a sopa com gosto, acompanhando com azeitonas e pão com manteiga. Recusou o vinho mas aceitou uma coca-cola. No final quis pagar a conta, mas José Cavalete não aceitou. Perguntou-lhe

se estava sozinha em França e como ali tinha chegado. Rebeca deu uma resposta vaga, anunciando-se só mas à procura da família Neves. Era amiga de Pierre e Milène, disse. “Vens a fugir de algo, rapariga, bem vejo que vens”, foi o comentário de Lucinda, e mais não disse. Indicaram-lhe como chegar à casa de Artur e Catarina, mas avisaram-na que ambos já estavam de volta ao trabalho, somente Pierre e Milène ainda lá estariam, até ao começo das aulas. Agradeceu e quando ia a sair, um homem magro, na casa dos trinta anos, de camisa de fora das calças, cabelo preto e barba por fazer, ofereceu-lhe boleia em português. Entrou num Peugeot antigo, vermelho, com um terço no espelho retrovisor e um rádio moderno para colocar cds. Um fado conhecido ouvia-se. Seguiram calados até casa da família Neves, numa viagem de menos de dez minutos. O homem ajudou-a a tirar a mala e deixou-a à porta de um prédio de estilo parisiense, antigo já, com dois andares, e uma porta de ferro. O jardim interior tinha sido transformado num pátio com um assador para os fins-de-semana portugueses. No primeiro andar esquerdo lia-se “família Fonseca”, e o primeiro andar direito “família Neves”. Tocou à campainha, e ouviu um “attendre, s’il vous plaît” feminino. “Milène”, pensou.

Quando Milène abriu a porta parecia ter visto um fantasma. Ficaram as duas paradas, uma em frente à outra, durante o que

pareceram cinco minutos, embora não tivessem sido mais que sessenta segundos.

- Re-Rebe-ca?
- Oui, sou eu.
- Mas... mas o que fazes aqui?
- Posso entrar?
- Bem... sim, claro, entra.

Sentaram-se num sofá em pele, castanha escura, e Milène foi buscar um copo de água à cozinha, divisão que mal se distinguia da sala, a não ser por um arco em pedra.

Milène sentou-se com as pernas cruzadas sobre o sofá e aguardou que Rebeca se recompusesse. Rebeca bebeu a água calmamente, organizando os factos mentalmente. Posou o copo na mesa da sala, ao lado das revistas cor-de-rosa francesas e da correspondência corrente.

- Não sei por onde começar... o Verão foi intenso e as coisas sucederam-se super rápido.
- Ok... explica melhor, se faz favor.
- Certo. Tu sabes que eu e o Pierre...

- Sim eu via-vos aos beijos. E depois?
- Bem, numa noite ele deu-me aquilo que vocês bem, hum...
- Rum-cola.  
Ajudou Milène.
- Isso.
- Continua.
- Eu nunca bem, entendes? E fiquei meio zonha, como se tudo fosse um sonho...
- Basicamente queres-me dizer que tu e o meu irmão fizeram sexo, é isso?
- Sim, ali, na outra margem do “Sobre Águas”.

Mencionar o “Sobre Águas” trouxe à lembrança, de ambas, o agosto tão próximo e ao mesmo tempo tão longe. Ali, a centenas e centenas de quilómetros de distância, o Sereno parecia parte de um outro mundo, como se o Verão tivesse sido um sonho momentâneo, ainda que Rebeca tivesse sonhado toda a vida.

- Très bien... e depois?
- Bem, a verdade é que foi a minha primeira vez. Eu nunca tinha imaginado que fosse assim.

- Nunca é como imaginamos. A minha foi num parque de estacionamento com as costas contra o cinto de segurança.
- Pois... bem, a questão é que eu descobri a semana passada que... estou grávida.
- Tu o quê?
- Estou grávida.
- Oh mon dieu! O meu irmão já sabe?
- Não, não lhe disse.
- E os teus pais? E os meus quando souberem!
- A minha mãe descobriu e contou ao meu pai, este pôs-me na rua.

Durante mais uma hora Rebeca contou a Milène toda a sua aventura até chegar ali. A visita à casa de Lara, a noite no “Sobre Águas”, os planos, a viagem. Sozinha, com o filho de Pierre no ventre.

- Bem, tenho de reconhecer que tiveste coragem.
- Não sei se foi coragem, acho que não tinha outra solução.
- Pois... mas olha que vamos ter um sério problema. Os meus pais nunca souberam da tua existência, como é natural. Para Pierre foste um romance de Verão, uma boa recordação, tanto quanto

sei ou posso supor. Agora serás a consequência do calor. A minha mãe chega dentro de meia hora. O meu pai um pouco mais tarde. Pierre... bem, Pierre não sei a que horas vem.

Milène mostrou a casa a Rebeca, procurando ocupar a cabeça e o corpo para não pensarem no problema que iria desabar sobre aquela família. O quarto de Milène encantou Rebeca. Uma parede roxa, móveis clássicos pintados de branco, um espelho em madeira também ela pintada de branco e com ornamentos a prateado, uma cama de corpo e meio de madeira pintada de preto a condizer com o candeeiro que pendia do tecto que parecia tirado de um filme gótico. Era um quarto misterioso sem ser soturno. E os peluches davam-lhe um toque feminino sem ser infantil. Rebeca adoraria ter um quarto assim. O quarto de Pierre, por sua vez, era um quarto típico de um adolescente, pois então, que de outra forma não poderia ser. Uma aparelhagem em cima de uma secretária embutida no móvel de onde sai a cama e onde estão estantes com os livros, posters nas paredes com a equipa do Olympique de Marseille e com a seleção portuguesa, um cachecol do Benfica e um poster de Cristiano Ronaldo.

Ouviram a chave rodar. Catarina, certamente. Os seus corações dispararam. Nada voltaria a ser igual, isso tinham como certo.



Catarina entrou em casa tranquilamente. Ao ver a filha acompanhada cumprimentou em francês e perguntou se era uma amiga do *lycée*. Milène respondeu em português:

- não mãe, esta é Rebeca... (pausa dramática) e é de Pomares.
- Ah, olá. Pomares? E estás cá com quem? Vieste com o Chico ou assim?
- Olá... não... amm... vim sozinha.
- Sozinha? Mas quantos anos tens?
- Vou fazer dezassete para o mês que vem.
- Bem, vieste nova. Hoje em dia não é comum.
- Mãe?
- Sim?
- Senta-te aqui no sofá, precisamos falar contigo. Eu e Rebeca.
- Então?
- A Rebeca chegou hoje de Portugal, veio num barco de cargas, ou como se chama em português, mas ela não veio à procura de vida melhor. Na verdade... como dizer... veio empurrada por uma vida inesperada.
- Oh filha, não percebo nada. Explica-te, Milène.
- Bem. A Rebeca neste Verão conheceu o Pierre.

## UM AGOSTO PORTUGUÊS

- Ai sim? Por falar nisso, onde está o teu irmão?
- Ainda não chegou. Mãe, deixa-me acabar, por favor.
- Ok.
- A Rebeca e o Pierre conheceram-se numa noite, no “Sobre Águas” e dançaram e ficaram amigos, entendes?
- A Rebeca é a amiga do Pierre, é isso?
- Oui. Só que numa noite o Pierre não se portou bem e embebedou a Rebeca e... alors... a Rebeca está grávida.

Catarina ficou em silêncio, sem se mexer. Milène e Rebeca não perceberam se ficou em choque se não ouviu o que foi dito. A apatia era absoluta.

- Mãe?
- Hum?
- Ouviste o que eu disse?
- Sim, Milène, ouvi. Estou a pensar o que o teu pai vai dizer. Diz-me filha, o que os teus pais disseram?
- O meu pai expulsou-me de casa, é por isso que estou aqui.
- Entendo.
- Não tinha para onde ir...

- Estou a ver.

Ouviram a porta de casa abrir. Ficaram em silêncio. Era Pierre. O jovem luso-francês chegava, com o seu boné com a pala para o lado, a camisola do Marseille, o terço ao pescoço, os calções de ganga larguíssimos e os ténis para além de folgados. Vinha a assobiar um rap qualquer. Quando entrou na sala, pareceu ver um fantasma. Ficou branco com uma bandeira anunciando a trégua num campo de batalha. Ficou sem reação e Rebeca nada disse. Silêncio. Espanto. Constrangimento.

- Pierre Manuel certamente te lembras da Rebeca...
- Olá...
- Olá...
- Senta-te Pierre, senta-te ao lado de Rebeca. Deves estar a pensar o que a Rebeca faz aqui.
- Oui, c'est vrai.
- Ótimo. A Rebeca traz-te uma importante lição: os atos têm consequências. A Rebeca está grávida.

Pierre mergulhou no sofá, profundamente, como se quisesse entranhar-se no tecido, desaparecer dentro deste, tornar-se parte integrante da mobília e viver sem problemas.

- o teu pai deve estar a chegar. Prepara-te para as consequências.

Nem Rebeca nem Pierre falavam ou se olhavam sequer. E permaneceram, todos, em silêncio, como quem digere uma refeição difícil, até à chegada de Artur. O rodar das chaves na porta anunciou o chefe da família. Instintivamente todos se endireitaram no sofá. Catarina foi buscar uma cerveja ao frigorífico.

- Tous ensemble. Famille, comme il se doit.

Ninguém respondeu ou corrigiu o francês de Artur, que só depois de beijar a testa de Catarina e beber um gole de cerveja notou a presença de Rebeca.

- Bonjour mademoiselle.

Antes de Rebeca ter tempo de responder, Catarina disse:

- Artur, esta é a Rebeca... veio da terra.
- Da terra? Da plantação?
- De Pomares...
- Ah! E a gente conhece os pais?
- Não sei...
- Não sabes?
- Então rapariga, quem são eles?
- O meu pai é o Augusto...
- Da casa de ferragens?
- Sim senhor.
- Não sabia que eles tinham vindo para França... quando chegaram?
- Não vieram... vim sozinha.
- Sozinha? Tão nova?
- Artur?
- Sim, mulher?
- Senta-te que queremos falar contigo.

Apreensivo Artur sentou-se e pousou a garrafa de cerveja portuguesa em cima da mesa. Catarina fez uma pausa para ganhar

coragem e depois contou, mecanicamente, a história de Rebeca e Pierre, antes de passar àquela a narrativa da sua aventura de Portugal a Village du Paris du Sud. Artur ouviu, com a respiração ofegante. Quando o relato terminou levantou-se e agarrou Pierre por um braço e arrastou-o para o seu quarto, atirando-o lá para dentro. Voltou à sala e dirigiu-se a Catarina:

- Ele vai assumir a responsabilidade. Não quis ser adulto? Então vai ser adulto em tudo.
- O que vais fazer?
- Eu? Nada, ele é que vai. Vai procurar emprego, só não abandona a escola porque não pode, mas vai estudar à noite, como muitos imigrantes. Em dezembro vamos passar o Natal à terra e vamos falar com os pais de Rebeca, em agosto casam-se.
- E Rebeca?

Intervém Milène.

- Fica aqui connosco, claro, não a vamos abandonar. A tua mãe certamente arranjará algo que a ocupe. O que sabes fazer?
- Eu? Eu estudava e tinha boas notas, às vezes ajudava na loja, mais nada.
- Hmm... Catarina vê em que podes colocar a rapariga.

A Rebeca não estava autorizada a dormir no quarto com Pierre. Conservadores, Artur e Catarina só o permitiriam após o casamento, mesmo estando a jovem grávida. O casamento é coisa sagrada para a família Neves. Por isso Rebeca passou a dormir no quarto de Milène. Pierre não lhe falou durante um mês, culpando-a da desgraçada que se transformou a sua vida. Trabalhava na agricultura, ao sol e à chuva. Mais tarde passou a ajudar Chico em trabalhos de canalização. Ia à escola à noite, mas quando chegou o Natal já tinha perdido a matéria toda. Foi ganhando o gosto à profissão e o “tio Chico” era um bom mestre, ensinando mas também brincando. Foi Chico que, certo dia, batendo na cabeça de Pierre lhe chamou à atenção para a situação de Rebeca e a necessidade de se aproximar desta. A vida havia-lhe cruzado os caminhos, Pierre teria de saber viver com isso, o melhor possível, pelo menos para já. Não adiantava estar a complicar ainda mais a sua situação. E Artur começava a habituar-se à realidade dos factos.

Enquanto Pierre e Rebeca se ambientavam o melhor possível à sua vida, Milène foi para a faculdade estudar cozinha. Tinha o sonho de abrir um restaurante em Marselha ou Paris, com comida

portuguesa misturada à francesa, num toque pessoal, luso-francês com certeza. Encontrou Kazim, certa noite, num bar local. Cada qual no seu grupo, não se falaram. Dois perfeitos estranhos.

Fazia dois meses que estava de volta a França, sem dar notícias a Jaime. O regresso a terras gaulesas havia despertado a memória de Kazim e as dores de amor. Estar solteira sabia-lhe bem e do sexo não sentia falta. Talvez do carinho, do afeto. Além do mais, sejamos coerentes, a história de Pierre e Rebeca ocupou as atenções da família Neves.

Mas, fosse da chuva ou da música romântica no ar, naquela quarta-feira sem aulas de tarde Milène resolveu sentar-se ao computador e abrir o programa de chat. Jaime estava *offline*. Clicou no seu nome e escolheu a opção «enviar email». Uma janela abriu e Milène começou a escrever:

*Jaime, ça va? Espero que sim. Eu vi as tuas mensagens, e peço desculpa por não responder. Em primeiro lugar a Rebeca chegou cá, com a notícia de que estava grávida do meu irmão. Como deves calcular foi bombástico. Toda a vida de Pierre e Rebeca foi transformada. O meu irmão agora trabalha na canalização com o “tio Chico” e Rebeca começou a ajudar no*



*campo. Quando não puder fazer esse trabalho vai ficar em casa, em limpezas, fazendo o trabalho doméstico da cozinha, da roupa, etc. O meu pai não deixa-os (ou os deixa? Je ne sais pas) dormirem juntos, por isso agora divido o meu quarto com Rebeca. É claro que eles durante a noite se encontram ou até em horas que os meus pais não estão em casa. Seja como for grávida já ela está por isso o sexo não trará nenhum problema. Depois a verdade é que eu precisei organizar a minha cabeça. Certos fantasmas do passado recente visitaram-me quando voltei a França. Entrei para a université e estou a estudar culinária. Estou a adorar.*

*No natal vou a Pomares. Pode ser que nos encontremos.*

*Bisous,*

*Milène.*

Carregou no botão para enviar. Fechou o portátil ouvindo o som plástico do ecrã a prender ao corpo do aparelho. Foi até à sala e ligou a televisão.

Em Pomares de Beira Sereno Jaime estacionava a scooter no muro da casa e abria o portão. A sua cadela Pastora Alemã recebia-o eufórica. A mãe na cozinha já preparava o jantar. Jaime entrou e beijou-a na face. Ligou a televisão no telejornal enquanto se sentava no sofá. Aguardava por notícias do Benfica. Olhou para o seu velho computador, branco, peça de finais dos anos de 1990, com desdém. Apetecia-lhe ir à internet navegar, mas não num barco a remos. “Preciso de comprar um computador novo. Vai ser mesmo isso, subsídio de natal já tens destino”.

E assim Jaime foi dormir, sem ler o email de Milène, adormecendo a pensar nela, misturando saudades e uma pitada de ódio pelo seu silêncio. Não haja dúvida de que as paixões são como a culinária: um condimento a mais e tudo muda.

Quinta-feira. “Sempre um dia agitado”, pensou Jaime. Dia da assembleia municipal, dia de despachos e de correspondência. Dia de entregas gerais. Um dia ocupado. Pela hora de almoço Jaime foi até ao “Ponto Arroba”, o cibercafé em frente da escola. Aguardou por um computador livre e por fim sentou-se. Escreveu o endereço do alojador de correio electrónico e digitou as suas credenciais. “Tem um novo email”. Olhou para o remetente “Milène Neves”. O seu coração acelerou imediatamente. Leu a carta electrónica de Milène a correr.

Chegando ao fim releu-a, agora com mais calma, depois de ficar com o essencial numa leitura em maratona. “Reply”.

*Querida Milène. Por aqui os dias seguem ao ritmo do Sereno. Já não estou no parque de campismo, nesta altura do ano aquilo não tem movimento e por isso não acham que valha a pena me manterem. Agora trabalho para a câmara municipal. Faz-se o que se pode. Imagino que seja assim para o Pierre, agora, também.*

*Sobre a Rebeca... devo ter sido a primeira pessoa a quem ela contou. É um choque é verdade, e pior é ela ter sido posta na rua pelo pai. Deve estar traumatizada com toda a situação. Sempre pensei que ela optasse por abortar, mas acho que a distância entre Lisboa e Pomares não é só a da autoestrada. O Portugal do campo continua a ter as suas lógicas e costumes. Parece que é mais fácil fugir até França, sem saber bem como, do que apanhar um autocarro até Coimbra. Morrem-se os sonhos, acredito.*

*Até dezembro não é tanto tempo assim, portanto, até já.*

*Jaime.*

Saiu da conta de email e olhou para o relógio. Dez para as duas da tarde. Tinha dez minutos. Despediu-se de Vítor Estacas, o dono do cibercafé e seguiu para a câmara municipal.

Rebeca não recebeu qualquer chamada dos pais. Mantinha contato com a Lara pelo email, e ao fim de um tempo desligou o telemóvel português. Para os seus pais os dias pareciam anos, e envelheceram tão depressa quanto o vento no Outono arranca folhas das árvores. As decisões têm as suas consequências.

Catarina marcou consulta com o Dr. Emanuelle Martins, um médico luso-francês, cujos pais eram naturais de Trás-os-Montes, e que foi o seu médico na gravidez de Milène e Pierre, e agora seria o médico de Rebeca. Os tempos de lavoura de Rebeca duraram pouco, o jeito na cozinha e a forma eficaz como deixava a casa arrumada pesaram para que se fixasse nos afazeres domésticos. Assim como assim evitava qualquer risco durante a gravidez.

Enquanto Milène passava os dias a aprender alta cozinha francesa e exótica, não dando pelos dias passarem, Jaime viu o Sereno cobrir-se de folhas no Outono, viu as chuvas baterem fortes no rio e misturaram-se nas águas que correm vila adentro, e sentiu os arrepios

dos primeiros ventos frios tornarem-se gélidos de Inverno. Outubro tornou-se rapidamente dezembro.

Pomares foi ganhando luz. Milhares de luzes celebrando a festa católica do nascimento do messias. Cruzes e velas luminosas foram espalhadas pela vila e até as luzes de agosto foram aproveitadas. Nas janelas das casas panos vermelhos com a imagem do menino Jesus anunciavam a devoção dos lares e na rotunda principal foi instalada uma árvore de natal de quatro metros de altura. O natal trajava bem Pomares.

A família Neves, agora incluindo Rebeca, fizeram as malas para Portugal. O natal deste ano era em Portugal. Artur perdeu amor ao dinheiro e comprou uma carrinha de nove lugares, com ar-condicionado e muitos extras. Um bom investimento para quem faz longa viagem e com a família a crescer, argumentou. Para a cansada Dona Eugénia, que passava os dias na companhia de Rebeca e a ver as emissões internacionais dos canais portugueses, o regresso à terra era uma lufada de ar fresco. Gelado, melhor dizendo, que o Inverno não perdoa ninguém.

Jaime ocupava-se das decorações de natal por Pomares, junto com outros funcionários municipais, todos trajando espessos blusões de penas.

No sábado, dia 19, depois da hora de almoço Jaime viu as persianas abertas na casa de Eugénia. Os Neves haviam voltado. No dia seguinte, domingo, depois da missa, a família Neves, sem Milène, fez a longa marcha até casa de Augusto e Idalina. Bateram à porta. Idalina largou o avental e parou de lavar a loiça do pequeno-almoço. Ao abrir a porta sentiu-se desfalecer. Augusto sentado no sofá gritou “quem é?”, como não obteve resposta levantou-se e foi espreitar. Ficou sem pinga de sangue.

A família Neves foi cerimonialmente convidada a entrar. Idalina olhou de relance para a barriga de quatro meses da filha. Rebeca sentou-se na sala, junto de Pierre, como uma estranha. O constrangimento entre a jovem e os seus pais dava para ser cortado às fatias e servido como acompanhamento do chá que fervia na chaleira da cozinha. A difícil conversa desenrolou-se entre Augusto e Artur, este último falando e o primeiro escutando. Rebeca sentiu-se como uma noiva africana trocada por cabeças de gado. Ficou oficializado o casamento em agosto, por altura do dia quinze, altura em que a criança já teria cerca de três meses. O problema era convencer o novo

padre da paróquia, o padre Dimas, a celebrar o casamento de uma união em pecado. Esperavam que o argumento dos novos tempos fosse suficiente.

Enquanto a família passava pela tensão do encontro com os pais de Rebeca, Milène enviou um sms para Jaime, combinando um encontro no “Sobre Águas”. Jaime assentiu sem anunciar que o bar estava fechado. Milène chegou primeiro, cinco minutos antes da hora combinada, e ficou a olhar a velha casa em pedra, agora vazia, silenciosa. Demorou-se a observar a mó rodar pausadamente, envolvendo o Sereno na sua engrenagem. Viu o Sereno correr forte tapando a ilha que no Verão serve de palco para festas e arrastando galhos das margens. A chuva molhava a madeira e o ferro, a terra e as plantas. O aroma era envolvente e relaxante e Milène deixou-se encantar. Milène com um blusão de penas preto, calças de ganga justas pretas e bocas pretas, era a personificação do Inverno. Somente os seus olhos verdes sobressaiam e se misturavam ao intenso verde da paisagem, como sinal inequívoco de que o sangue de Milène tinha origem no Sereno.

Jaime vinha pelo caminho de madeira que ladeia o rio. Trazia um blusão de penas azul-escuro, umas calças de ganga da mesma cor

e botas castanhas. A imagem de Milène, cuja respiração formava fumo, e esfregava as mãos procurando aquecer-se, acelerou-lhe o coração.

- desculpa o atraso.
- Pas de tout, eu é que cheguei mais cedo.

Dois beijos da cara. Jaime sentiu a distância que o Inverno tinha erigido.

- No Inverno isto é igualmente bonito.
- Ou mais... o verde fica mais verde e o Sereno mais intenso.
- C'est vrai.
- Então Pierre? E Rebeca?
- Estão em casa dos pais dela.
- Xiii... vai ser uma tarde dura.
- Dura?
- Sim, quer dizer difícil.
- Ah, d'accord.

Ficaram em silêncio, vendo a chuva bater na água. Jaime chegou a sua mão junto da de Milène, tocando-a. Milène não rejeitou e isso aqueceu todo o corpo de Jaime. Abraçou Milène por trás, beijando-lhe



o pescoço. A jovem estremeceu. Finalmente virou-a para si vendo o profundo verde dos seus olhos, as pestanas negras como a roupa e as poucas sardas em pele branca. Beijou-a apaixonadamente. A partir daquele dia todos dos dias, daquela semana que ia até ao Natal Jaime e Milène estiveram sempre juntos. O trabalho de Jaime era tão pouco ou nenhum que ninguém notava a sua ausência. À tarde, sempre à tarde, Jaime e Milène faziam do “Sobre Águas”, de portas fechadas, o seu lugar secreto. No dia 23, véspera da véspera de Natal, Jaime pediu a chaves ao Motas e preparou um jantar romântico para Milène. Acendeu velas, colocou música romântica dos anos de 1980 a tocar, e trouxe umas pizzas do “Forno a Lenha”. Milène chegou e notou a porta do “Sobre Águas” entreaberta. Espreitou e viu o espaço iluminado por velas. Ouviu um “entra” de uma voz familiar. Esperava-a junto à mesa. As pizzas fumegavam e o cheiro a queijo e chouriço abriu o apetite a Milène. Jaime puxou-lhe a cadeira e ajudou-a a sentar. Depois do cerimonial, o jantar foi mais jovial, com Jaime a contar peripécias da sua infância e dos seus amigos, Milène a falar de Pierre e Rebeca, de como as coisas estavam mais simples, de como as famílias iam convivendo, mas que Augusto se mantinha intransigente em questão da Ceia de Natal e outras festividades: só depois do casamento.

Depois do jantar Jaime entrou a sua prenda de Natal a Milène. O embrulho natalício havia sido feito numa loja no shopping em Coimbra. No interior um perfume de uma popular marca francesa. Milène agradeceu e dançaram agarrados e entre beijos. A beleza angelical de Milène refreava o ímpeto de Jaime, que jamais procurava avançar mais do que o devido, mesmo que as fantasias fossem mil e uma. Por isso a surpresa para Jaime foi total quando viu Milène tirar a camisola preta de gola alta e ficar apenas em soutien (enquanto dizia “eu sou o teu presente de Natal”) e depois tirar as botas e calças, ficando em lingerie diante dele. De cor lilás, com pequenas rendas, a lingerie de Milène era simultaneamente feminina e sensual, despertando um desejo incontrolável em Jaime que a beijou na boca, pescoço e foi descendo pelo corpo todo. Milène ajudou Jaime a despir-se e ofereceu-lhe um preservativo. Milène despiu a roupa-interior, ficando nua. Os pequenos mas rijos seios apontavam para ele, o mesmo se podendo dizer do órgão másculo de Jaime. Encontraram um cobertor esquecido por Rebeca, ainda da noite em que dormiu no “Sobre Águas” em fuga. Jaime estendeu-o no chão e deitou-se sobre Milène, tomando-a com afeto. Apesar de ser a primeira vez de Jaime, os filmes para adultos que havia visto com os amigos (ai se o padre soubesse!) tinham servido como material didático. A julgar pela reação

física de Milène Jaime sentiu ter-se portado à altura. No final do êxtase, atingido já com Milène sobre Jaime, deixaram-se ficar deitados, a ouvir a música, e sentirem o calor suado dos seus corpos. Milène olhou para o relógio “vinte e três horas. Merde. Tenho de ir”. “Vai, eu arrumo tudo, não te preocupes”. Um beijo, um abraço e Jaime viu o magro mas belo corpo de Milène cobrir-se de roupa.

Quando chegou ao seu quarto, onde dividia a cama com Rebeca, a jovem já dormia. Acordou com a entrada de Milène e ensonada perguntou-lhe “como foi?”, “muito bom” ouviu. Virou-se e voltou a dormir.

Jaime tinha o coração a mil quando estacionou a scooter. Teve dificuldade em adormecer devido à excitação. Sentia-se um homem, estava apaixonado e pela rapariga mais bonita de Pomares: Milène, a francesa.

O Natal passou a correr e chegou a hora da família Neves ir embora. O sol trazido por Milène de França esgotava-se e Jaime regressaria ao Inverno do seu descontentamento. As despedidas foram novamente penosas. Agora só voltariam a ver-se em agosto. Ficou a promessa de usar a tecnologia como meio de aproximação.

# X LÁ VEM A NOIVA

PARA JAIME o *reveillon* festejado com os amigos no “Sobre Águas”, as janeiras, a Primavera, o Verão e o seu aniversário, continuaram a ser um longo Inverno. Em junho regressou ao parque de campismo, repetindo o ciclo do ano anterior: cafés, gelados, snooker, mergulhos ao fim do dia. No final de julho Milène avisou-o que chegaria mais cedo – a um de agosto estaria em Portugal. O coração de Jaime finalmente viu a Primavera.

Rebeca, graças à tenra idade, tinha recuperado bem do parto de Jean Artur. Os últimos meses da gravidez haviam sido cansativos, não podendo fazer os afazeres domésticos convenientemente, e por isso tinha-se dedicado a aprender francês. Não pretendia ser doméstica toda a vida, e se não pudesse voltar a estudar queria fazer algo de útil e com sentido. Quase um ano depois já se sentia luso-francesa. Para ganhar algum dinheiro dedicou-se a comprar pela internet música

popular portuguesa e a vendê-la aos luso-franceses de Village du Paris du Sud, com uma percentagem de lucro.

Por razões que Rebeca tomou por óbvias recusou-se a usar o vestido do casamento da sua mãe. Por isso o dinheiro que ganhou na venda dos cds, investi-o num vestido pérola, todo ele em renda que lembrava os brincos de Viana, com decote no peito e nas costas, e um laço na cintura, atando atrás. Caia nos pés formando pétalas, e em vez de tiara tradicional, optou por uma em malmequeres. Custou-lhe todo o dinheiro ganho. As damas de honor seriam Milène e Lara, que usariam vestidos de cetim pérola, com gola em barco, e um laço à cinturada, atando lateralmente.

Os preparativos ocupavam a cabeça de toda a gente, tanto que Milène tinha de fugir todos os fins-de-tarde para ver Jaime, quando este saía do parque de campismo e ia até ao rio. Pelo menos até que o casamento tivesse lugar. Catarina e Idalina trataram da igreja, marcando a celebração para o feriado de dia 15 de agosto, antes das comemorações da Senhora de Pomares. A cerimónia teria lugar ao meio-dia, depois da missa da manhã. Artur e Augusto ocuparam-se do copo-de-água que seria no “Mira-Rio”, como era costume. Milène tinha a seu cargo os convites e a organização das mesas.

Finalmente o dia chegou. Estava uma manhã quente, quente demais pensava Pierre, que sentia uma enorme vontade de estar no rio. É verdade que acordara cedo para mergulhar, mas ali em Pomares, sem os seus amigos franceses, argelinos e de outras nacionalidades, não tinha tido uma despedida de solteiro em grande, merecida, por isso sentia um vazio dentro de si, uma sensação de ciclo não cumprido, embora não o soubesse colocar nesses termos. Na noite anterior, Jaime levou-o, juntamente com Vasco e Afonso até ao “Sobre Águas”, onde beberam bastante. Em seguida foram até Guimarães, a uma discoteca, onde beberam mais e mais dançaram. Mas Pierre não tinha ido a uma casa de strip nem pago a nenhuma prostituta para fazer algo novo, diferente. Por isso não tinha tido uma despedida de solteiro bombástica, daquelas que se veem nos filmes e séries norte-americanos. À falta de mais amigos, Jaime fazia de padrinho, de *bestman*, ajudando-o a vestir-se. Artur estava também no quarto do filho. Rejeitando o alfaiate local, para grande desaprovação do mesmo, Pierre foi até Coimbra com o pai comprar o fato. Escolheu um fato preto, brilhante, com camisa pérola com laivos brilhantes de azul e lilás, gravata preta, e um cinto preto com uma enorme fivela com a referência do estilista. Os sapatos, de atacadores, brilhantes, eram

ligeiramente bicudos. Nem Jaime nem Artur gostaram particularmente da indumentária, mas Pierre ia orgulhoso de si.

Foram de carro para a igreja, chegando cinco minutos antes da hora, e posicionando-se no altar. Rebeca que se preparava em casa dos pais, meio a contragosto, com a ajuda de Lara e Milène, sentia-se uma princesa, afinal era amplamente apaixonada por Pierre, e o filho, Jean Artur fora uma contrariedade boa. E ali estava ele, ao colo de Catarina, a avó, a beber o biberão. O vestido assentava-lhe perfeitamente, e o cabelo ficara fantástico com a intervenção de Lucy (na verdade Lúcia) a cabeleireira local, que vivera uns tempos no Luxemburgo.

Todos ocupavam os seus lugares. A noiva chegou apenas vinte minutos atrasada, com Milène e Rebeca na cauda do véu. A marcha nupcial ouviu-se grave na igreja, ressoando entre o altar, as paredes e os corpos, e Pierre sentiu um nervoso maior do que quando o hino nacional toca e os jogadores da seleção portuguesa levam a mão ao peito. Não achava que fosse alegria, afinal nunca fora apaixonado por Rebeca. Puxando o filme atrás Pierre sempre vira a sua agora noiva como uma conquista de Verão. Nada mais. E mesmo agora, que viviam na mesma casa e que iam casar, tinha algum afeto por ela, mas não era amor, longe disso. No máximo habitava-lhe uma palpitação sexual, fruto mais da idade do que de uma relação emocional com Rebeca.

Além disso, em nome da verdade, durante a gravidez nem isso lhe habitou. A transformação física de Rebeca perturbou Pierre, e desde que o bebê nasceu também não se aproximou dela, traumatizado pela ideia do parto.

No entanto, talvez graças ao vestido, Rebeca vinha bonita. Não sendo feia, Rebeca era uma jovem normal, com feições normais, estatura média, com algum peito e pouco mais. No entanto, Pierre, que se tinha a si em boa conta, era um banal rapaz português, com um toque chunga, que só havia atraído a atenção de Rebeca porque chegara a Pomares com o rótulo de “francês”, um *quelque chose* que os emigrantes trazem no regresso à terra.

Ao lado de Pierre, Jaime estava deslumbrado com Milène. O vestido ficava-lhe bem, mas o penteado e a maquilhagem realçavam a sua beleza, o seu cabelo negro com uma tiara prateada, e os seus olhos esmeralda a condizer com o colar, simples, em fino fio de ouro branco, com uma esmeralda pequena em formato de lágrima. Jaime estava mais feliz do que o noivo. Milène, concentrada na sua função, só olhara para Jaime uma única vez – quando chegou ao altar -, o suficiente, contudo, para ver que o seu fato ficava-lhe bem, simples, preto baço, com gravata rosa em camisa branca. Dava um melhor noivo que Pierre, pensou.



A cerimónia seguiu normal. Escuso-me a relatar, bem imaginando que os amáveis leitores já terão presenciado pelo menos um casamento, conhecendo o “irmãos e irmãs, estamos aqui reunidos...”, etc., etc., etc. Terminada a cerimónia, com algumas lágrimas, apertos de mão e abraços, os noivos assinaram onde tinham de assinar, e saíram porta-fora debaixo de um banho de arroz. Foram tiradas as fotografias da praxe, com a família na escadaria da igreja, e as dicas do fotografo sempre a atrasarem o processo: “juntem-se mais”, “o cavalheiro lá em cima, sim o senhor, importa-se de chegar mais para a direita? Obrigado”, e por aí em diante. Os estômagos já se faziam ouvir, e não era pouco.

“Uma fotografia dos noivos no carro, ora aí está.”. “Agora mais outra. Muito bem”. “O noivo coloque a mão na mão da noiva para se verem as alianças. Assim, isso mesmo”.

Trinta minutos depois saíram em direção ao “Beira-Rio”, viagem que felizmente não tomava mais do que dez minutos, quinze contando com a marcha lenta própria do acontecimento. Tiras em renda foram atadas nas antenas dos carros, e o carro dos noivos, um velho automóvel de 1950, preto, de marca francesa, foi decorado com laços e tiras de cetim e renda.

Buzinadelas, tantas, enchendo o ar de Pomares, perturbando aquele início de tarde. Uma marcha lenta de carros a apitar, braços de fora, risos e um calor imenso.

Já no “Mira-Rio”, entre acepipes e beberetes, crianças a correrem, e uma cacofonia de línguas, formando uma micro-torre de Babel, foram tiradas mais um sem fim de fotografias. Todos os convidados faziam questão de tirar uma foto com os noivos. Fotografias que, em muitos casos, ficariam depositadas nalgum álbum que mal se voltará a abrir. Os noivos, coitados, ao sol eternamente a sorrir. Ele suado por baixo da camisa e do blazer, ela com agressivas dores nos pés causadas por sapatos agora estreados.

Finalmente os convidados foram chamados a entrar na tenda. Os seus nomes estavam devidamente anunciados em papéis misturando as bandeiras de Portugal e França, enquanto as mesas tinham por temas a Provença e Pomares em diferentes estações do ano, com fotografias a rigor, por baixo do vidro da mesa. Enquanto os mais jovens gostavam da ideia, as tias e demais de outras gerações olhavam com desdém, esperando algo mais formal. Milène esforçou-se e teve um bom resultado, por amor de Deus!

A entrada dos noivos foi ao som de palmas e inúmeros talheres a baterem nos pratos. A loiça previa-se que não estaria a salvo, afinal

que casamento bem português não é passado ao som das facas, garfos e colheres a baterem nos pratos e copos chamando os noivos a um beijo?

A refeição foi anunciada por trompetes, e enquanto todos comiam a banda ia tocando música popular portuguesa, sobre beija-beijas, bailaricos, noivas, casamentos, e amantes que afinal haviam. Depois da sobremesa, e antes que os convidados dissipassem para a pista de dança simulando comboios a apitar e outras danças, Artur pegou no microfone e pediu a palavra. Era hora do presente de casamento: as chaves do apartamento, o 2ºB, do prédio onde moravam, em Village du Paris du Sud. Os pais dos noivos haviam-se juntado para pagar a entrada e o aluguer durante dois anos. Tempo suficiente para se organizarem a começarem a pagar eles mesmos. Depois começou a longa marcha dos envelopes, que são “só uma lembrança” ou “só uma ajuda, que sabes que a tia não pode”. Seguiu a música, a mesa dos doces, o porco no espeto. Jaime e Milène dançaram bastante tempo. Tempo suficiente para terem sido notados e as perguntas surgirem.

A tarde foi avançando e decidiu-se ser hora do *bouquet* da noiva mudar de mãos, seguir novo rumo, anunciar uma futura noiva. Várias solteironas desesperadas empurravam as jovens envergonhadas e

## UM AGOSTO PORTUGUÊS

outras tantas desinteressadas. Milène ria-se com Gisele, mas isso não impediu que o *bouquet* cai-se caprichosamente nos seus braços.

# XI CALOR D'AGOSTO

DEPOIS DO CASAMENTO Rebeca e Pierre foram uma semana para Itália. Veneza, cidade do romance. O pequeno Jean Artur ficou entregue a Catarina, que desempenhava o papel de mãe novamente, com satisfação. Milène ajudava, o indispensável, mas não o suficiente. A criança não era responsabilidade sua e por muito que gostasse do sobrinho preferia a água fresca do Sereno, na praia principal, e os fins de tarde com Jaime. Artur e Catarina nada perguntavam. Sabiam quem o rapaz era, e desde Kazim um português agradava-lhes o bastante para não interferirem. Desejavam apenas que Milène não trilhasse o caminho de Rebeca.

Catarina e Artur não eram pessoas de ir até ao Sereno, a banhos. Todavia, o agosto já se queria ir embora e o tempo de regresso a casa anunciava-se. As festas da Senhora de Pomares haviam terminado, por

isso a Semana da Juventude que trazia atividades para todas as idades levou o casal Neves às águas do Sereno. Enquanto Artur estendia a barriga ao sol, lendo amiúde os jornais desportivos, Catarina participava da aula de hidroginástica, com grande entusiasmo. Milène juntou-se-lhe por insistência e acabou por se divertir. Jaime surgiu entretanto, com os seus inevitáveis calções floridos azuis, para o torneio a pares de voleibol, formando equipa com Vasco.

Vendo Milène observar Jaime a jogar, Catarina interveio:

- Queres falar-me dele?
- Do Jaime? Ah, é o amigo do Pierre cá de Pomares.
- Só isso?
- Sim, que mais havia de ser?
- Quando quiseres falar...

Milène mergulhou no Sereno, desviando a conversa. Catarina sorriu e fingiu esquecer o assunto. Com Pierre casado qualquer vergonha que assombrasse a família estava dissipada. E com isto lembrou-se da sua história. Em Milène depositava a esperança de uma história de amor normal. Iria investigar aquele Jaime.

## XII A CURVA

VASCO TINHA juntado algum dinheiro a trabalhar no supermercado de Pomares, propriedade de Francisco Simões. Com o dinheiro comprou uma mota de baixa cilindrada, mas que cumpria bem a função de o transportar pela vila mas acima de tudo de lhe fazer subir o estatuto entre os amigos. Comprou-a em Coimbra e veio nela até Pomares, testando as curvas vertiginosas pela serra. À noite fez a sua iniciação no caminho até ao “Sobre Águas” onde os amigos a batizaram com cerveja nas rodas. Vasco sentia-se especial. A festa “Do Caribe” estava animada, com música *caliente* e muito rum. Jaime e Milène dançaram bastante, parando apenas para buscar mais bebidas ou para um beijo mais prolongado. Afonso dançava com Carla. Entre bebidas a mais e uns beijos soltos, Carla convenceu Vasco e levá-la a dar uma volta de mota. Pediu um capacete a Jaime sob a promessa de ter cuidado.

Colocaram os capacetes e Vasco acelerou sem sair do lugar, criando suspense. Arrancou devagar, correspondendo ao pedido de Jaime e principalmente de Carla, que nunca tinha andado de mota. Percorreram Pomares pelo coração até à extremidade, onde fica o posto da Guarda Nacional Republicana. Passaram à porta suave e lentamente, antes de acelerarem em direção a Casal da Serra, uma terriola a cinco quilómetros de Pomares, onde quase não há eletricidade. “Leva-me até à serra”, pediu Carla. “Tens a certeza?”, “sim, allez allez”. Incentivado por Carla, misturando adrenalina, álcool e desejo de exibição, Vasco acelerou serra acima, enfrentando curvas perigosas e pouco iluminadas, enquanto Carla gritava sons de satisfação e pedia “mais rápido”. As casas tinham as luzes apagadas àquela hora e os candeeiros eram poucos. As árvores tapavam fortemente o brilho do luar tornando a viagem num desafio tremendo. Com a irresponsabilidade própria de quem leva apenas algum sangue no meio do álcool, Vasco rasgava a noite com Carla colada a si. Afonso conhecia bem o trajeto, quase o poderia descrever de olhos fechados, no entanto não contou que naquela noite estivesse numa das bermas mais largas um camião estacionado, carregado de lenha. À velocidade que se deslocava, sentindo o vento por todo o corpo, semicerrando os olhos na noite densa, não viu o camião senão tarde demais. Ao travar



perdeu o controlo da mota, caindo e arrancando o asfalto com o seu corpo, com o de Carla e com a estrutura metálica da mota que provocava faíscas. Embateram violentamente violando o silêncio profundo da noite, carne contra madeira, metal contra metal. Carla embateu primeiro em Vasco e depois passou por baixo do camião, menorizando os estranhos, ficando pouco mais do que esfolada na testa, braços e pernas, e várias escoriações. Estava em choque mas estava ilesa. Vasco embateu todo ele contra a madeira. O capacete protegeu a vida dos jovens, mas não impediu o impacto que Vasco sentiu nas costas, um som de ossos a quebrarem e algo bem mais fundo a desligar. As decisões têm consequências.

## XIII A DOR AUSENTE

JAIME LEVOU trinta minutos a chegar ao local. Seguia ele e Milène, com Afonso ao volante do seu próprio automóvel. A moto em chamas serviu de tocha na escura noite, uma tocha com cheiro a gasolina. “Ali!” apontou Jaime. Afonso travou a fundo junto do local do acidente. Saíram do carro como flechas disparadas por arqueiros em tempos de guerra. Vasco tinha as roupas rasgadas e estava inconsciente, totalmente enfaixado na lenha cortada de fresco cujo aroma a eucalipto se entranhou na roupa, misturando-se com a gasolina e o sangue. Carla estava consciente mas em estado de choque.

“É melhor não lhes tocarmos”, admoestou Milène, “chamem uma ambulância”. Afonso ligou ao tio. Eram quase três da manhã por isso Armando estaria nos bombeiros, com certeza. “Vamos já para aí. Controlem o fogo, se tiverem com apaga-lo melhor, não vá a moto ir pelos ares e matar-vos a todos. Até já”. Desligou.

Em pouco mais de vinte minutos chegou uma ambulância e um carro de bombeiros, com pequeno engenho de combate aos incêndios. Friamente Jaime e Afonso haviam tentado minimizar o fogo com uma garrafa de água de meio litro, e aliviando a bexiga, com Milène de costas voltadas.

A equipa dos bombeiros apagou o resto do incêndio rapidamente e cobriu a gasolina com espuma devida. Imobilizaram Vasco e levaram-no para o hospital de Coimbra. A Carla administraram-lhe algo para as dores e para o choque e levaram-na para observação.

Amanheceu com Jaime, Milène e Afonso na sala de espera. Os exames a Carla só revelaram uma costela partida. O resto eram escoriações que o tempo cura. Ainda não eram sete horas da manhã quando os pais de Vasco entraram na sala de espera. Minutos depois chegaram os pais de Carla e com eles os de Milène. Os primeiros dirigiram-se a Jaime procurando saber algo, enquanto os segundo interrogavam Milène. Cada um contando, um em português, outro em francês, rapidamente os factos. Em línguas diferentes os relatos batiam certo como um relógio suíço.

Um homem alto, magro, com cabelo claro, bem penteado e disfarçando o início da calvície, barba aparada e algumas rugas dos

cinquenta anos, entrou na sala. A bata branca impôs o silêncio. Dentro de minutos poderiam ver os respetivos filhos. Carla teria alta no dia seguinte mas recomendava-se um raspanete. Quanto a Vasco... o raspanete era dispensável porque as notícias eram já más o quanto-baste. “O seu quadro clínico” – linguagem própria dos profissionais da saúde alheia – “revelava-se estável, embora ainda inspire alguns cuidados. Em todo o caso, lamento informar que o vosso filho sofreu uma lesão na coluna cervical e na melhor hipótese e num quadro francamente positivo é expectável que fique paraplégico”. Pediu licença e retirou-se, deixando Jaime a traduzir o melhor possível, o linguajar distante e demasiado científico para conter algum grama de humanidade dentro, ao mesmo tempo que o choro tomava Dona Fernanda de assalto.

A família de Carla que pretendia ir tirar justificações junto dos pais de Vasco, como se os progenitores pudessem controlar as decisões dos filhos fora de casa, guardou as palavras e a fúria dentro de si. Bem no fundo sabiam que Carla não tinha sido raptada ou levada à força para cima da mota. Além disso, porque uma mãe conhece o coração dos seus pares, a dor de Dona Fernanda comoveu sobremaneira Fátima, que só se reconhecia como mãe de Carla pelo cartão de identidade, que Fátima não gostava do “Dona” e isso fazia-se

notar nos seus cabelos curtos e pintados de vermelho, e nas suas roupas demasiado justas para o excesso de curvas que se debatiam dentro.

Amparada pelo marido, Carlos, Dona Fernanda sentou-se no sofá, sem forças para visitar o filho, estendido numa cama do hospital, imobilizado para toda a vida, uma vida que num ápice ruiu. As enfermeiras trazem-lhe um copo de água com um calmante. “A senhora precisará de forças pelo seu filho, concentre-se nele”. Tinham razão, concordava com aceno de cabeça o Senhor Carlos.

Jaime e Milène despediram-se com um sorriso e o coração pesado por uma noite eterna, um fantasma com cheiro a gasolina, sangue e álcool. Um fantasma chamado irresponsabilidade.

## XIV ONZE LARGOS MESES

VASCO entrou em depressão, incapaz de lidar com o seu novo estado. Enterrou a sua dor na bebida, e recusou-se a sair de casa. Apenas os amigos mais chegados, como Jaime e Afonso, continuaram a visitá-lo em casa. Os demais, que eram na verdade meros conhecidos, passaram a falar dele como se tivesse falecido, usando sempre a sua pessoa como uma referência do passado.

No resto do Verão recusou-se a ir ao karaoke, ao rio, ao “Sobre Águas”, mesmo contando com o apoio e a insistência de Jaime e Afonso. Não queria ser o aleijadinho de quem todos têm pena, argumentou.

Jaime e Milène aproveitavam ao máximo. Durante o dia Milène estava na praia ou em casa a ler ou ver televisão. Invariavelmente, pelas dezoito e trinta estava na praia, altura em que Jaime chegaria de mochila às costas e uma vontade imensa de mergulhar entre beijos e

abraços. Carla e os pais tinham regressado a França, como castigo pela leviandade da filha. Afonso e Abigaíl namoriscavam, cientes de que uma semana não lhes daria para nada.

As despedidas repetiam o ciclo do ano anterior: ansiedade, medo, lágrimas, saudades antecipadas, a tristeza de um longo inverno de onze largos meses.

Jaime e Afonso visitavam Vasco quase diariamente. O Outono e o Inverno tiveram o condão de fazer de Vasco uma pessoa menos taciturna, numa irónica inversão de humores e estações. Filmes, videojogos e até idas ao “Sobre Águas” marcaram a aceitação da sua definitiva condição, e assim Vasco foi aprendendo as artimanhas da autossuficiência. A universidade ficou por ir, mesmo depois de ter vindo a carta de admissão ao curso de engenharia. Escreveria a relatar a sua situação, se tivesse disposição para isso, e talvez adiasse um ano a sua entrada, ou definitivamente. Vasco vivia com a incerteza por companhia.

As camisolas e os casacos que tapavam Jaime do frio e da chuva não mantinham o seu coração quente. Os emails, as videochamadas, nada chegava para aproximá-lo de Milène, que mantinha a sua atenção virada para as aulas de culinária. Oficializada a relação, os pais de

## UM AGOSTO PORTUGUÊS

Milène e Pierre (que regressara da Lua-de-Mel a tempo de consertar com Chico uma grande fuga numa canalização ao fundo da rua) convidaram-no a passar uns dias em Village du Paris au Sud, convite que se viu obrigado a declinar por não querer abandonar a mãe, doente de uma queda, nas escadas da entrada da casa, numa manhã de chuva fina.

Mais uma vez, onze meses pareceram a Jaime longos onze anos. Fazia o que tinha de fazer e contava os dias. A solidão de Pomares ajudava-o a sentir-se mais nostálgico, e em cada folha castanha, caída no rio ou no chão, a certeza de que ainda faltavam alguns meses para o verde voltar e o calor irromper, e com ele voltar Milène.



XV  
1948

JOAQUIM jamais imaginara que o Verão traria as despedidas à terra. A vida de casado ia-lhe sendo cómoda. Tinha dois filhos pequenos os quais alimentava o melhor que podia, com o fruto do trabalho seu e dos seus. Não era um homem feliz, já sabemos, mas a infelicidade ia sendo cada vez menor, pelo que “do mal o menos” podemos nós já bem dizer.

Odete vivia a vida de casada, que não era um conto-de-fadas mas também esses ela não conhecia. Portanto era uma senhora como as outras, pois, que outra coisa não se esperava que fosse nem ela o saberia ser. Dedicada aos filhos e ao marido, procurava agradar e não contestava as decisões de Joaquim, mesmo quando achava que não eram as melhores. O que mais gostava da vida era sentir o sol na cara, ajudar as plantações a crescerem, cuidador dos filhos e as festas, ah as festas. Este ano Maria Odete e Manuel António, os seus filhos, iriam

vestidos de anjos, por isso os finais de noite, depois do jantar, eram ocupados a costurar, esgotando a vista em nome do orgulho materno.

Por alturas do maio florido Manuel Simão abeira-se da filha e diz que os espera para jantar lá em casa, que tem um assunto para falar a Joaquim, ou “Jaquim” nas suas palavras. E assim foi. Depois de um caldo verde bem servido e de um copo de vinho bem bebido, traz-se então o assunto à mesa:

- Ora, é o seguinte Jaquim: um primo meu disse-me que há trabalho para a gente numa fábrica de bolachas lá para os lados do Porto. O salário diz que é jeitoso e que dão casa.
- Pois... então e largávamos tudo?
- Não, rapaz. Fazíamos uns aninhos naquilo, que não sabemos quanto tempo dá, e deixávamos a terra em descanso. As vinhas não fogem.
- Mas há trabalho só para nós dois ou para Odete também?
- Não, vamos todos, teu pai também.
- Vou pensar no assunto.
- Pois, mas pensa depressa que há muitos para o lugar.

E assim Joaquim deu-se por decidido e informou a mulher que a enxada ficaria pousada sobre a terra, e iriam fazer bolachas. O trabalho começava em setembro. Até lá as mudanças eram preparadas. Uma camioneta viria busca-los. Levariam apenas as roupas e os pertences necessários. “A casa tem móveis”, diz o meu primo.

E o maio fugiu depressa, nas ansiedades e preparativos, na queima para fertilizar a terra com as cinzas. Os mais pequenos deveriam ir para a escola, coisa que o patrão tratava diretamente com o governo da Nação. Com as festas de agosto vieram os fogos-presos, os andores e Manuel António e Maria Odete vestidos de anjos na procissão em honra da Senhora de Pomares. Os homens da família levaram os andores em pedido de proteção na aventura que lhes esperava: uma nova terra, uma vida nova.

Joaquim ia todas as noites para a festa rija, bebendo e convivendo com os amigos. Por cortesia perdeu o torneio da malha para o seu pai, que bem sabia que o filho o fizera de propósito. Coisa, aliás, que Joaquim voltaria a fazer em favor do seu filho anos mais tarde. Mas adiante. Numa dessas noite, trazia Joaquim já o sangue bem embebido em vinho, quando se cruzou com Julieta. Vinha esta de regresso a casa, depois de levar o filho a ver os palhaços que tinham vindo da cidade de propósito para animar os mais pequenos, com a bênção do senhor

padre. A noite estava escura e a estrada deserta. O calor aquecia o sangue e o vinho entorpecia a razão. Além do mais Joaquim não havia esquecido Julieta, tinha apenas trancado a sua recordação bem fundo de si. Sabia-a sozinha e fragilizada. Acompanhou-a a casa, negando segundas intenções logo à partida, prometendo apenas proteger mãe e filho de algum animal noturno. À porta preparava-se para um adeus, quando Julieta lhe atirou um “espera”, única palavra dita no caminho todo.

Julieta deitou o filho e veio cá fora, trazendo pão e vinho para ambos. Joaquim viu-a iluminada pela lua, aquele tempo depois, continuava a ser uma mulher bonita, a mais bonita de Pomares e arredores. O pão não chegou a ser terminado nem o vinho todo ele bebido. Ali, naquela noite quente de Pomares, sempre com o Sereno por testemunha silenciosa, Joaquim pode sentir o corpo de Julieta, quente, contra o seu, a esquentar. O tempo foi suprimido. Joaquim e Julieta eram solteiros e ingênuos outra vez. O amor era livre, puro e os sonhos podiam realizar-se. E no fim, depois dos corpos saciados e cansadas de um tudo, as mentes retomaram a verdade. No quarto ao lado José Maria dormia.

Joaquim levantou-se sem dizer nada e enquanto vestia as calças Julieta perguntou-lhe: “o que nos aconteceu, Joaquim?”. Joaquim

olhando-a nos olhos disse: “a vida, aconteceu-nos a vida”. Vestiu-se e saiu, para sempre, deixando Julieta com Eugénia dentro de si.

## XVI JAIME E OS NEVES

A MATANÇA do porco em casa da família Neves marcava a entrada do agosto para os portugueses de França, naturais de Pomares. Milène dispensava o sangue e o guinchar que acompanham a ocasião. Convidou Jaime e a mãe para almoçar, segundo indicações dos seus pais.

No seu pequeno quarto, Jaime olhava-se ao espelho pela milésima vez, enquanto a sua mãe terminava o arroz-doce, que ela não era senhora de ir com as mãos a abanar a casa de outrem, como disse três vezes naquela manhã de domingo. Apanharam um táxi na paragem, mesmo em frente ao talho de Américo Miranda. Dona Maria da Piedade ajeitava a saia negra, temendo que o banco do táxi a deixasse amarrotada. O luto pela morte do marido, há um punhado de anos,

vítima de um cancro nos pulmões, seria a única cor que ocuparia o seu armário, até ao fim dos seus dias.

Foi Rebeca, com o filho de dois anos pela mão, e outro na barriga (mas que mal se nota), que lhes abriu a porta. “Olá, sejam bem-vindos”. Maria da Piedade foi conduzida até à cozinha, onde entregou o arroz-doce a Catarina, que a recebeu com um sorriso e dois cordiais beijos nas faces. Apesar de envergonhada, a mãe de Jaime era uma mulher forte e determinada, com a força que o campo lhe deu, e rapidamente se ocupou de ajudar “no que fosse preciso”, como bem anunciou, colocando o avental que trazia na sua mala.

Pierre recebeu Jaime com um abraço. O rapaz com aspeto de rapper norte-americano havia dado lugar a um rapaz de calças de ganga, t-shirt e chinelos. Um aperto de mão descontraído e Jaime foi conduzido à matança do porco, onde não poderia fazer má prestação diante do possível futuro sogro.

Artur deu as boas-vindas a Jaime com seriedade. A camisa com sangue dava-lhe um ar ameaçador e pouco anfitrião. “Alguma vez mataste o porco, rapaz?”, foi a primeira interpelação de Artur a Jaime. “Não senhor”. “Há uma primeira vez para tudo”. Jaime acabou por fazer parilha com Pierre, ambos uns passos atrás do cenário, traumatizados pela violência do sangramento do animal. Engoliram

em seco e pensaram para si mesmos que durante um tempo iriam comer apenas peixe. Por ali vinho e cerveja desciam pelas gargantas em quantidades significativas.

As mulheres ocupavam-se da mesa e da fatídica noite que atirou Vasco para a cadeira de rodas e Carla para França mais cedo. Além disso, bem sabiam que velhos tabus as proibiam de entrar no palco dos acontecimentos, em particular se estivessem menstruadas, isso sim, seria uma catástrofe. Sangue em dia de sangue dava azar, em especial para a carne, que certamente ficaria imprópria para consumo, esverdeando rapidamente. Seja como for, Milène dispensava bem todo aquele cenário sangrento, apesar de ter enfrentado o interior do porco à vista e um chão tingido de vermelho, para levar cerveja e caracóis. Olhou para Jaime e sorriu, piscando-lhe o olho. Teriam de esperar mais um pouco para matarem as saudades que parecia dilacerar-lhes o peito.

Debaixo de uma árvore foi montada uma mesa comprida, com tábuas, e colocadas cadeiras de vários formatos, para todos. Os restantes “franceses” iam chegando, nos carros de sempre ou até em carros novos, comprados ou alugados para “a família ver”. Mais uma vez as línguas se misturaram, ressaltando alguns palavrões em claro português.



Jaime jogava à bola com os rapazes, de todas as idades, numa partida despreocupada e alegre. Broa, pão, queijos, manteigas, chouriços e compotas de variados frutos distribuía-se pela mesa. Gargalhadas e carolos misturavam-se na boa mesa portuguesa. *Alors e avecs* com sabor a alho, azeite e chouriço. O cheiro a carapaus fritos e a arroz de tomate acionou a engrenagem da fome em cada um. Guardanapos presos à camisa, esfregar de mãos, mangas arregaçadas e um copo de vinho bem servido. *Tous très contents*.

A seguir ao almoço o sono tomou as crianças que foram dormir a sesta. Pierre e Rebeca adormeceram com *Le petit Jean*, as senhoras conviviam na cozinha e os homens jogavam às cartas. Milène e Jaime desapareceram serra à dentro, onde as sombras trazem o fresco e os beijos o consolo das saudades.

Jaime e a senhora sua mãe foram convidados a jantarem *chez* Neves, coisa que deixou Maria da Piedade desconfortável que só tinha “trazido uma sobremesa para o almoço, e não dar trabalho não é coisa que goste”. Formalidades linguísticas das boas-maneiras portuguesas, pois bem.

Eram dezassete horas e um quarto quando Jaime e Milène chegaram do Sereno. Traziam os cabelos molhados, e Milène a toalha enrolada pelo peito. A cozinha estava arrumada e a mesa posta. Havia

no ar um cheiro quente a sopa de feijão e couve portuguesa, a costeletas de porco, batatas fritas e molhos franceses. A jura de Pierre e Jaime de não comerem carne ficou por terra. A força do estômago tem sinuosos e inesperados caminhos.

A relação de Milène e Jaime ia consolidando-se dia após dia, um amor tremendo, incontestável, arrebatador. Artur começou a seduzir Jaime com promessas de oportunidade de trabalho em terras francesas, fosse na vindima, na agricultura ou na construção civil. Quanto a Maria da Piedade ele que não se preocupasse que estabilizado teria condições de a chamar também.

O Lugar do Sol voltou ao mapa das férias de Milène, que agora tudo registava com o telemóvel e partilhava na internet, deixando as amigas francesas decididas a uma visita num Verão futuro. Jaime continuava o seu serviço no bar do parque de campismo, sempre igual, entre cafés e gelados. O “Sobre Águas” animava as noites em Pomares de Beira Sereno, e já haviam fotos dos luso-franceses nas paredes, instantes eternizados de Verões passados e do presente. Imprimir e colar. Nesse ano Jaime fez parte de uma das equipas de futebol de Pomares, num torneio que reunia todas as terras à volta e que os de Pomares tinham

tradição de vencer. Depois do jantar a população ia até ao ringue, e enquanto as crianças comiam gelados os adultos conviviam entre copos de vinho e garrafas de cervejas, uns gritos, apupos e apoios aos jovens em competição. Milène não faltava a um jogo de Jaime.

Depois vieram as festas em honra da Senhora de Pomares, com a romaria, os bailaricos, e todos os costumes que se impõem perpetuar. Jaime comprava sempre um punhado de rifas para Milène, raramente com algum brinde, uma fartura ou um churro. Nesse ano havia também uma barraca de tiro ao alvo, e Jaime tendo derrubado latas suficientes recebeu um urso de peluche com um coração vermelho nas mãos. Uma prenda de amor, com o quanto de piroso o amor tem, que Milène passou a tomar como companhia nas suas noites.

O jovem casal não dançava nos bailaricos mas não se envergonhava de assistir aos casais que varriam agarrados o largo da igreja. Assistiram à missa e à procissão em grande devoção, optando sempre que possível pelo rio. Ademais, os dias de Jaime eram marcados pela marcha dos campistas mais do que pela marcha das festividades.

A fâisca entre Afonso e Abigaïl, iniciada no ano anterior, não teve repercussão no Verão seguinte, mais não seja porque a jovem se apaixonou por um rapaz de Viseu que vivia em Marselha e que era colega na universidade. Assim Afonso passou o Verão atrás de turistas

## UM AGOSTO PORTUGUÊS

de Lisboa e do Porto, sem grande sucesso a não ser com uma tal de Margarida, uma rapariga baixa, de cabelo escuro, demasiado magra para quaisquer roupas, mas disponível a fazer do Verão uma memória para a vida.

## XVII FOGO DA PAIXÃO

O ribombar dos foguetes marca o tempo das celebrações. Como um despertador militar, o rebentar que traz as canas de volta à terra acorda os mais preguiçosos para um novo dia em memória da Senhora de Pomares de Beira Sereno. O Sereno que não dorme vai-se enchendo de turistas, de locais, de cremes e protetores solares, enquanto as suas margens se cobrem de toalhas de mil cores, gritos, risos e todo o tipo de brincadeiras.

Vasco estava à janela do quarto quando viu os foguetes rasgarem o céu. Estava sozinho em casa, enquanto os pais trabalhavam e o deixavam encarregue da sua autossuficiência. Viu uma das canas cair no seu quintal. Afastou-se e foi jogar videojogos de guerra, futebol e carros de corrida. Absorvido pelo prazer dos jogos, deixando as limitações físicas e vivendo as personagens dos jogos como verdadeiros “eus”, não sentiu o cheiro a queimado. A erva seca no

quintal começou a arder, primeiro lentamente, depois com labaredas cada vez maiores. O fogo, deus insaciável, foi lambendo tudo à sua volta. Plantas, enxadas, os vasos das flores, os baldes de plástico, e não tardou que abraçasse a pequena casa de madeira onde o seu pai guardava os utensílios agrícolas. O fogo consumia sem dó, enquanto Afonso conquistava a cidade aos inimigos. No ecrã as cidades romanas ardiam e lá fora ardiam as ferramentas do pai, as flores da mãe, a sua bicicleta que não usava, e tantas outras coisas que pertenciam à história daquele lar, ao dia-a-dia, coisas que eram marcas da vida. Uma vida que se consumia em tons laranja.

Quando o fogo tomou a casa de assalto, sem pedir licença e sem convite, e o fumo foi pintando as paredes de negro, Vasco sentiu um pânico nunca antes experimentado. Largou os comandos no chão, entregando as armas ao inimigo, e agarrando firme nas rodas da cadeira avançou até à porta da sala. Impedida. O fogo avançava sobre ele como um touro descontrolado, como uma imensa boca prestes a engoli-lo. O coração a mil, os pulmões a encherem-se de fumo, uma tosse cada vez mais violenta.

O fumo era agora visível ao longe, podendo contudo ser confundido com uma queimada ilegal, mas uma queimada controlada. Jaime que vinha a sair de casa para mais um dia de trabalho no parque

de campismo, pela primeira vez visivelmente atrasado – “o despertador não tocou ou não o ouvi?” – olhou para o cimo da rua e viu fumo e fogo, numa dança incessante e de descontrolada coreografia. “Vasco!”, foi o seu pensamento. Largou a scooter no chão e correu até à casa, sem se lembrar que na sua lambreta chegaria mais depressa. Cansado da subida íngreme, em direção ao coração da serra, cuja casa de Vasco era fronteira entre os Homens e a Natureza, Jaime avaliou o grotesco cenário. Era com se os deuses tivessem decidido fazer um churrasco com a casa de Vasco. “Vasoooooooo!!!”, gritou. Nada, nem um som, a não ser o da madeira a queimar e a estalar, e o usto de mil e uma coisas a produzirem um odor que revirava o estômago. Não seria fácil entrar. Rasgou a sua t-shirt e molhou-a numa mangueira usada para a rega. Colocou um pedaço em frente da boca e do nariz, procurando produzir oxigénio suficiente para entrar em casa e tentar salvar Vasco. As primeiras sirenes já se ouviam. Armando de capacete e fato vestido, pronto a entrar em ação conjuntamente com os seus companheiros. O Verão era sempre um período de intenso trabalho. Desde os pirómanos, aos oportunistas que queriam transformar reservas naturais em áreas habilitadas para a construção, madeireiros, aos mais descuidados e irresponsáveis sujeitos, atirando

orgulhosamente as beatas pela janela do carro ou deixando lixo inflamável depois de um piquenique. O sol aquece a terra e faz o resto.

Jaime sabia que não poderia esperar os dez minutos que levariam a chegar ao local. Aliás, dentro de si tinha uma sensação de que mesmo agora era já tarde demais. O calor na ombreira da porta era insuportável. Era como se estivesse às portas do Inferno. Pontapeou a porta. Nada. Voltou a pontapear três vezes, parando entre elas para recuperar o fôlego. Olhou em volta e viu uma pedra, grande o suficiente para fazer a porta ceder. Reuniu forças e pegando-lhe atirou-a com toda a força contra a fechadura. Um mar de labaredas recebeu-o de braços abertos quando a porta cedeu. O ar alimentou ainda mais o fogo. Jaime voltou a correr até à mangueira, já quente do fogo que se lhe aproximava, e molhou-se todo na esperança de formar uma barreira contra o deus que tudo consome. Lá dentro um terrível cheiro a queimado e um lençol de fumo que feria os olhos. “Vascoooo!!!”. Nada. “Vascoooooooooo!!!!!!!”. “Aquiii”, lá bem ao fundo. O fogo tomava a casa de um assalto. Lá fora os bombeiros estendiam as mangueiras e preparavam-se para entrar na casa. Água. O fogo no jardim era extinto permitindo a passagem aos heróis que tomariam a casa em busca de vítimas das chamas. Madeira caía, móveis eram transformados em nada.



A população foi acorrendo ao fogo. A mãe de Vasco gritava com o pânico tomando-lhe o corpo. O pai queria entrar, desse por onde desse, à procura do filho. Levem-me a mim, deixem-no viver. Mas o fogo não negociava resgates.

Jaime conseguiu chegar junto de Vasco, já a sua cadeira de rodas ardia e o jovem estendia-se no chão, puxando pela vida com os braços. Jaime deu-lhe o seu trapo para respirar. Tosse. Pulmões cada vez mais entupidos. “Vamos morrer aqui. Pira-te Jaime! Deixa-me”. “Nem pensar, saímos os dois”. Impossível. Jaime não conseguia levantar o amigo do chão. A vida na cadeira de rodas tinha-lhe trazido mais vinte quilos. “Tá aí alguém???”. “Aqui”, conseguiu gritar Jaime, quase a desfalecer. Depois o silêncio que sucede ao caos. Uma imensa bola de fogo engoliu a casa e entrou pela serra levando pinheiros e carvalhos. Bombeiros sem mãos a medir numa luta desleal para controlar a ira de um fogo que reclama cada vez mais vítimas.

Carlos estava de joelhos no chão em lágrimas. Dona Fernanda desmaiou de imediato. Lágrimas. Gritos. Desespero. Caos. E o fogo consumindo tudo à sua volta. Mais tarde, depois do fogo extinto com a preciosa ajuda do Sereno que não desampara os seus, ir-se-ia descobrir que quando o fogo chegou à instalação elétrica a explosão foi imediata. Factos que não traziam os mortos de volta.

Quando a notícia chegou à família Neves Milène sentiu-se desfalecer. Artur e Pierre juntaram-se aos dezenas de homens e rapazes que arregaçaram as mangas e enfrentaram o fogo que consumia rapidamente a serra de Pomares até à sua extinção.

Foram precisos três dias para que se pusesse termo à destruição do verde. Cinzas. A vida feita cinzas. Pomares mergulhou em silêncio e dor. As festividades foram canceladas. A vila chorava os seus filhos. O luto era total. Milène entregou-se à solidão do quarto. Mal comia, pouco dormia. Lágrimas e mais lágrimas. Deambulava pela casa à noite, e por vezes descia até ao rio olhando a lua e ouvindo o correr do Sereno, seu confidente.

Alguns dos campistas que haviam ajudado no combate ao incêndio ficaram para o luto de Pomares. Não eram mais turistas, eram gente da terra. Os restantes abandonaram o parque em fuga, ainda durante o incêndio. Por isso, com Pomares entregue a si mesma, o “Sobre Águas” fez pausa na celebração das noites quentes, e o parque de campismo viu o Outono chegar em pleno Verão.

Dona Maria da Piedade chorava agora a morte do filho, sem mais espaço para traje de luto, depois da morte do marido. Estava absolutamente só. A família Neves visitava-a vezes sem conta. A senhora agradecia, oferecia chá, vinho e queijos, e reforçava que não

era necessário o incómodo. Somente Milène não ia, entregue à sua dor.

O funeral de Vasco e Jaime foi marcado para o mesmo dia e mesma hora. A memória da morte era agora mais do que das suas famílias, era de toda a população. Apesar de morto Jaime era um herói local, várias vezes enaltecido pela sua coragem em tentar salvar o amigo. O heroísmo de nada interessava a sua mãe, que o preferia cobarde mas vivo.

Até o velório, na noite anterior, havia sido em conjunto. Toda a população de Pomares marcou presença e várias novenas foram rezadas. O negro dos trajes, dos lenços, dos terços, das almas, fazia contraste com o branco das paredes da capela mortuária. Os caixões lado a lado. Amigos até na morte. Os corpos carbonizados estavam fechados. O espetáculo mórbido do caixão aberto foi evitado. As fotografias dos jovens, impressas em formato de poster, ladeavam os caixões e davam uma sensação de imortalidade, ao mesmo tempo que depositavam ainda mais tristeza nos corações já massacrados.

Milène estava sentada num canto. Numa cadeira. Imóvel. Nem uma palavra, nem uma ave-maria ou ámen. As ladainhas massacravam-na, abriam ainda mais feridas dentro de si. A repetição

monocórdica e constante de palavras que encomendam a alma a Deus, que rezam pela bondade divina, deixavam-na irritada e deprimida. Jaime tinha sido bom, não era preciso temer pela sua alma.

Apesar da consternação geral, alguns populares circulavam pela cena, convivendo. Há sempre alguém que vivencia um funeral como um momento de exibição familiar, normalmente um primo que conquistou algum sucesso. Naquele dia o folião em terras de moribundos era Zacarias, um luso-suíço que trabalhava numa empresa farmacêutica. Primo afastado de Jaime, ocorreu ao velório com uma alegria exacerbada para a ocasião. E lá andava ele, de grupo em grupo entregando o seu cartão de visita, parecendo um político em campanha ou, como alguém bem disse, “um peru inchado em vésperas de natal”.

Num canto da sala uma mesa estava recheada de bolos e pães, termos com chá e café, que sustentavam os estômagos em noite longa e que seriam o pequeno-almoço, quando o sol irrompesse no céu e a missa de corpo presente se anunciasse.

O padre Dimas enalteceu o espírito batalhador de Vasco na adversidade e o espírito de coragem de Jaime que não pensou duas vezes em enfrentar o perigo para salvar um amigo. Duas almas que Jesus acolheria junto de si, por Maria que sim. A procissão fúnebre

saiu da igreja em direção ao cemitério, não muito longe, dez minutos no máximo, ao ritmo que a marcha vai. Na frente Carlos, pai de Vasco, carrega uma imensa cruz de madeira. Vai vestido de negro, profundo. Atrás vai a carrinha funerária, transportando o que resta de Vasco e Jaime, e seguindo o andor de quatro rodas, vai o padre Dimas, dando o mote ao coro que o segue rezando, de cabeça baixa e olhar nos sapatos, mãos dadas à frente do corpo, passada lenta, numa marcha que procura manter os corpos mais tempo junto de si, antes de entregar à terra o que dela veio. Vão todos, apoiando-se uns nos outros, lágrimas nos olhos, peito demasiado pesado para que não se curvem sobre a dor. Rebeca e Pierre, Milène e Maria da Piedade, Artur e Catarina, Carlos e Fernanda, Afonso, Carla, Abigaíl, Motas, enfim, Pomares toda ela em peso.

No cemitério centenas de fotos olhavam-nos pesadamente. Palavras impressas em pedra. Últimos desejos, saudades gravadas. Caixões desceram à terra com palavras sagradas. Desespero do fim, desespero da realidade. Mães, pai, amigos, amores. Unísono de dor.

A dor de Milène não foi passando com os dias. Era já um fantasma de si mesma. Os olhos sem vida, olheiras demasiado profundas para que o esmeralda do olhar iluminasse o mundo.

Espírito vagante por entre as margens do Sereno. Só de longe assistiu à homenagem *post-mortem* a Jaime, que recebeu a medalha de coragem da Câmara Municipal, entregue a sua mãe, toda ela feita de dor e lágrimas. A medalha foi colocada na sua campa, para que jamais se esqueçam que ali jaz um herói.

Tinham passado cinco dias e a dor de Milène não diminuía, pelo contrário, aumentara drasticamente. Depois de mais uma noite a vaguear pela vila, amanheceu no Lugar da Ponte, descendo o complicado trilho, agora não se esquivando dos picos, dos rasgões da vegetação, e com as pernas feridas e ardentes, saltou da rocha para o Sereno, um salto sem medo, sem vida, sem nada. Mergulhou nas frias águas e o choque térmico não lhe importou. Saiu da água e deitou-se sobre o calor das rochas que a acolheu num abraço quente. Regressou a casa com o espírito renovado. Beijou a testa do pai e da mãe, abraçou o irmão e Rebeca, e deu colo a *petit* Jean. Almoçou com ânimo, comendo mais do que o normal, convivendo e rindo. Para Artur e Catarina a sua Milène estava de volta.

Eram onze horas da manhã e Catarina preparava o almoço. Sabia que era importante Milène descansar, mas queria a companhia da filha. Foi até ao quarto e bateu à porta. Nada. Milène dormia

profundamente, certamente. Abriu a porta e acendeu a luz. Branca. Milène estava ainda mais branca do que o normal. O esmeralda dos olhos era agora verde-água e vermelho. O cabelo em desalinho pendia da cama, como os braços. A cabeça de lado, virada para o nada. Ao seu lado uma caixa de comprimidos com apenas três ou quatro espalhados sobre os lençóis. Um papel. Em letra descuidada:

*Adieu. Merci a tous pour votre amitié et amour. J'aime m'attend.*

*Adieu. Milène.*

FIM